

Matheus Spézia de Oliveira

**OS SALMOS COMO AUXÍLIO MEDITATIVO PARA A
CONTEMPLAÇÃO DOS MISTÉRIOS DO ROSÁRIO MARIANO**

Trabalho de Conclusão de Curso
submetido ao Curso de Teologia da
Faculdade Católica de Santa Catarina
para a obtenção do Grau de Bacharel
em Teologia.

Orientador: Prof. Dr. Rafael Aléx
Lima da Silva

Florianópolis
2023

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Dom Afonso Niehues da FACASC.

Oliveira, Matheus Spézia de

Os salmos como auxílio meditativo para a contemplação dos mistérios do rosário mariano / Matheus Spézia de Oliveira; Orientador: Rafael Aléx Lima da Silva; Florianópolis, SC, 2023.

127 p.

TCC (Graduação - Teologia) - Faculdade Católica de Santa Catarina.

Inclui referências:

1. Salmos 2. Rosário Mariano 3. Espiritualidade 4. Igreja Católica. II. Título.



FACULDADE CATÓLICA DE SANTA CATARINA (FACASC)
Recredenciada pela Portaria Ministerial n. 205, de 03/02/2017 (DOU n. 26,06/02/2017, p.23)
Rua: Deputado Antônio Edu Vieira, 1524 - Caixa Postal nº 5041 - Bairro: Pantanal.88040-245 - Florianópolis (SC) - Brasil -
CNPJ nº 82 898 891/0005-33

Matheus Spézia de Oliveira

Os salmos como auxílio meditativo para a contemplação dos mistérios do rosário mariano

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do título de **Bacharel em Teologia** e aprovado em sua forma final pelo Curso de Teologia da FACASC.

Florianópolis, 10 de agosto de 2023.

Prof. Dr. Edson Adolfo Deretti
Coordenador do Curso

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Rafael Aléz Lima da Silva
Faculdade Católica de Santa Catarina Orientador(a)

Prof. Dr. Armando Acquaroli
Faculdade Católica de Santa Catarina Avaliador(a)

Prof. Dr. Gilson Meurer
Faculdade Católica de Santa Catarina Avaliador (a)

A todos os que depositam a confiança
de suas almas à Virgem Santíssima
por meio das contas do santo Rosário.

AGRADECIMENTOS

A Deus em primeiro lugar, por Sua misericórdia, que é eterna.

À Virgem Maria, por Seu amor maternal, que não conhece limites.

A todos os santos e anjos, por sua amizade sobrenatural, e ao meu anjo da guarda, pela sublime proteção e fidelidade.

À minha família, por todo o apoio e amor a mim dispensado.

Ao padre Rafael Aléx Lima da Silva, por me acompanhar e instruir nessa pesquisa.

A todos os meus amigos e irmãos de caminhada, pelo carinho e união em todos esses anos de estudo e crescimento na fé.

E a todos os meus benfeitores, diretos e indiretos, materiais e espirituais, por sua caridade e pronta ajuda para comigo.

Pelo Rosário, podemos tudo alcançar. Segundo uma bela comparação, é uma longa cadeia que liga o céu e a terra: uma das extremidades está entre as nossas mãos e a outra nas da Santíssima Virgem.

(Santa Teresinha do Menino Jesus)

Do fundo dos vossos corações, cantai a Deus salmos, hinos e cânticos espirituais, em ação de graças.

(Cl 3,16b)

RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso, de caráter de pesquisa bibliográfica-exploratória, visa contemplar e responder à seguinte indagação: *de que maneira os salmos da Sagrada Escritura podem ser utilizados na meditação de cada mistério do Rosário Mariano?* Para isso, apoiando-se nos escritos hagiográficos, da Tradição da Igreja, do Magistério Pontifício, da sagrada liturgia entre outros, o caminho proposto para cumprir esse objetivo está, em primeiro lugar, na compreensão dos salmos bíblicos e o seu livro homônimo; depois, no entendimento da oração do Rosário Mariano, incluindo sua história, método e eficácia, culminando, enfim, na relação proposta entre ambos os objetos, onde um ou mais salmos são empregados como subsídio contemplativo dos eventos salvíficos contidos no *Saltério Angélico*, tendo em vista sua índole profética, tipológica e hermenêutica, sustentada, dessa maneira, por um ou mais autores que observaram a mesma relação em maior ou menor intensidade.

Palavras-chave: Salmos. Rosário Mariano. Espiritualidade.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- 1Cor – *Primeira epístola de são Paulo aos Coríntios*
1Cr – *Primeiro livro das Crônicas*
1Rs – *Primeiro livro dos Reis*
1Tm – *Primeira epístola de são Paulo a Timóteo*
2Mc – *Segundo livro dos Macabeus*
2Sm – *Segundo livro de Samuel*
2Tm – *Segunda epístola de são Paulo a Timóteo*
aC – *Antes de Cristo*
ACR – *Ad Cæli Reginam*
Ap – *Livro do Apocalipse*
At – *Atos dos Apóstolos*
CEC – *Catecismo da Igreja Católica*
CRP – *Consueverunt Romani Pontifices*
DAp. – *Documento de Aparecida*
De Princ. – *De Principiis*
DH – *Denzinger-Hünermann*
Dt – *Livro do Deuteronomio*
DV – *Dei Verbum*
Eclo – *Livro do Eclesiástico*
EG – *Evangelii Gaudium*
Enarr. in Ps. – *Enarrationes in psalmos*
Ex – *Livro do Êxodo*
Fl – *Epístola de são Paulo aos Filipenses*
GE – *Gaudete et Exsultate*
Gl – *Epístola de são Paulo aos Gálatas*
Gn – *Livro do Gênesis*
gr. – *língua grega*
Hb – *Epístola aos Hebreus*
IGLH – *Instrução geral sobre a Liturgia das Horas*
IGMR – *Instrução geral sobre o Missal Romano*
In Verr. – *In Verrem*
Is – *Livro de Isaías*
Jo – *Evangelho segundo são João*
Jó – *Livro de Jó*
Jz – *Livro dos Juízes*
Lc – *Evangelho segundo são Lucas*
LG – *Lumen Gentium*
LXX – *Septuaginta*
Mc – *Evangelho segundo são Marcos*

MD – *Munificentissimus Deus*
MI – *Livro de Malaquias*
Mt – *Evangelho segundo são Mateus*
Ne – *Livro de Neemias*
Nm – *Livro dos Números*
NMI – *Novo Millennio Ineunte*
Pr – *Livro dos Provérbios*
Rm – *Epístola de são Paulo aos Romanos*
RM – *Redemptoris Mater*
RVM – *Rosarium Virginis Mariæ*
SA – *O santuário: memória, presença e profecia do Deus vivo*
SAO – *Supremi Apostolatus Officio*
SC – *Sacrosanctum Concilium*
Sl – *Livro dos Salmos*
Sum. Theol. – *Summa Theologica*
Tb – *Livro de Tobias*
TM – *Texto massorético*
VD – *Verbum Domini*
Vulg. – *Vulgata Latina*

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	19
1 OS SALMOS: A ORAÇÃO DO POVO DE DEUS	22
1.1 OS SALMOS E O SEU LIVRO.....	22
1.1.1 O que é um salmo?	22
1.1.2 O saltério, ou o livro dos Salmos	23
1.1.2.1 O número e a numeração dos salmos.....	25
1.1.2.2 Os cinco <i>livretos</i> dos salmos.....	26
1.1.3 Os salmos e a história da salvação	28
1.1.4 Os hagiógrafos, data de composição e compilação dos salmos	30
1.1.4.1 Os autores sálmicos.....	30
1.1.4.2 Data de composição dos salmos.....	31
1.1.5 Os gêneros literários dos salmos	32
1.1.5.1 Os hinos.....	33
1.1.5.2 Salmos de ação de graças.....	34
1.1.5.3 Os salmos de súplica.....	34
1.1.5.4 Os salmos sapienciais.....	35
1.1.5.5 Os salmos proféticos.....	36
1.1.5.6 Os salmos heterogêneos.....	37
1.2 O USO DOS SALMOS NA LITURGIA JUDAICA.....	37
1.2.1 A vida litúrgica do fiel judeu: a <i>berakah</i>, o <i>shema' Yisra'el</i>, a <i>tefillah</i> e a leitura da <i>Torá</i>	38
1.2.2 Na liturgia familiar	41
1.2.3 Na liturgia sinagagal	43
1.3 OS SALMOS COMO ORAÇÃO CRISTÃ.....	45
1.3.1 Os salmos como profecia e sua realização no Novo Testamento	45
1.3.2 Os salmos na oração e piedade cristãs	48
1.3.3 A liturgia cristã e os salmos	51
2 O ROSÁRIO MARIANO, SALTÉRIO DOS POBRES	55
2.1 A HISTÓRIA DO ROSÁRIO.....	56
2.1.1 A revelação de Nossa Senhora a São Domingos de Gusmão	57
2.1.2 Um mosaico que perpassa os séculos	59
2.1.2.1 Entre os séculos III e XV.....	60
2.1.2.2 O <i>Rosário dominicano</i> e a época moderna.....	62
2.2 A <i>FORMA</i> E O <i>SENTIDO</i> DO ROSÁRIO.....	67
2.2.1 A forma do Rosário Mariano	67
2.2.2 O sentido do Rosário Mariano	69
2.3 OS PAPAS E O ROSÁRIO.....	72

2.3.1 São Pio V, beato Pio IX e Leão XIII.....	73
2.3.2 São Pio X, Bento XV e Pio XI.....	74
2.3.3 Pio XII, são João XXIII e são Paulo VI.....	74
2.3.4 São João Paulo II, Bento XVI e Francisco.....	75
2.3.4.1 Os mistérios <i>luminosos</i> do Rosário.....	77
2.4 O ROSÁRIO COMO ORAÇÃO DO NOVO POVO DE DEUS.....	78
3 OS SALMOS COMO AUXÍLIO MEDITATIVO DOS MISTÉRIOS DO ROSÁRIO.....	83
3.1 COMO MEDITAR OS MISTÉRIOS DO ROSÁRIO A PARTIR DOS SALMOS?.....	84
3.2 OS MISTÉRIOS <i>GOZOSOS</i>	85
3.2.1 A <i>anunciação</i> do anjo à Nossa Senhora.....	86
3.2.2 A <i>visitação</i> de Nossa Senhora à santa Isabel.....	88
3.2.3 O <i>nascimento</i> do menino Jesus em Belém.....	90
3.2.4 A <i>apresentação</i> de Jesus no Templo.....	91
3.2.5 A <i>perda e o reencontro</i> de Jesus no Templo, aos doze anos.....	93
3.3 OS MISTÉRIOS <i>LUMINOSOS</i>	94
3.3.1 O <i>Batismo</i> de Jesus no rio Jordão.....	95
3.3.2 A <i>autorrevelação</i> de Jesus nas bodas de Caná.....	96
3.3.3 O <i>anúncio do Reino de Deus</i> e o convite à conversão.....	98
3.3.4 A <i>transfiguração</i> de Jesus no monte Tabor.....	99
3.3.5 A <i>instituição</i> da santíssima Eucaristia.....	101
3.4 OS MISTÉRIOS <i>DOLOROSOS</i>	102
3.4.1 A <i>agonia mortal</i> de Jesus no <i>Getsêmani</i>	103
3.4.2 A <i>flagelação</i> de Jesus atado à coluna.....	105
3.4.3 A <i>coroação de espinhos</i> em Jesus.....	106
3.4.4 A <i>subida dolorosa</i> de Cristo pelo monte Calvário.....	108
3.4.5 A <i>crucificação e a morte</i> de Jesus no alto do Calvário.....	109
3.5 OS MISTÉRIOS <i>GLORIOSOS</i>	111
3.5.1 A <i>ressurreição</i> de Jesus no terceiro dia.....	111
3.5.2 A <i>ascensão</i> de Jesus ao Céu.....	113
3.5.3 A <i>vinda do Espírito Santo</i> sobre Nossa Senhora e os Apóstolos.....	114
3.5.4 A <i>assunção</i> de Nossa Senhora ao Céu em corpo e alma.....	116
3.5.5 A <i>coroação</i> de Nossa Senhora como Rainha do Céu e da terra.....	118
CONCLUSÃO.....	121
REFERÊNCIAS.....	124

INTRODUÇÃO

A religião cristã não excluiu de seu arcabouço histórico toda a herança do antigo povo de Israel, mas antes, considera-a preciosa e fulcral para toda a história da Salvação. A própria Igreja se considera, com grande estima, o *novo Israel*, um povo fundado sobre a herança do antigo Israel. E o Concílio Vaticano II procurou, com toda caridade, estabelecer bons laços com aqueles que professam a religião judaica, nossos *irmãos mais velhos na fé*.

Embora consolidada desde sempre a grande veneração do Povo Eleito pelos cinco livros da *Torá*, uma coletânea de cento e cinquenta poemas sagrados inseridos nos escritos sagrados do *Tanakh* ocupa um especial lugar na alma tanto do israelita veterotestamentário quanto do judeu hodierno: o livro dos *Salmos*. Essa obra, coração do Velho Testamento, constitui em si uma síntese dos livros dessa mesma Aliança, pois: *relata existencialmente a alegria ou a tragédia do compositor* (e, conseqüentemente, de todo o povo, como podemos ver nos salmos que descrevem a história de Israel); *é oração*, que sempre se atualiza na vida do crente que salmodia, e; *é resposta de Deus*, diversa quanto aos meios, mas única no que diz respeito ao fim: a salvação. É um escrito, de fato, completo.

E a riqueza poética e orante que se encontra no saltério, mesmo tendo passado numerosos séculos desde o término de sua composição, é tão abundante e valiosa que o novo povo de Deus não poderia deixar de incorporá-la à vida espiritual da grei neotestamentária. Sem menosprezar os outros quarenta e cinco livros do Velho Testamento, os salmos são empregados exaustivamente na liturgia pública e privada da Igreja, além de ser alimento meditativo fortemente recomendado por esta para que os fiéis os utilizem em suas orações particulares.

Ademais, como no Antigo Pacto, em que Deus deu a Seu povo a oração, principalmente expressa nos salmos, como meio de proteção, socorro, louvor e penitência, muito mais agora, no Novo Testamento, não deixará à própria sorte aqueles que fazem parte da Igreja de Seu Filho. Dentre tantas orações que estão ao seu dispor, os católicos guardam um profundo carinho por uma prece em especial, de meditação dos principais eventos da Encarnação do Verbo: o *Rosário Mariano*.

Originalmente composto sobretudo por cento e cinquenta Ave-Marias, sua gênese está intimamente unida à oração dos salmos, e, por essa razão, a Tradição da Igreja o chamou de *Saltério dos Pobres*, pois a *Saudação Angélica*, incessantemente recitada, sobretudo pelo povo simples, foi o único *salmo* que pôde estar, por muito tempo, presente em

seus lábios. Isso se deu por conta de dificuldades existentes em tempos passados, quando o acesso aos livros, mesmo a cópias das Sagradas Escrituras, era raro e dispendioso (mormente na Antiguidade e Idade Média) e o analfabetismo, por sua vez, era geral, atingindo a maior parte da população (isso se deu, sobretudo na Antiguidade, Idade Média e Idade Moderna, até o século XX).

Dito isso, a presente monografia tem como seu objetivo principal compreender como os salmos da Escritura podem ser empregados na meditação dos mistérios do Rosário. A relevância desse tema, por sua vez, está em oferecer ao cristão a oportunidade de conjugar os dois Testamentos das Escrituras Sagradas em uma só ação oracional, tomando consciência da continuidade existente entre eles em apenas um desígnio de salvação, aprofundando seu conhecimento quanto aos textos sagrados a respeito de Jesus Cristo para um melhor aproveitamento das riquezas espirituais que os salmos e o Rosário oferecem.

Dividido em três capítulos para responder o problema proposto, homônimo ao objetivo principal, o trabalho em questão almeja, no primeiro capítulo, *mostrar a estrutura do livro dos Salmos e o seu uso e importância nas liturgias judaica e cristã*; no segundo capítulo, *explicitar o significado do Rosário Mariano e sua história, além de sua importância para a Igreja e o povo de Deus* e; por fim, no terceiro capítulo, *demonstrar a utilização dos salmos como auxílio meditativo para cada um dos vinte mistérios do Rosário Mariano*. Para tal, a bibliografia utilizada nessa confecção é ampla: litúrgica, histórica, dogmática, espiritual, bíblica, exegética e magisterial, contando com autores-chave, além de comentadores primários e secundários dos escritos sagrados, litúrgicos e históricos, principalmente.

Essas duas formas de oração – os salmos e o Rosário – conservam, essencialmente, uma atitude em comum: a meditação dos acontecimentos indispensáveis que tornaram possível o selar de ambos os Testamentos. E é o caráter profético dos salmos a respeito do Messias prometido (Lc 24,44), e o conteúdo de cada mistério do Rosário sobre os eventos da vida de Cristo, que unem essas duas orações em um só ato espiritual. De fato, as palavras inspiradas do salmista, que introduzem e iluminam o evento cristológico, fundem-se com a meditação da Encarnação, Vida, Paixão, Morte e Ressurreição do Senhor. E é isso que a monografia em questão procura perscrutar e aprofundar sua reflexão, a fim de ser um humilde instrumento do povo de Deus para o soerguimento de sua vida de oração e intimidade com Cristo por meio da contemplação dos mistérios salvíficos do Redentor em união com as palavras inspiradas do hagiógrafo sálmico.

1 OS SALMOS: A ORAÇÃO DO POVO DE DEUS

Dentre as setenta e três obras que compõem as Sagradas Escrituras para os católicos romanos (e das vinte e quatro para os judeus), o livro dos *Salmos*¹ é de maior extensão, já que abriga em si cento e cinquenta poemas, equivalentes esses aos capítulos que formam os demais livros bíblicos.

E não é por acaso que ele conserva esse grande tamanho, pois o mesmo livro é chamado por santo Tomás de Aquino, segundo a obra de Dom João E. M. Terra, *A oração no Antigo Testamento*, de “predileto da Igreja”, já que, de fato, toda a Escritura inspirada está contida nele.²

Dito isso, se pode notar, sem dificuldades, em um primeiro momento, a importância ímpar desse escrito na vida do povo de Deus, tanto da Velha, quanto da Nova Aliança.

1.1 OS SALMOS E O SEU LIVRO

Alguns elementos básicos são indispensáveis para o conhecimento dos salmos propriamente ditos e de seu livro homônimo contido na Bíblia. Ver-se-ão a seguir tópicos puramente teológicos sobre o assunto, como: o *conceito* de salmo, sua *composição*, seus *gêneros* entre outras informações. Porém, para uma compreensão mais global sobre o tema, se deve considerar também a sua gênese no seio do povo de Israel em meio às suas glórias e pelejas. É o que se propõe no que se segue.

1.1.1 O que é um salmo?

Para se ter uma definição inicial do que seja um salmo, o padre Luís I. J. Stadelmann, em sua obra *Os salmos: comentário e oração*, destaca o termo hebraico *mizmôr*,

¹ Por uma questão de padronização, foi escolhido pelo autor da monografia a seguinte disposição dos vocábulos *salmo* e *salmos* quanto à sua primeira letra: para indicar um salmo apenas ou um conjunto de salmos (podendo chegar até os cento e cinquenta), utilizar-se-á a letra *minúscula* e; para designar o livro hagiográfico dos mesmos poemas, a letra *maiúscula* será empregada.

² TERRA, João E. M. *A oração no Antigo Testamento*. São Paulo: Loyola, 1974. p. 101.

[...] que os LXX traduziram por *salmo*, palavra de origem grega que significa: cântico sacro, acompanhado de certo instrumento musical, chamado saltério. Nascidos do culto e para o culto, os salmos celebram a obra da salvação divina, conhecida pela religiosidade bíblica e por experiência interior, mediante a oração e reflexão teológica sobre a história do Povo Eleito e do desígnio salvífico de Deus a respeito de toda a humanidade.³

Essa descrição traz, de maneira satisfatória, a compreensão do que se faz mais importante no momento. Um salmo não é, portanto, um texto de caráter puramente civil e/ou filosófico (apesar de existirem alguns elementos que remetam a essas realidades, como, por exemplo, a descrição da vivência ética do bom homem no salmo 111(112)), mas a transcrição das maravilhas de Deus para com Seu povo.

Outro importante apontamento sobre o conceito de salmo é o seu surgimento *do* culto e a sua finalidade *para o* culto. Ora, a atmosfera cúltrica é afim à noção de *liturgia*, e, para entender melhor em qual meio estão inseridos os salmos, nos diz o Concílio Vaticano II em sua Constituição Conciliar sobre a Sagrada Liturgia, *Sacrosanctum Concilium*, que essa mesma liturgia nasce da “[...] obra da redenção dos homens e da glorificação perfeita de Deus [...]”,⁴ e que foi justamente “[...] prefigurada pelas suas grandes obras no povo da Antiga Aliança [...]”,⁵ sendo os poemas sagrados utilizados exaustivamente nesse serviço.

1.1.2 O *saltério*, ou o livro dos Salmos

Contudo, tão importante quanto conhecer *o salmo*, é conhecer *os salmos*, ou seja, a totalidade de seu conjunto. Para isso, as palavras do

³ STADELMANN, Luís I. J. **Os salmos**: comentário e oração. Petrópolis: Vozes, 1999. p. 11, grifo do autor.

⁴ CONCÍLIO VATICANO II, 1962-1965, Vaticano. **Constituição Conciliar Sacrosanctum Concilium**. Vaticano: 1963. Não paginado; SC 5. Disponível em: <https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19631204_sacrosanctum-concilium_po.html>. Acesso em 13 jan. 2023.

⁵ CONCÍLIO VATICANO II, 1963, não paginado; SC 5.

padre jesuíta e biblista Luís Alonso Schökel são muito convenientes. Com efeito, nos diz o espanhol a respeito do *saltério*:

O morfema [...] -erio indica coleção ou repertório [...]. Em hebraico é *seper tehllim* ou livro de hinos [...]. *Tehllim*, da raiz *hll*, significa hinos, loas, encômios, cantos de louvor. Tratando-se de repertório de orações, o destinatário do louvor é Deus [...].⁶

Além do hebraico, na tradução da LXX, este livro também recebeu um nome grego, do qual nos baseamos. Eis o que diz a antiga edição da *Tradução Ecumênica da Bíblia*, em sua introdução ao livro dos Salmos: “A obra, que a versão grega dos Setenta denomina *Psaltérion* ou *Psalmoi* – donde o título usual de *Livro dos Salmos* –, contém cento e cinquenta poemas”.⁷

Um primeiro ponto a se observar nessa definição é o seu caráter musical. Aqui, o termo utilizado pelo comentador quando se refere aos salmos não apenas como simples poemas, mas como orações, isto é, palavras dirigidas a Deus, é *repertório*. Essa palavra é conhecida popularmente no que diz respeito a uma coleção de músicas de determinado compositor. E isso vai ao encontro do principal companheiro de récita sálmica em seu contexto histórico primário: o saltério enquanto instrumento musical.⁸

Schökel continua sua exposição conjecturando os possíveis nomes que o saltério poderia ter recebido durante o tempo da Antiga Aliança, chamando-o de “manual de orações” ou “repertório oficial de orações”.⁹ Inclusive, é válido salientar sua reflexão quanto ao vocábulo *oficial* utilizado no último nome:

Acrescentei um adjetivo, *oficial*, que nos leva a outra observação. É provável que os israelitas conhecessem e usassem muitas outras orações. Ao longo do Antigo Testamento encontram-se

⁶ CARNITI, Cecilia; SCHÖKEL, Luis A. **Salmos I**: Salmos 1-72. Trad. João Rezende Costa. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2021a. pp. 72-73, grifo do autor.

⁷ BÍBLIA: Tradução Ecumênica. São Paulo: Loyola, 1994. p. 1001; Introdução aos Salmos, grifo do autor.

⁸ STADELMANN, 1999, p. 11.

⁹ CARNITI; SCHÖKEL, 2021a, p. 73.

espalhados outros *salmos* [...]. Todavia, num momento de sua história, os judeus estabeleceram uma coleção oficial de orações, formaram um *cânon*.¹⁰

Mesmo em meio aos vários cânticos, odes e hinos encontrados em outros livros (sem, evidentemente, os desprezar), sejam eles canônicos ou apócrifos, o presbítero espanhol é tácito em colocar os salmos como principal oração de Israel, e, certamente, não está equivocando: essa tamanha importância será vista mais adiante, na relação entre os salmos e a atual liturgia judaica, reflexo dos antigos cultos israelitas.

1.1.2.1 O número e a numeração dos salmos

Quanto ao número dos salmos contidos no saltério, são cento e cinquenta no hebraico e coleções antigas (o salmo 151, presente em muitas cópias da LXX, não se encontra no TM). Segundo Schökel, esse se trata de um número artificial, formando assim três blocos de cinquenta salmos ou cinco blocos de trinta. Isso, contudo, será visto adiante.¹¹

Quanto ao número de cada salmo, as versões hebraica e greco-latina não estão em total consonância, pois alguns salmos que no TM são considerados apenas um, na LXX e na Vulgata são divididos e adotam nova numeração, o que, em algumas vezes, pode se tornar algo confuso (contudo, na Nova Vulgata, optou-se pela numeração original massorética, preservando, porém, a versão da LXX entre parênteses). E o mesmo ocorre em sentido contrário, havendo dois salmos em hebraico que são um só no grego e latim. Isso ocorre três vezes no decorrer do saltério.

Atualmente, a maioria das bíblias católicas e todas as bíblias protestantes adotam a numeração hebraica (porém, nas bíblias católicas, a numeração grega e latina foi colocada entre parênteses), e as bíblias ortodoxas, algumas poucas bíblias católicas e a tradução litúrgica da Igreja utilizam a numeração proposta pela LXX.¹² A diferença entre elas ocorre por conta dos salmos 9 e 10; 114 e 115; 116 e; 147 do TM, que

¹⁰ CARNITI; SCHÖKEL, 2021a, p. 73.

¹¹ CARNITI; SCHÖKEL, 2021a, p. 74.

¹² CARNITI; SCHÖKEL, 2021a, p. 74.

na LXX se apresentam como os salmos 9 (sendo suas duas partes chamadas de *A* e *B*); 113; 114 e 115 e; 146 e 147. Os salmos de 12 a 113 e 117 a 146 no TM estão com uma numeração a menos na LXX. Os salmos não citados até agora estão iguais nas duas traduções.¹³

Apesar disso, como dito anteriormente, esse grande número de orações não forma um bloco único propriamente dito, mas está subdividido em cinco livros, como é comumente apresentado nas edições da Bíblia Sagrada.

1.1.2.2 Os cinco *livretos* dos salmos

O biblista Luís Stadelmann, em sua obra comentando o saltério, afirma que “Foram provavelmente razões litúrgicas que determinaram a divisão artificial do saltério em cinco partes, cada uma das quais termina em doxologia (SI 1-41, 42-72, 73-89, 90-106, 107-150)”.¹⁴ De fato, podemos notar a semelhança que há ao final de cada um dos cinco salmos pertencentes aos grandes blocos da obra total, configurando assim essa harmonia doxológica que é coroada com último salmo do cânon, conclusão esse tanto do quinto bloco, quanto do livro inteiro.

Eis o encerramento do salmo 40(41):¹⁵

–¹⁴ Bendito o Senhor, que é Deus de Israel, *
desde sempre, agora e sempre. Amém!¹⁶

Do salmo 71(72), doxologia do segundo livreto:

–¹⁸ Bendito seja o Senhor Deus de Israel, *
porque só ele realiza maravilhas!
–¹⁹ Bendito seja o seu nome glorioso! *

¹³ CARNITI; SCHÖKEL, 2021a, p. 74.

¹⁴ STADELMANN, 1999, pp. 11-12, grifo do autor.

¹⁵ Neste primeiro capítulo da presente monografia, e, sobretudo, com maior intensidade em seu capítulo conclusivo, o pesquisador optou por utilizar, como fonte dos textos bíblicos empregados no corpo da pesquisa, a *tradução litúrgica* utilizada pela Igreja no Brasil, ao invés da *Bíblia de Jerusalém*. O motivo dessa escolha é o de que a tonalidade empregada nos textos litúrgicos é de caráter mais poético e orante, favorecendo assim a experiência da união das palavras dos salmos na meditação dos mistérios do Rosário Mariano.

¹⁶ LITURGIA DAS HORAS. I. v. Petrópolis: Vozes, 1999a. p. 692; SI 40(41),14.

Bendito seja eternamente! Amém, amém!¹⁷

Do salmo 88(89), do terceiro bloco:

- ⁵² com os quais sou insultado pelos vossos inimigos, *
com os quais eles ultrajam vosso Ungido a cada passo!
- ⁵³ O Senhor seja bendito desde agora e para sempre! *
Bendito seja o Senhor Deus, eternamente!
Amém, amém!¹⁸

Antes de exibir a doxologia dos dois últimos salmos propostos, no salmo 88(89), exposto acima, juntamente com sua conclusão, foi acrescentado o último versículo antes dessa. Isso foi feito para mostrar como essa subdivisão quántupla da obra se sobrepõe até mesmo à própria estrutura genérica do salmo. Explico abaixo.

Desde o versículo 39 até o versículo 52 do texto sagrado, a ênfase está direcionada à lamentação do hagiógrafo, fazendo esse as vezes de Davi, que se lamuria de sua impotência diante da mão destra do inimigo, como está descrito no versículo 43. Todavia, há uma quebra radical de estilo entre os dois versículos citados acima, como que interrompendo o texto abruptamente, dando lugar ao seu louvor final. Este é o único caso dentre os cinco salmos doxológicos: os demais seguem, ao menos nos versículos imediatos ao final, um caráter de cunho laudatório.

Em seguida, o salmo 105(106), conclusão do quatro livreto:

- =⁴⁸ Seja bendito o Senhor Deus de Israel, †
desde sempre e pelos séculos sem fim! *
Que todo o povo diga Amém, oh sim,
Amém!¹⁹

E, por fim, o salmo 150, que preserva em sua totalidade um gênero de louvor, pois conclui toda a obra do saltério (porém, será aqui exposta apenas sua conclusão):

¹⁷ LITURGIA DAS HORAS, 1999a, p. 776; Sl 71(72),18-19.

¹⁸ LITURGIA DAS HORAS, 1999a, p. 860; Sl 88(89),52-53.

¹⁹ LITURGIA DAS HORAS, 1999a, p. 794; Sl 105(106),48.

– Louve a Deus tudo o que vive e que respira, *
tudo cante os louvores do Senhor!²⁰

Alonso Schökel, ao qual vai Stadelmann de encontro ao seu pensamento, afirma que essa divisão parece, de fato, ser de intenção canônica. Assemelhando-se à *Torá*, os cinco primeiros livros da Escritura Sagrada, o livro dos Salmos também formava uma espécie de *Pentateuco* oracional, tendo como seu autor ideal Davi, à semelhança de Moisés com os livros da Lei sinaítica.²¹

1.1.3 Os salmos e a história da salvação

Em união com a inspiração divina do hagiógrafo, a composição de cada um dos salmos foi também fruto de uma experiência, seja ela particular, como podemos ver, por exemplo, nos salmos de ação de graças individual; ou coletiva, expressos nos poemas sagrados de mesmo caráter, mas que “[...] são cânticos de gratidão pelos benefícios divinos concedidos ao Povo Eleito”.²² E isso vale também para os demais salmos, de características diferentes.

Nota-se aqui que há uma comunhão teândrica: Deus age na história e inspira o homem, e esse vivencia e contribui com a Salvação concedida pelo Senhor. E os salmos são, dentre outros, frutos nascidos dessa experiência.

Como já foi dito, esses poemas sagrados são orações. E o seu escopo é tão diversificado, que ali se encontram modelos de preces para as mais particulares condições que se apresentam na vida do homem. Com efeito, nos diz Stadelmann:

Os salmistas são poetas que traduzem as aspirações pessoais do Povo Eleito, em seu diálogo com Deus. Assim, ensinaram os fiéis a rezarem em meio a todas as vicissitudes históricas e abriram-lhes a visão para o âmbito da transcendência e da interioridade.²³

²⁰ LITURGIA DAS HORAS, 1999a, p. 716; SI 150,5b.

²¹ CARNITI; SCHÖKEL, 2021a, p. 75.

²² STADELMANN, 1999, pp. 39-40.

²³ STADELMANN, 1999, pp. 18-19.

A finalidade do salmo enquanto oração é conduzir aquele que o reza a Deus, de estar em contato com o Senhor e orientar a sua situação no mundo, seja ela próspera ou trágica, ao próprio Deus, para que Ele opere continuamente a Sua salvação na vida daquele que recorre ao Seu auxílio. E, como muitas vezes o homem, por suas limitações humanas, *não sabe pedir o que convém, e nem como convém*,²⁴ os salmos podem – e devem – ser muito utilizados em sua oração, pois eles dizem respeito a uma *oração a Deus utilizando das palavras do próprio Deus*.

A Constituição Dogmática *Dei Verbum*, sobre a Revelação divina, faz um importante apontamento sobre a importância do Velho Testamento para os cristãos, mas esse pensamento pode ser perfeitamente transposto quanto aos salmos para o povo de Israel, como faz o padre Stadelmann. Afirma o Concílio que nessas palavras “[...] se encontram sublimes doutrinas a respeito de Deus, uma sabedoria salutar a respeito da vida humana, bem como admiráveis tesouros de preces, nos quais, finalmente, está latente o mistério da nossa salvação”.²⁵ Pelo que foi visto até então, essa sentença se aplica aos salmos de maneira perene, ainda mais quando voltamos à máxima tomasiana descrita no início deste capítulo.

Não é apenas no *amanhã* do fiel que o salmo se concentra como normativa de vida e objeto de reflexão e discernimento para o desenvolvimento pessoal,²⁶ mas é também no *ontem*, no passado, que os poemas sagrados encontram matéria para conduzir a comunidade de fé nos caminhos de Deus, ilustrando, por meio de suas palavras, a misericórdia do Senhor e a infidelidade de Seu povo. E é ali que, sentindo-se honrado por tamanha ternura, faz sua contrição²⁷ e continua seu caminho. Os salmos que descrevem por excelência a história da Salvação do povo de Deus são os de número 77(78), 104(105) e 105(106). A Igreja os reservou, em sua salmodia perpétua, para os *tempos fortes*,²⁸ por sua clareza e detalhes quanto aos eventos salvíficos veterotestamentários.²⁹

²⁴ BÍBLIA de Jerusalém. 5. ed. São Paulo: Paulus, 2008; Rm 8,26b.

²⁵ CONCÍLIO VATICANO II, 1962-1965, Vaticano. **Constituição Dogmática *Dei Verbum***. Vaticano: 1965. Não paginado; DV 15. Disponível em: <https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/va_t-ii_const_19651118_dei-verbum_po.html>. Acesso em: 16 jan. 2023.

²⁶ STADELMANN, 1999, p. 20.

²⁷ Ne 9,1.

²⁸ Os tempos litúrgicos do Advento, Natal, Quaresma e Tempo Pascal.

²⁹ LITURGIA DAS HORAS, 1999a, p. 56; IGLH 130.

1.1.4 Os hagiógrafos, data de composição e compilação dos salmos

Atualmente, a teologia e exegese bíblicas descartam (ou, ao menos, colocam em xeque, com muitas dúvidas) as autorias e datações tradicionais que receberam os vários salmos, segundo consta no cabeçalho de sua maioria contida nas Sagradas Escrituras. Com o avanço da investigação histórico-crítica, outras teorias sobre o assunto são propostas e discutidas.

1.1.4.1 Os autores sálmicos

A hermenêutica contemporânea não parte da premissa de que os antropônimos que estão incluídos no início de vários salmos (como Davi, Asaf, Coré, Moisés etc.) são referência para a autoria ou, a partir dela, para a data de composição de cada salmo.³⁰ Segundo Stadelmann,

[...] os salmos surgiram em épocas diversas. Alguns, mais antigos, foram reformulados de acordo com novas circunstâncias históricas de Israel. [...] e, finalmente, talvez no século III aC, reunidos em coleção única.³¹

Os salmistas eram autores pertencentes às instituições religiosas de Israel e ao culto divino. Eram mediadores da graça de Deus em favor do povo e transmitiam a Revelação de Deus e as doutrinas santas. A mensagem confiada pelo Senhor a eles para ser levada às pessoas era então interpretada e escrita em caráter litúrgico para a comunidade orante. Isso tudo não era feito de maneira automática, mas contava com a total consciência e participação do hagiógrafo, que se sabia impulsionado pelo Senhor.³²

Cada salmo parte de um *eu* singular que o confecciona. E por se tratarem de autores anônimos, que, não se importando com os *direitos autorais* de sua obra, homenageiam, então, os grandes personagens da história sagrada os colocando como seus autores inspirados³³ (compreendendo aqui também uma atitude do autor que, para conferir mais legitimidade e credibilidade ao seu escrito, o *cede* a alguém que

³⁰ STADELMANN, 1999, p. 30.

³¹ STADELMANN, 1999, p. 11.

³² STADELMANN, 1999, p. 20.

³³ CARNITI; SCHÖKEL, 2021a, p. 72.

goza dessa posição junto ao povo). E, por isso, uma datação precisa dessa coletânea de orações não pode ser dada, mas apenas a sua reunião em um único fascículo e canonização de seu conteúdo, como vimos acima.

A *Tradução Ecumênica da Bíblia* afirma algo de conhecimento geral, mas, ao mesmo tempo, importante e útil para a compreensão desse problema:

A poesia israelita certamente existia bem antes de David. Prova disso é, entre outras, o grito de vingança de Lémek (Gn 4,23-24), a canção do poço (Nm 21,17-18), o cântico de Moisés e o cântico de Miriâm (Ex 15,1-21), a ode triunfal de Deborah (Jz 5,2-31). Entretanto, a tradição considera que David deu grande impulso à lírica sacra; ela o considera como o autor mais notável, o animador, o pai espiritual dos salmistas [...].³⁴

O rei Davi é considerado pelas próprias Escrituras como o *cantor dos salmos de Israel*.³⁵ E o livro dos Salmos foi então atribuído a ele pela tradição judaica e cristã. Porém, segundo Stadelmann, podemos ver alguns elementos históricos que nos aproximam de uma possível inserção cronológica dos salmos, ou, ao menos, de blocos onde estão inseridos, desacreditando, dessa forma, da autoria do personagem veterotestamentário.

1.1.4.2 Data de composição dos salmos

Stadelmann, em seu comentário aos Salmos, afirma que, após destruição dos santuários, ocasionada pela invasão e devastação hierosolimitana, muitos cânticos sacros foram, para a sua preservação, compilados em coleções. O exílio do povo de Deus foi, mais tarde, crivo de releitura para o seu uso cútico novamente: era necessária a redescoberta da mensagem inicial dos desígnios de Deus para com os Seus escolhidos.³⁶

Com o fim do exílio, o culto religioso do povo de Israel começou a ser restaurado, tendo como seu molde a tradição litúrgica que tinha

³⁴ BÍBLIA..., 1994, p. 1001; Introdução aos Salmos, grifo do autor.

³⁵ 2Sm 23,1; Eclo 47,11.

³⁶ STADELMANN, 1999, p. 31.

como seu centro o Templo de Jerusalém. Os cânticos sacros compilados foram recenseados. Os resultados dessa empreitada foram expressivos: em primeiro lugar, houve a troca do Nome genérico de Deus por *Senhor*, que está relacionado com a aliança de Deus com Seu povo; e os salmos que contêm esse nome (e, por isso, são os salmos que tratam da aliança) foram recolhidos em duas coleções, chamadas de *javistas* (Sl 3-41; 90-150).³⁷

Junto a isso, uma outra coleção de salmos (42-83) faz-se presente nesta grande compilação: a chamada *eloísta*, pois nela, o *Nome* de Deus escrito é um título genérico (*Elohim*). Aqui temos dois blocos sálmicos: de Coré (42-49) e de Asaf (73-83), integrados assim na *coleção davídica* (51-72), segundo o comentador. Por fim, um pequeno apêndice de salmos javistas de origens diversas (Sl 84-89) foi intercalado entre os anteriores (esses, de fato, já traziam o nome *Yahweh* para Deus), tratando do tema da aliança ou invocando ao Deus que salva.³⁸

Isso mostra que a composição dos salmos está em consonância com as experiências religiosas vividas por Israel durante boa parte da história da Salvação, açambarcando seus principais acontecimentos. Sua estrutura final, como conhecemos hoje, contudo, foi assim reunida e organizada mais tardiamente, após o período exílico.

1.1.5 Os gêneros literários dos salmos

Cada um desses cento e cinquenta poemas inspirados expressa uma forma de falar com Deus, a narração de um evento, uma exortação ou elogio etc. Essas diferentes maneiras da formação sálmica dizem respeito aos diversos *gêneros literários* nos quais os salmos podem ser classificados. É o que veremos a seguir.

Seis são as grandes famílias de gêneros, segundo Stadelmann: (i) *Hinos*; (ii) *Salmos de ação de graças*; (iii) *Salmos de súplica*; (iv) *Salmos sapienciais*; (v) *Salmos proféticos* e; (vi) *Salmos heterogêneos*.³⁹

³⁷ STADELMANN, 1999, p. 31.

³⁸ STADELMANN, 1999, p. 31.

³⁹ STADELMANN, 1999, p. 12-13 (apenas o esquema de Stadelmann será utilizado nessa seção, embora sejam conhecidas outras interpretações a respeito desse tema, incluindo a de Luís Alonso Schökel, que expõe, ao invés de seis, onze itens diferentes. Nesse caso, Schökel irá servir de auxílio e comentário para os gêneros expostos por Stadelmann).

Nos três primeiros gêneros, existem expressões ainda mais específicas que situam cada salmo em um estado de espírito no qual foi composto, como, por exemplo, nos *Hinos* existem os que fazem tributo ao *reinado de Deus*, outros são os *Cânticos de Sião*, outros ainda são os *Salmos de louvor*, além dos *Salmos da realeza* (quanto aos salmos *de ação de graças e de súplica*, essa subdivisão se faz apenas em *individual e coletiva* ou *nacional*).⁴⁰

Contudo, essas especificidades não serão abordadas no texto, para não haver demasiado alongamento nesse tema, sendo reservado apenas para o estudo dos gêneros maiores. Quanto aos três gêneros finais, essas categorias não são identificadas pelo comentador sálmico.⁴¹

1.1.5.1 Os hinos

No que diz respeito ao primeiro gênero, os *hinos*, Schökel os chama também de *loa* ou *encômio*. Segundo ele,

É um canto de louvor a Deus, de ordinário por suas obras. O tom é festivo e costuma ser coral. Pode-se esquematizar em introdução, corpo e conclusão. Fórmula germinal ou resumida: ‘louvai – o Senhor – porque é bom’.⁴²

Esse gênero sálmico é um dos mais comuns que se encontra no saltério. Se trata aqui, como diz o comentador, de um *louvor ordinário*, exaltando a Deus por ser Deus e pelo Seu agir majestoso. O pequeno esquema descrito acima é descrito por Schökel de maneira mais detalhada em seguida: quanto à *introdução*, esta é o convite do liturgo ao louvor; depois, no *corpo* do hino, são apresentadas as razões e temas concretos para o louvor, elucidados acima (o *ser e agir* divinos) e; por fim, na *conclusão*, costuma-se retornar ao começo.⁴³

⁴⁰ STADELMANN, 1999, p. 12.

⁴¹ STADELMANN, 1999, pp. 47-48.

⁴² CARNITI; SCHÖKEL, 2021a, p. 83, grifo do autor.

⁴³ CARNITI; SCHÖKEL, 2021a, p. 83.

1.1.5.2 Salmos de ação de graças

Chamados também de *eucaristia*,⁴⁴ esses salmos costumam ser individuais, embora, segundo Schökel, haja, talvez, algum gênero diverso em que o sujeito do salmo seja a comunidade ou o povo, porém, esse estilo acaba se mesclando de maneira muito profunda com o hino, que se dificulta o seu reconhecer e diferenciar, havendo, assim, até mesmo dúvidas sobre a existência de sua forma autônoma.⁴⁵

Quanto à sua estrutura comum, Stadelmann a classifica como: (i) na *introdução* há um tom *invitatório* ou *aclamatório*, convidando o interlocutor ao louvor; (ii) o *tema central* é desenvolvido em várias partes, *anamnese* da aflição; relato salvífico; promessa de ação de graças; preces pelos benefícios de Deus aos seus; e os louvores narrativos e descritivos. E então, “Na *conclusão* consta um pedido, ou uma exortação, lição, nova promessa de ação de graças, expressão de louvor, aclamação, doxologia”.⁴⁶

Indo de encontro à reflexão de Schökel, Stadelmann não descreve em sua obra sobre o problema dos salmos coletivos de ação de graças descrito acima no texto, mas apenas os indica com suas particularidades redacionais.⁴⁷

1.1.5.3 Os salmos de súplica

Gênero muito frequente no saltério. Aqui, a distinção entre súplica *individual* e *coletiva* ou *nacional* é visivelmente perceptível.

Nas súplicas individuais, divididas em três grupos por Schökel: (i) por *perseguição* ou *perigo*; (ii) por *enfermidade* e; (iii) do *inocente* injustiçado,⁴⁸ faz-se presente uma estrutura básica, que compreende

[...] uma invocação ao Senhor, com títulos; descrição da desgraça própria; a súplica, com domínio do imperativo ou passagem ao jussivo,⁴⁹ com acumulação de razões para mover a Deus;

⁴⁴ CARNITI; SCHÖKEL, 2021a, p. 86.

⁴⁵ CARNITI; SCHÖKEL, 2021a, p. 86.

⁴⁶ STADELMANN, 1999, p. 39, grifo do autor.

⁴⁷ STADELMANN, 1999, p. 40.

⁴⁸ CARNITI; SCHÖKEL, 2021a, p. 87.

⁴⁹ Que, assim como o imperativo, também exprime ordem, exortação ou pedido.

profissão de confiança e promessa de agradecimento.⁵⁰

O biblista espanhol afirma que as súplicas individuais são, como as coletivas, peças retóricas, interpelações ao Senhor para que auxilie e salve o suplicante, contudo, levanta uma problemática relevante: são, de fato, rogações singulares? Já que muitos, “[...] desde a antiguidade, escutam no eu desses salmos a voz da comunidade, ou então a voz de um liturgo que fala em nome de todos, ou então a voz do rei que incorpora em si a comunidade”.⁵¹

No que diz respeito às súplicas *nacionais* ou *coletivas*, estas apresentam a mesma estrutura das primeiras, porém, sua intenção está direcionada a um grito de socorro advindo de uma calamidade pública, como: derrotas militares, invasões estrangeiras, massacres, destruições, profanação do Templo e dos santuários, opressões dos pequenos pelos grandes, desastres de ordem agrícola e sanitária,⁵² entre outros.⁵³

Nesses salmos, o povo de Israel expõe sua angústia e roga ao Senhor sua libertação, multiplicando os motivos para a intervenção divina: alega sua inocência, confessa suas faltas, lembra os feitos do Senhor no passado, sobretudo Sua aliança. E Deus, que é fiel e justo, vem em socorro dos que o invocam confiantes.⁵⁴

1.1.5.4 Os salmos sapienciais

Esse gênero sálmico se distingue dos outros por seu tom sapiencial e didático, muitas vezes instrutivo, onde o salmista, na pessoa do orante, se põe em atitude reflexiva, sendo resultado dessa uma atitude normativa ética que conduz a pessoa a uma vida virtuosa, de comunhão e fidelidade para com o Senhor.⁵⁵

Pode-se propor aqui uma subdivisão nessa classe, com base em Alonso Schökel: em primeiro lugar, temos os salmos que meditam sobre a *condição humana* em seu aspecto ético e religioso, como, por exemplo, os de número 13(14) e 93(94); e os que se debruçam

⁵⁰ CARNITI; SCHÖKEL, 2021a, p. 88.

⁵¹ CARNITI; SCHÖKEL, 2021a, p. 87.

⁵² CARNITI; SCHÖKEL, 2021a, p. 86.

⁵³ BÍBLIA..., 1994, p. 1006; Introdução aos Salmos.

⁵⁴ BÍBLIA..., 1994, p. 1006; Introdução aos Salmos.

⁵⁵ STADELMANN, 1999, p. 47.

reflexivamente sobre o passado e a história, como os salmos 77(78), 104(105) e 106(107).⁵⁶

Quanto à sua estrutura basilar, segundo as palavras de Stadelmann, pode-se observar o seguinte:

A *introdução* é bastante variada: exclamação de louvor, admoestação, apelo, testemunho ou advertência. O *tema central* trata das atitudes de pessoas que se esforçam por desempenhar sua missão na vida, dentro dos parâmetros sócio-religiosos do Povo de Deus. [...] A *conclusão* encerra a oração com motivação, advertência, exclamação, votos, testemunho ou súplica.⁵⁷

Essa esquematização foge dos parâmetros vistos até então nos demais grupos genéricos e, por isso, seu número quantitativo no saltério não é expressivo. Com efeito, poucos são os salmos pertencentes a essa classe.

1.1.5.5 Os salmos proféticos

Estes salmos se assemelham com vários outros textos contidos nas Sagradas Escrituras, sobretudo dos livros Históricos e Proféticos, pois, a seu modo, exercem o caráter de denúncia da injustiça – feita, igualmente, pelos profetas em outros momentos da história da Salvação – praticada pelo povo de Israel, e, conseqüentemente, o seu rompimento com a aliança sagrada (com efeito, Deus nunca descumpriu suas promessas para com os israelitas, mas sempre se manteve fiel).⁵⁸

Assim como os demais gêneros descritos, também esse conserva uma estruturação comum, a saber: (i) na *introdução*, lamento; invectiva; aclamação de louvor ou uma *teofania*; no (ii) *corpo* do salmo, o tema central é exibido de maneira polêmica, pois aqui há um embate entre Deus, que é absoluto, e a idolatria. O hagiógrafo se faz defensor de Deus diante da injustiça, essa expressada na corrupção das autoridades religiosas e públicas, que abusando de seu poder, oprimem os desventurados, além, de, muitas vezes, serem também idólatras e; (iii)

⁵⁶ CARNITI; SCHÖKEL, 2021a, pp. 93-94.

⁵⁷ STADELMANN, 1999, p. 47, grifo do autor.

⁵⁸ STADELMANN, 1999, p. 47.

na *conclusão*, há oração de intercessão, além de lições, aclamações de louvor e súplicas.⁵⁹

Segundo Stadelmann, “O motivo de se rezarem esses salmos na oração comunitária é de advertir os fiéis que se previnam da contaminação do ambiente secularizado da sociedade”,⁶⁰ donde se pode concluir que esses salmos carregam também considerável teor sapiencial e instrucional.

1.1.5.6 Os salmos heterogêneos

Por fim, a categoria dos salmos *heterogêneos* também se faz presente no cânon sálmico. Esses poemas sagrados peculiares são conceituados como “[...] composições resultantes da justaposição de unidades poéticas de diversos gêneros literários, com características particulares e alteração de estilo no mesmo salmo”.⁶¹

Há uma razão que sustenta a existência desse bloco de salmos: aqui, podemos perceber a composição deles como oração, uma oração que se faz presente no drama existencial e espiritual da pessoa humana que entra em contato com Deus e conversa com Ele (por isso a abundância de gêneros literários: é a totalidade de uma vivência humana com todas as suas vicissitudes). Nas palavras do comentador suíço, “[...] a oração litúrgica não é monólogo sobre Deus, mas é diálogo realizado no mais vivo [...] encontro comunitário na presença divina”.⁶²

1.2 O USO DOS SALMOS NA LITURGIA JUDAICA

A *Bíblia de Jerusalém*, em sua *Introdução ao Pentateuco*, no que diz respeito à *Torá*, a coleção dos cinco primeiros livros do Velho Testamento que relatam desde a criação do mundo até a chegada na Terra Prometida, afirma que ela é “[...] o fundamento da religião judaica e [...] seu livro canônico por excelência, sua lei”.⁶³ Porém, ao observar mais de perto a rotina orante e litúrgica do judeu fiel, a presença dos salmos é fulcral e basilar para a realização das preces diárias e semanais que fazem parte do itinerário oracional judaico.

⁵⁹ STADELMANN, 1999, pp. 47-48.

⁶⁰ STADELMANN, 1999, p. 48.

⁶¹ STADELMANN, 1999, p. 48.

⁶² STADELMANN, 1999, p. 48.

⁶³ BÍBLIA..., 2008, p. 30; *Introdução ao Pentateuco*, grifo do autor.

De fato, sobre isso, o autor Carmine di Sante, em sua obra *La preghiera di Israele*, tem por objetivo redescobrir o valor da liturgia judaica e a sua comunhão com a liturgia cristã, como ele mesmo diz, na introdução do escrito:

O judaísmo não é o negativo sobre o qual se faz sobressair o positivo de Jesus e do cristianismo, mas é a *divina melodia* cuja beleza nos dá a medida da grandeza e da originalidade de Jesus e da cristandade.⁶⁴

Neste livro – que será usado exaustivamente como base para essa seção em questão –,⁶⁵ compêndio explicativo sobre o assunto, a presença dos Salmos é constante, perpassando todas as partes que o compõe.

1.2.1 A vida litúrgica do fiel judeu: a *berakah*, o *shema' Yiśra'el*, a *tefillah* e a leitura da *Torá*

A liturgia judaica é composta basicamente por três momentos: as *berakot* individuais, as orações familiares e o serviço sinagoga.⁶⁶ Esse tríplice nível está alicerçado sobre uma base comum, a *berakah*. Sobre ela, afirma di Sante: “A *berakah* (que nas escrituras cristãs é traduzida como *eucaristia* ou *eulogia* e em latim como *benedictio* ou *gratiarum actio*), era e é a oração por excelência da liturgia e da espiritualidade judaica”.⁶⁷ E nessas *berakot*, mormente as coletivas, os Salmos são largamente utilizados. Porém, para adentrarmos nessa esfera da vida de oração e culto judaicos, é necessário compreender o *núcleo gerador* de toda a sua liturgia, tendo um centro, já citado (a *berakah*) e a sua tríplice estrutura de sustento: o *shema' Yiśra'el*, a *tefillah* e a leitura da *Torá*.

Como fora dito anteriormente, a *berakah* é a grande oração que um judeu pode tributar a Deus da forma em que vive a sua religião. Porém, não se pode reduzir a compreensão que existe desse ato gratuito a uma simples dimensão da vida espiritual do fiel. Com efeito, nos diz o autor italiano sobre a grandeza dessa oração, afirmando que ela

⁶⁴ DI SANTE, Carmine. **Liturgia Judaica**: fontes, estrutura, orações e festas. Trad. João Aníbal G. S. Ferreira. São Paulo: Paulus, 2004. p. 17, grifo do autor.

⁶⁵ Isso se dá pela falta de outras obras que se assemelham ao tema que estejam acessíveis à pesquisa.

⁶⁶ DI SANTE, 2004, p. 265.

⁶⁷ DI SANTE, 2004, p. 27, grifo do autor.

[...] é um dos termos que condensa toda a riqueza e originalidade do pensamento hebraico; talvez o termo por excelência, no qual se resume a antropologia hebraica: o seu modo de colocar o homem diante de Deus e defronte ao mundo. De fato, a *berakah* define a tríplice relação: com Deus, com o mundo e com seus semelhantes.⁶⁸

Aqui, nota-se que se trata de uma atitude de bênção, louvor, agradecimento e admiração (outros sentidos que são dados para essa oração, de acordo com a sua tradução)⁶⁹ que açambarca todo o ser humano, desde o seu *ser*, passando pelo seu *estar* e *existir* chegando, evidentemente, até o seu *devir*, em postura de criatura diante de seu Criador, ao qual lhe deve sua toda a sua gratidão.

Podemos encontrar, no seguinte fragmento de bênção, um exemplo dessa relação do homem com essas realidades que o circundam. Ao dizer, por exemplo, *bendito sejas, Senhor, pelo fruto da terra*, ele reconhece o senhorio divino absoluto sobre o mundo criado e seus elementos; as coisas e os elementos do mesmo mundo para serem partilhados pelas criaturas humanas entre si e; as mesmas pessoas como irmãos, que devem rodear a mesa do banquete da vida e confraternizar em união.⁷⁰

Quanto ao *shema* ' *Yisra'el*, este significativo texto – primeira unidade estrutural da oração judaica – é apresentado nas palavras da Sagrada Escritura no livro do Deuteronômio, capítulo 6, dos versículos 4 a 7 principalmente. A estruturação do texto inspirado em questão é a que se segue: no quarto versículo há a invocação da unidade divina; no versículo quinto encontramos o convite ao amor indiviso do homem a Deus e; nos dois últimos versículos, as instruções para guardar e praticar esse mandamento, tanto sozinho quanto na convivência familiar. Outros trechos da Lei estão também, segundo di Sante, inseridos nessa oração, mas que não vem ao caso no momento.⁷¹

Dois pontos podem ser ressaltados para um melhor conhecimento de sua importância no judaísmo, além de tantos outros: em primeiro lugar, trata-se de um *credo*, uma profissão de fé judaica, que acompanha

⁶⁸ DI SANTE, 2004, p. 47, grifo do autor.

⁶⁹ DI SANTE, 2004, p. 47.

⁷⁰ DI SANTE, 2004, p. 47.

⁷¹ DI SANTE, 2004, p. 63.

o judeu em toda a sua vida e Ihe confere identidade de sua religião⁷² e; em segundo lugar, é proclamado pelo fiel na aurora e no ocaso diários, acompanhado de sete bênçãos,⁷³ cumprindo assim o mandamento de entoar essa oração ao levantar-se e ao se deitar.⁷⁴

No que diz respeito à *tefillah*, segunda unidade estrutural, esta é,

[...] depois do *shema*’, o segundo momento central da prece hebraica. Compõe-se de uma série de bênçãos breves ou orações feitas três vezes ao dia: de manhã, ao meio-dia e à tarde, e é a ‘Prece por excelência’ [...] da liturgia hebraica.⁷⁵

Essa grande petição é composta por dezoito bênçãos (porém, a décima-quarta se divide em duas, pressupondo, então, dezenove), e é chamada também, principalmente pelos judeus *asquenazes*, de *shemoneh-‘ésreh*, que significa, na língua hebraica, justamente a palavra *dezoito* (incluindo, evidentemente, o termo *berakot*, significando, portanto, *as dezoito bênçãos*). Sua composição é formada por três blocos de bênçãos (as *três bênçãos iniciais*, as *treze petições centrais* e as *três bênçãos finais*) contendo cinco temas para a oração (o *louvor a Deus*, os *bens espirituais*, os *bens materiais*, os *bens sociais* e o *agradecimento a Deus*), e deve ser recitada sempre de pé, olhando em direção a Jerusalém, individualmente, em silêncio e sem interrupções.⁷⁶

E, por fim, a terceira unidade estrutural da oração judaica é a leitura da *Torá* (em hebraico: *qeri’at Torah*). Esta é feita sobretudo comunitariamente, pois ocorre na sinagoga todas as segundas e terças-feiras, sábados e nos dias de festa ou *semifestivos*.⁷⁷

A prática da leitura da Lei pelos judeus parte da obediência ao mandamento de Dt 6,7, ordenando a escuta e memorização da *Torá* aos pais e filhos, de geração em geração. Sobre isso, diz o comentador:

Se o mandamento bíblico quer inculcar o amor à Palavra de Deus em todas as gerações, a *qeri’at Torah*, feita na sinagoga em determinados dias e

⁷² DI SANTE, 2004, p. 65.

⁷³ DI SANTE, 2004, pp. 77-93.

⁷⁴ Dt 6,7.

⁷⁵ DI SANTE, 2004, p. 93, grifo do autor.

⁷⁶ DI SANTE, 2004, passim.

⁷⁷ DI SANTE, 2004, p. 128.

de acordo com modalidades particulares, responde a este mandamento: com ela, o povo de Israel nutre-se da Palavra de Deus, lendo-a e comentando-a.⁷⁸

Não é possível compreender o judaísmo sem a *Torá*. De fato, é um dos seus pilares de sustentação, sua alma e substância.⁷⁹ Por isso, essa prática está intimamente ligada com as anteriores e com o seu núcleo mais profundo: a *berakah*.

1.2.2 Na liturgia familiar

Tendo sido feita a devida introdução à oração judaica na seção anterior, passemos à *liturgia familiar*, o primeiro dos dois grandes polos litúrgicos do fiel judeu em sua vida. Nesta dimensão religiosa, três são as principais celebrações a serem observadas: a *Birkat ha-mazon*, a refeição familiar diária; a festa do *shabbat*, semanal e; o *seder* pascal, de frequência anual.⁸⁰

O primeiro e mais íntimo momento litúrgico que um judeu vivencia é o da convivência familiar. E a expressão mais evidente da união que ocorre entre os membros que a compõe é a refeição tomada em comum, pois ali o alimento de cada dia é partilhado, conferindo vida e sustento a cada um. E é nesse fértil terreno de amor que a religião judaica crava as suas raízes basilares. Com efeito, di Sante acrescenta: “A refeição familiar representa [...] o ato religioso por excelência. [...] Alimentar-se [...] é a condição indispensável para qualquer outra atividade mental e espiritual”.⁸¹

Na *Birkat ha-mazon*, junto à refeição em si, há duas bênçãos, que iniciam e findam o momento fraterno. O conjunto forma o rito litúrgico-familiar diário. A primeira bênção, chamada de *Birkat ha-moši*, inicia a refeição, é brevíssima, e é rezada da seguinte forma: *sê bendito, Senhor nosso Deus, rei do universo, que tiras o pão da terra*. Essas palavras são retiradas justamente de um salmo, o 103(104), versículo 14.⁸²

Mas é ao final da refeição que a principal bênção, mais longa e sistemática, é proferida, a chamada *Birkat ha-mazon*, ou *bênção sobre*

⁷⁸ DI SANTE, 2004, p. 128, grifo do autor.

⁷⁹ DI SANTE, 2004, p. 128.

⁸⁰ DI SANTE, 2004, p. 158.

⁸¹ DI SANTE, 2004, p. 159.

⁸² DI SANTE, 2004, p. 162.

os alimentos. Ela é a mais importante bênção do ritual hebraico, e foi prescrita pela própria *Torá*. É no final dela que os salmos, em silêncio e individualmente, são recitados. Aqui, os salmos 33(34),11 e 36(37),25 expressam a confiança do justo em Deus, que não será desamparado.⁸³

Partindo agora para a festividade sabatina judaica, iniciada no ocaso da sexta-feira, estendendo-se até o pôr-do-sol do sábado no calendário civil, esta representa o ápice de toda a semana a síntese de todas as graças que Israel recebeu.⁸⁴

Ela está sustentada sobre três ritos que mostram sua *luminosidade*: a *berakah* proferida pela mãe após o acendimento das velas do *shabbat*, proclamando a santidade divina; a reza do *qiddush*, recitado pelo pai, que distribui o copo de vinho e um pedaço de pão, declarando assim a santidade do sábado e; a *havdalah*, série de bênçãos que conclui o *shabbat* e dá início aos demais dias da semana.⁸⁵

Os elementos sálmicos aqui utilizados durante o dia festivo são, de acordo com o comentador, os trechos retirados dos salmos 3,9; 45(46),12; além do versículo 13 do salmo 114-115(116), e são todos recitados na *havdalah*, o encerramento do *shabbat*. Eles recordam a bênção de Deus sobre o povo, o Senhor que lhe é fortaleza, e o Nome do Senhor, fonte de salvação.⁸⁶

Por fim, quanto ao *seder* pascal, este se trata “[...] do mais sugestivo, do mais alegre e do mais inesquecível de todos os ritos familiares do judaísmo”.⁸⁷ E é nele que se celebra o evento mais importante da religião judaica: a libertação do povo de Israel da escravidão no Egito e o início da caminhada para Terra prometida.⁸⁸

Sua estrutura é complexa e muito detalhada, conservando em si elementos riquíssimos que descrevem, simbolicamente, os principais acontecimentos da noite da libertação da escravidão, tendo, ao todo, quatorze etapas ligadas entre si, porém, não vem ao caso descrever cada uma delas, visto que não é este o objetivo proposto. Contudo, os salmos utilizados serão apresentados.

⁸³ DI SANTE, 2004, passim.

⁸⁴ DI SANTE, 2004, p. 168.

⁸⁵ DI SANTE, 2004, passim.

⁸⁶ DI SANTE, 2004, pp. 175-176.

⁸⁷ MILLGRAM, Abraham E. *The Jewish Worship* apud DI SANTE, 2004, p. 177.

⁸⁸ Ex 12,31-42.

No quinto momento (*maggid*), ao narrar a libertação do Egito, salmos são entoados; no décimo-segundo bloco (*barek*), os salmos da *Birkat ha-mazon* são recitados e; por fim, no décimo-terceiro momento (*hallel*) os salmos de louvor, de 113B(115) a 117(118) são, por fim, proclamados.⁸⁹

1.2.3 Na liturgia sinagoga

O judeu não reza apenas em casa, sozinho ou com sua família. Também está muito presente em sua vida religiosa o âmbito *comunitário*, e é aí que entra a figura da *sinagoga*. Diz Di Sante que

Sinagoga (do grego *syn-agoge*, reunião/convocação), é a tradução do hebraico *bet ha-keneset*, que significa casa da assembleia [sic]. [...] Diferentemente do templo, [...] a sinagoga é caracterizada pela comunidade, que constitui seu sentido e sua substância.⁹⁰

Ela é o espaço comum da comunidade judaica inserida em uma determinada área. Ali, além da oração, o estudo das Escrituras (momento da *Torá*) é estimulado e praticado. Não há distinção religiosa ou social entre seus membros, predomina nela a *laicidade*: todos podem participar plenamente da liturgia (desde que tenha 12 ou 13 anos), proclamando as leituras sagradas, entoando cantos e hinos ou ensinando os seus semelhantes a partir da Lei.⁹¹

A liturgia das sinagogas é dividida de forma semanal em *dias úteis* e no *shabbat*, o principal dia da semana para o judeu, além da celebração cültica em dias especiais. E a récita salmódica se faz consideravelmente presente nessa realidade. Na rotina sinagoga, “[...] o culto é celebrado de manhã (*shahrit*), ao meio-dia (*minhah*) e à tarde (*ma'ariv*) além da reza do *shema'*, da *tefillah* e da *qeri'at Torah* [...]”.⁹² Vejamos, portanto, como os poemas sagrados são inseridos nessa realidade.

Nos dias úteis, os três primeiros serviços sagrados citados são sempre abertos pela leitura de um ou mais salmos preliminares,

⁸⁹ DI SANTE, 2004, pp. 179-180.

⁹⁰ DI SANTE, 2004, p. 188, grifo do autor.

⁹¹ DI SANTE, 2004, p. 188.

⁹² DI SANTE, 2004, p. 189, grifo do autor.

seguidos pelo *qaddish* (oração que proclama a santidade divina, exaltando sua grandeza e invocando, sobre todo o mundo, a consolação e a paz plenas que vêm do Senhor) pela manhã e ao meio-dia, e pelo *shema* 'à tarde'.⁹³

Quanto ao *shabbat*, dia a ser guardado, afirma o comentador:

Os judeus freqüentam [sic] a sinagoga nos dias úteis, mas principalmente aos sábados. Para o *shabbat* a liturgia é enriquecida de elementos simbólicos e de textos especiais, sendo entre eles os mais importantes: a *qabbalat shabbat* (a acolhida do sábado), o *nishmat kol hay* ('a alma de tudo que vive') e a leitura da Torá.⁹⁴

Como se pode notar, a liturgia sabatina na sinagoga é formada pelos ritos já observados durante os demais dias da semana, com o acréscimo desses acima citados, que garantem uma estrutura cültica mais complexa e solene, digna do dia memorial do descanso do Senhor,⁹⁵ e do ser humano.⁹⁶

No que diz respeito ao uso dos salmos nessa liturgia especial, já na *qabbalat shabbat* a sua presença é marcante. O autor diz que esse rito introdutório consiste em “[...] um conjunto de salmos e poemas que se recita à tarde da sexta-feira na sinagoga, como início da festa do sábado”.⁹⁷ Seis são os salmos iniciais, de 94(95) a 98(99), além do salmo 28(29), cada um representando um dia de trabalho, e dois salmos, 91(92) – o salmo do *shabbat* por excelência – e 92(93), encerram a acolhida do dia santo.⁹⁸ Isso mostra o grande apreço que o povo judeu tem pelos poemas sagrados: sua alegria em receber o sábado não se reduz ao uso de palavras próprias, mas são as próprias palavras de Deus empregadas para acolher o dia do Senhor.

Além disso, na ocorrência de acontecimentos particulares na comunidade, a presença dos salmos também ocorre. Se pode ver que no rito de circuncisão do menino, ao ser inserido na sinagoga pela primeira vez em sua vida, aos oito dias de idade, esse é recebido festivamente por

⁹³ DI SANTE, 2004, pp. 189-190.

⁹⁴ DI SANTE, 2004, p. 195, grifo do autor.

⁹⁵ Gn 2,2-3.

⁹⁶ Ex 20,9-11; Dt 5,12-15.

⁹⁷ DI SANTE, 2004, p. 195.

⁹⁸ DI SANTE, 2004, pp. 195-198.

seus correligionários, que entoam as palavras do salmo 117(118),26, reafirmando que aquele que vem em nome do Senhor é bendito. E num outro momento, situado no extremo oposto da vida do fiel judeu, o salmo 90(91) é recitado no caminho da câmara mortuária até o cemitério, onde se segue com a cerimônia fúnebre.⁹⁹

Por fim, durante o ano, nas grandes festas que regem o calendário judaico, também os salmos ocupam importante lugar nos ritos litúrgicos. Isso pode ser notado, por exemplo, na récita dos salmos do *hallel* (do 112(113) até o 117(118)) na festa de *pesah*; na entonação dos salmos 32(33) e 129(130) na cerimônia do *tashlik*, dentro da festividade de *rosh ha-shanah* e; na proclamação do salmo 144(145) antes do ocaso no *yom kippur*, o dia do *Grande Perdão*, o último de um período penitencial de dez dias a partir de *rosh ha-shanah*.¹⁰⁰

1.3 OS SALMOS COMO ORAÇÃO CRISTÃ

O *Tanakh*, coleção dos 24 livros canônicos judaicos, não foi adotado apenas pelos seus correligionários como escrito sacro, mas também os cristãos, povo da Nova Aliança, consideram igualmente inspirados por Deus as mesmas Escrituras veterotestamentárias. Isso pode ser observado nas palavras de santo Agostinho, reafirmadas pelo Concílio Vaticano II na Constituição Dogmática *Dei Verbum*, onde “[...] o Novo Testamento está latente no Antigo, e o Antigo está patente no Novo”.¹⁰¹ E é evidente que o livro dos Salmos, com sua importância singular entre esses escritos, não poderia ficar alheio a isso.

1.3.1 Os salmos como profecia e sua realização no Novo Testamento

Dom João Evangelista Martins Terra traz à tona, em sua obra comentando a oração no contexto veterotestamentário, a reflexão de D. Louis Leloir, OSB sobre o caráter profético e perene dos salmos em relação aos eventos neotestamentários. Vejamos, em um primeiro momento, o que diz o biblista sobre os salmos *históricos* e *graduais*:

⁹⁹ DI SANTE, 2004, pp. 203-207.

¹⁰⁰ DI SANTE, 2004, passim.

¹⁰¹ AGOSTINHO DE HIPONA. *Quæstiones in Heptateuchum* apud CONCÍLIO VATICANO II, 1965, não paginado; DV 16. Disponível em: <https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651118_dei-verbun_po.html>. Acesso em: 21 jan. 2023.

Os *Salmos históricos* tornam-se o símbolo da história da Igreja através dos séculos; os *Salmos graduais*, que os peregrinos recitavam ao subirem a Jerusalém, e que nós recitamos nas horas menores, parecem escandir o nosso caminho para Deus, dia após dia.¹⁰²

Conforme as palavras da Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, o antigo Israel é preparação e imagem prefigurada da Igreja.¹⁰³ Portanto, se pode concluir, a partir dos relatos presentes em salmos de caráter histórico (como os de número 77(78), 104(105) e 106(107)) que a sorte do Povo Eleito, com suas dores e glórias, também será, *mutatis mutandis*, o caminhar da Igreja sobre o mundo nos últimos dias.¹⁰⁴ Os salmos não-históricos, mas que, em linguagem puramente poética, também expressam alguma realidade do povo de Israel, podem ser utilizados aqui, como, por exemplo, o salmo 128(129), que fala da perseguição e sofrimento dos hebreus, e que, segundo o entendimento da Igreja, profetiza as suas próprias dores.¹⁰⁵

Os salmos *graduais*, por sua vez, expressam, de maneira única, a alegria do israelita que realizava sua subida à cidade santa para adorar o Senhor, seja rotineiramente, seja por ocasião de um dia santo ou de uma festa. Alonso Schökel os denomina como *cantos a São* e *cantos de peregrinação*.¹⁰⁶ A Igreja, como novo Israel, conforme as palavras de Jesus, não delimita a presença divina a apenas uma montanha ou um templo material como outrora no Velho Testamento,¹⁰⁷ mas se apresenta de forma simples e imediata em todo o mundo, como na união e caridade entre os crentes, por exemplo.¹⁰⁸ Dessa forma, a sua récita, conforme Leloir, nos leva agora, plena e espiritualmente, à

¹⁰² LELOIR, Louis. *A Bíblia: Escola de Oração* apud TERRA, 1974, p. 102, grifo do autor.

¹⁰³ CONCÍLIO VATICANO II, 1962-1965, Vaticano. **Constituição Conciliar *Lumen Gentium***. Vaticano: 1964. Não paginado; LG 2. Disponível em: <https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/va_t-ii_const_19641121_lumen-gentium_po.html>. Acesso em 23 jan. 2023.

¹⁰⁴ Isto é, desde a Ascensão de Cristo até a *Parusia*.

¹⁰⁵ LITURGIA DAS HORAS, 1999a, p. 964.

¹⁰⁶ CARNITI; SCHÖKEL, 2021a, p. 85.

¹⁰⁷ Jo 4,20-24 (em um contexto mais amplo, pode-se tomar os capítulos 7 e 66 de Isaias, além de Ez 43. Contudo, para elucidar o exemplo no texto, foi tomado o contexto apresentado no texto joanino d'*a Samaritana*).

¹⁰⁸ Mt 18,19-20.

companhia e contemplação de Deus, sem, necessariamente, intermediadores espaciais ou materiais.¹⁰⁹

O monge beneditino francês, por sua vez, continua sua sentença sobre o saltério, apresentando outras três categorias sálmicas e a sua relação com a Igreja, conforme explana Dom João Terra:

Os *Salmos de sofrimento* ajudam-nos a descrever a Paixão de Cristo; os *Salmos de luta* lembram-nos os combates da Igreja; os de *louvor* permitem à Igreja exprimir a sua adoração e ato de agradecimento com acentos que, inspirados por Deus, estão adaptados para a conversação com ele.¹¹⁰

Quanto aos salmos de *sofrimento*, o foco principal não poderia ser outro: o *justo*, inocente, que é colocado defronte à injustiça humana corrompida, representada por seus algozes, que lhe atormentam a vida.¹¹¹ Ora, conforme testemunha o evangelista são Lucas no término de sua primeira obra,¹¹² os poemas sagrados dirigem suas palavras a profetizar sobre a vida do *Justo por excelência*, Jesus Cristo.¹¹³ E Sua Paixão dolorosa, evidentemente, não foge a essa regra, sendo poeticamente evidenciada em vários salmos.

E a Igreja, exaltada pelo Concílio Vaticano II, de acordo com as palavras de são Paulo e são João Evangelista como “[...] esposa imaculada do Cordeiro imaculado [...], a qual Cristo gamou e por quem Se entregou, para a santificar [...]”,¹¹⁴ também, por sua continuidade no mundo da missão salvífica de Cristo Jesus até o último dia, é objeto, tanto desses mesmos salmos, quanto dos salmos de *luta*, pois, vivendo de peleja em peleja, seguirá o Senhor em Sua Páscoa, passando igualmente pela morte e ressurreição, como Ele o fez.¹¹⁵

¹⁰⁹ LELOIR, Louis. *A Bíblia: Escola de Oração* apud TERRA, 1974, p. 102.

¹¹⁰ LELOIR, Louis. *A Bíblia: Escola de Oração* apud TERRA, 1974, p. 102, grifo do autor.

¹¹¹ SI 21(22),17-19,

¹¹² Conforme a Tradição da Igreja, são Lucas teria escrito tanto o seu evangelho quanto o livro dos *Atos dos Apóstolos*.

¹¹³ Lc 24,44.

¹¹⁴ CONCÍLIO VATICANO II, 1964, não paginado; LG 6.

¹¹⁵ CATECISMO da Igreja Católica. Vaticano: 1992. Não paginado; CEC 675-677. Disponível em: <https://www.vatican.va/archive/cathechism_po/index_new/p1s2cap2_422-682_po.html>. Acesso em: 24 jan. 2023.

De fato, segundo Leloir, os salmos de *louvor* são utilizados pela própria Igreja para adorar a Deus com suas próprias palavras, continuando assim, ininterruptamente, a exaltação que Israel lhe prestou desde o início. É interessante notar aqui que esses salmos necessariamente não precisam conter um caráter profético (mesmo o conservando em sua construção), pois o ato de louvar e agradecer ao Senhor é algo que transcende este ou aquele período da história, isto é, tanto antes quanto depois de Cristo, os homens sempre bendisseram a Deus, a diferença é que Jesus, *Mediador entre Deus e os homens*,¹¹⁶ plenifica e leva, mais perfeitamente, a oração humana ao Pai eterno.¹¹⁷

Por fim, a relação dos salmos com o Novo Testamento é tão profunda e concreta que, além de Cristo ser objeto, fim e herói deles, Ele próprio os cantou e os rezou, favorecendo, assim, uma dupla relação que engrandece e enobrece esses mesmos salmos ainda mais.¹¹⁸

1.3.2 Os salmos na oração e piedade cristãs

Quanto a esse assunto, Dom Martins Terra escreve, em sua obra sobre a oração no Velho Testamento, uma importante, e não menos ousada sentença, afirmando que “A leitura dos Salmos constitui a base mais sólida da oração e da piedade cristã”.¹¹⁹ E suas palavras continuam, para fundamentá-la, dessa forma, utilizando-se do pensamento de T. Camelot:¹²⁰ “Sem um fundamento doutrinal objetivo a oração corre o risco de perder-se numa contemplação fantasmagórica ou reduzir-se a uma estéril introspecção”.¹²¹ O fundamento doutrinal objetivo citado acima pode ser compreendido à luz do que está escrito no início desse capítulo, segundo as palavras de santo Tomás de Aquino e, concordando com ele, do padre Paul Synave, que os salmos são o resumo das Sagradas Escrituras, e, ainda mais, expõe quase que a totalidade da reflexão teológica.¹²²

¹¹⁶ 1Tm 2,5.

¹¹⁷ STADELMANN, 1999, p. 77.

¹¹⁸ TERRA, 1974, p. 103.

¹¹⁹ TERRA, 1974, p. 99.

¹²⁰ O prenome do autor citado não foi encontrado em nenhum meio disponível. Dessa forma, apenas a sua inicial foi inserida no corpo do texto, de acordo com o que está reportado na obra de João E. Martins Terra.

¹²¹ TERRA, 1974, p. 99.

¹²² TERRA, 1974, pp. 100-101.

Ora, a afirmação de Dom Terra citada acima não é excludente, como que marginalizando os Evangelhos (onde está registrada, por exemplo, a oração por excelência, isto é, o *Pai-nosso*), os demais escritos do Novo Testamento ou toda a Tradição apostólica e posterior da Igreja sobre a oração, mas ela incorpora a espiritualidade sálmica ao orar cristão, não restringindo as palavras do hagiógrafo apenas àquele tempo ou somente ao povo judeu, afinal, “[...] a qualquer momento e em qualquer lugar, existem indivíduos que elevam a Deus suas vozes de apelo e lamento [...]”.¹²³

Contudo, o padre Luís Stadelmann levanta uma problemática interessante no que diz respeito à validade do uso dos salmos na oração neotestamentária: com suas particularidades, contexto histórico, e modo de pensar próprio daquela época (a da Lei), seria correto utilizá-los no tempo da Graça?

Com efeito, sobre isso, nos diz o bibliista suíço:

O marcante cunho veterotestamentário do saltério levanta a questão de sua validez para a oração cristã no contexto neotestamentário. No intuito de facilitar a apropriação do conteúdo surgiram várias tentativas de sua adaptação para a mentalidade do homem de hoje. Infelizmente tais tentativas, embora contribuíssem para a correta interpretação dos salmos, limitaram-se ou à elucidação do contexto histórico dos acontecimentos e dos ambientes culturais ou à transposição do conteúdo *mutatis mutandis* para o âmbito cristão.¹²⁴

Ele continua o seu raciocínio trazendo também à tona o exemplo de uma *atualização evangélica* das palavras sálmicas, omitindo aquilo que causa estranheza aos ouvidos contemporâneos, substituindo-as, assim, “[...] por outras mais adaptadas à sensibilidade educada no Evangelho”.¹²⁵ Porém, não se dando por satisfeito, afirma que, mesmo com as diversas metodologias apresentadas acima, o fato dos salmos terem sido rezados por Jesus Cristo, pelas primeiras comunidades cristãs

¹²³ STADELMANN, 1999, p. 79.

¹²⁴ STADELMANN, 1999, p. 78, grifo do autor.

¹²⁵ STADELMANN, 1999, p. 78.

e pelos crentes até hoje, pública ou privadamente, é um problema a ser investigado e resolvido.¹²⁶

“A finalidade de Israel na economia da salvação era preparar a Igreja cristã”,¹²⁷ nos diz Dom Terra. Então, pode-se presumir que a problemática levantada por Stadelmann não visa pôr em xeque o aspecto metafísico/espiritual ou salvífico do uso dos salmos pelo povo da nova Aliança, mas sim o seu caráter *acidental*, fenomenológico. E para resolver isso, o próprio comentador propõe dois critérios “[...] para fazer dos salmos a oração dos homens que, em qualquer tempo, vivam a realidade da nova aliança”.¹²⁸ É o que veremos a seguir.

O primeiro critério levantado pelo comentador é o da *compreensão da totalidade*, que, segundo ele, é próprio da mentalidade hebraica.¹²⁹ Sobre isso, seguem suas palavras:

A atenção à compreensão da totalidade é prioritária, porque ela precede a catalogação semântica da individualização terminológica. Daí uma determinada realidade implica múltiplas relações com aspectos afins.¹³⁰

O que isso quer dizer? Basicamente, que esse método compreende que as palavras dos salmos que se referem a uma pessoa apenas são direcionadas também à comunidade que o recita, e vice-versa, seja essa ou aquela totalmente alheios um ao outro. Em outras palavras: os salmos (e não apenas eles, mas toda a Sagrada Escritura em seu conjunto intertestamentário) transcendem os tempos, os lugares e os povos.¹³¹

O objeto de destino dos poemas sagrados não é restritivo, como que direcionado apenas a um interlocutor em um dado período da história. E a sabedoria divina que ali está contida não é infértil quando aplicada a outras realidades, sejam elas de conjunto, de tempo, espaço ou condição cultural diferentes às que foram compostas originalmente. Pelo contrário, a atemporalidade dos salmos açambarca isso tudo, e

¹²⁶ STADELMANN, 1999, p. 78.

¹²⁷ TERRA, 1974, p. 112.

¹²⁸ STADELMANN, 1999, p. 78.

¹²⁹ STADELMANN, 1999, p. 78.

¹³⁰ STADELMANN, 1999, pp. 78-79.

¹³¹ STADELMANN, 1999, p. 79.

nenhum ser humano está excluído da recepção dos frutos de salvação gerados pela vivência dessa oração canônica.

Stadelmann encerra esse argumento com uma frase-chave: “À luz desse critério segue-se que, para maior compreensão de um texto dos salmos, é às vezes mais importante incluir o que não está dito do que deter-se no que está dito”,¹³² evidenciando assim o exercício de uma releitura sálmica não-fundamentalista que possibilita a indiscriminação desse ou aquele da salvação oferecida pelo Senhor.

E, quanto ao segundo critério utilizado pelo jesuíta, este é o da *amplificação da temática*, que consiste na compreensão do salmo recitado de acordo com a experiência interior da pessoa que se põe diante dele. Aqui, as intuições que nascem do coração do que reza, motivadas e conduzidas pelo Espírito, são matéria em favor de sua devoção pessoal e vida em Cristo, sendo, dessa maneira, um método muito mais singular e privado da vivência sálmica.¹³³

1.3.3 A liturgia cristã e os salmos

Os salmos são inseridos na liturgia cristã em geral, pois essa plenifica, a partir do sentido alegórico das Escrituras que apontam para a Pessoa de Jesus Cristo, o seu sentido último. O sacrifício eucarístico da Santa Missa e a Liturgia das Horas conservam em si, em maior ou menor intensidade, os poemas sagrados, atualizando-os sempre e os relendo na ótica dos mistérios da Igreja.¹³⁴ Com efeito, nos diz a *Instrução geral sobre a Liturgia das Horas* sobre essa questão:

Quem salmodia em nome da Igreja deve prestar atenção ao sentido pleno dos salmos, especialmente ao sentido messiânico, em virtude do qual a Igreja adotou o saltério. Este sentido messiânico tornou-se plenamente manifesto no Novo Testamento e foi enfatizado pelo próprio Cristo Senhor, que disse aos Apóstolos [...] (Lc 24,44). [...] Seguindo esse método, os santos Padres entenderam e comentaram todo o saltério como profecia a respeito de Cristo e da Igreja.

¹³² STADELMANN, 1999, p. 79.

¹³³ STADELMANN, 1999, p. 80.

¹³⁴ TERRA, 1974, p. 102.

Com esse mesmo critério, escolheram-se os salmos na Sagrada Liturgia.¹³⁵

Dessa forma, é fulcral a leitura *total* do salmo que se apresenta ao cristão, não se atendo apenas, por exemplo, ao sentido literal do que está escrito, que pode causar estranhamento ou confusão, dependendo do nível de compreensão histórica e bíblica que a pessoa tenha. Essa leitura plena tem como objetivo abraçar tudo o que o salmo pode proporcionar à reflexão, sempre tendo como alvo a *Encarnação do Verbo* e toda a vida posterior de Cristo, sobretudo a Sua Páscoa (ou seja, Paixão, Morte e Ressurreição).

Quanto a isso, o *Padre da Igreja* Orígenes de Alexandria propõe, de maneira simples e didática, uma *tríplice interpretação* das palavras bíblicas.¹³⁶ Ele o faz considerando, em primeiro lugar, o seu sentido *literal-histórico* (o *corpo* do texto); em seguida, a sua vertente *ético-moral* (a *alma* da Escritura) e; por fim, a apreensão das suas *realidades mistericas e eternas*, ou seja, o ensinamento *espiritual* das Sagradas Letras (e nos textos do Velho Testamento, sobretudo encontrar o Cristo ali oculto, mas já anunciado e profetizado),¹³⁷ lembrando sempre que a origem divina e eterna da inspiração das Escrituras Sacras lhes confere uma fonte inesgotável de sabedoria e conhecimento ao seu interlocutor para o progresso deste na vida em Cristo.¹³⁸

Contudo, é importante ressaltar que a Igreja, em sua sabedoria de *Mãe e Mestra*, após o Concílio Vaticano II, viu por bem suprimir alguns salmos (mais precisamente os de número 57(58), 82(83) e 108(109)) de sua recitação pública e litúrgica, pois neles predomina um caráter *imprecatório*, ou seja, de maldição. Outros salmos também tiveram alguns versículos seus retirados dos lecionários e breviários por essa mesma razão. O motivo dessa ação foi de que

A omissão desses textos foi motivada por certa dificuldade psicológica, embora tais salmos imprecatórios ocorram na piedade do Novo Testamento, por exemplo, em Ap 6,10; eles não

¹³⁵ LITURGIA DAS HORAS, 1999a, p. 52; IGLH 109, grifo do autor.

¹³⁶ Pr 22,20-21 apud ORÍGENES. **Tratado sobre os princípios**. São Paulo: Paulus, 2012. p. 172; De Princ. IV,2,4.

¹³⁷ ORÍGENES, 2012, passim; De Princ. I,1,2; IV,2,4.

¹³⁸ LITURGIA DAS HORAS. 3. v. Petrópolis: Vozes, 2000. pp. 173-174.

pretendem induzir de maneira alguma à maldição.¹³⁹

Isso posto, no que diz respeito à presença sálmica no culto sacrificial incruento que a Igreja presta a Deus continuamente, a Santa Missa, a *Instrução geral sobre o Missal Romano*, em sua terceira edição típica, no número 61, nos afirma o seguinte: “À primeira leitura segue-se o Salmo Responsorial, que é parte integrante da Liturgia da Palavra, constituindo-se em grande importância litúrgica e pastoral, por favorecer a meditação da Palavra de Deus”.¹⁴⁰ E isso é uma importante chave de compreensão da gravidade dos salmos na vida espiritual e apostólica da mesma Igreja.

O trecho acima quer nos mostrar que a função dos poemas sagrados na liturgia da Missa não é secundária, como que apenas uma oração de louvor, de petição, de contrição ou qualquer atitude humana finita diante do Deus eterno, mas, além de ser um auxílio contemplativo para a leitura que o precedeu, ajudando a esclarecer ainda mais o sentido dela (especialmente se for do Velho Testamento, onde os textos, em alguns casos, se mostram de mais difícil compreensão), é também, em si mesmo, texto sagrado que orienta o crente a orar e caminhar, *com Deus e para Deus*.¹⁴¹

Por fim, quanto ao *Ofício Divino*, proclamado pela Igreja a todo momento e em todo lugar, os mesmos salmos ocupam lugar de amplo destaque em sua estrutura, por conta da grande importância e fruto espiritual que deles advêm. Com efeito, nos diz a *Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos*:

Na Liturgia das Horas, a Igreja, para rezar, serve-se em grande parte daqueles esplêndidos poemas que os autores sagrados do Antigo Testamento compuseram sob inspiração do Espírito Santo. Em razão desta sua origem, os salmos têm a virtude de elevar até Deus a mente das pessoas, despertar nelas piedosos e santos afetos, ajudá-las maravilhosamente a agradecer na prosperidade e

¹³⁹ LITURGIA DAS HORAS, 1999a, p. 56; IGLH 131.

¹⁴⁰ Instrução geral sobre o Missal Romano. In: INSTRUÇÃO Geral do Missal Romano e Introdução ao Lecionário: texto oficial da terceira edição típica do Missal Romano. 8. ed. Brasília: CNBB, 2023. p. 30; IGMR 61, grifo nosso.

¹⁴¹ SI 118(119),105.

dar-lhes, na adversidade, consolo e fortaleza de ânimo.¹⁴²

Assim como os salmos eram, no antigo Templo e nas sinagogas, o seu mais expressivo livro de canto, a Igreja, povo da Nova Aliança,¹⁴³ os adotou também – continuando, portanto, essa valiosa e perene tradição – como sua principal oração. Os salmos foram recitados pelo antigo Israel, pelo próprio Jesus Cristo, pela Virgem Maria e pelos Apóstolos, perdurando no tempo até os dias atuais, e, certamente, serão entoados pela Igreja até a *Parusia*, a volta de Jesus Cristo no último dia. As suas palavras não foram modificadas, mas sim o seu entendimento, pois agora eles são compreendidos à luz do mistério do Verbo Encarnado e da revelação do Deus Trino: isso é observado na ininterrupta proclamação da Igreja durante os vários momentos do dia da *doxologia trinitária* ao término da récita de cada salmo em sua oração oficial,¹⁴⁴ a *Liturgia das Horas*.¹⁴⁵

¹⁴² LITURGIA DAS HORAS, 1999a, p. 49; IGLH 100.

¹⁴³ SI 21(22),31b-32; 101(102),19b.

¹⁴⁴ LITURGIA DAS HORAS, 1999a, p. 21; IGLH 1-2.

¹⁴⁵ TERRA, 1974, p. 125.

2 O ROSÁRIO MARIANO, *SALTÉRIO DOS POBRES*

São Luís Maria Grignon de Montfort, grande fomentador, em seu tempo, da devoção à Nossa Senhora, escreveu algumas obras sobre a importância da Virgem Maria na vida da Igreja e do cristão fiel.

Sobre a oração do Rosário, particularmente, afirma ele uma sentença peremptória, um tanto polêmica, que veremos aqui em duas partes, cada qual com sua temática própria, mas não sem suas bases. Com efeito, nos diz primeiramente o santo francês sobre a relação do Rosário com os pequeninos e incapazes:

Do tempo em que São Domingos estabeleceu essa devoção [...], chamaram-na de *Saltério de Jesus e Maria*, pois ela contém tantas Saudações angélicas quanto o saltério de Davi contém de salmos, e porque os simples e ignorantes, não podendo recitar o saltério de Davi, encontram na recitação do Santo Rosário um fruto igual àquele que tiramos da recitação dos salmos, e até mesmo mais abundante [...].¹⁴⁶

Aqui, duas coisas importantes devem ser observadas, que nos introduzem diretamente na *forma* e na *história* do Rosário, temas que serão vistos mais adiante. A primeira é sobre o *número* de Ave-Marias presentes nessa oração: cento e cinquenta. Esse número faz referência, como visto acima, à quantidade de salmos contidos no saltério davídico; mas também indica o número de *mistérios* (eventos salvíficos da vida de Cristo) que eram contemplados ao longo de toda a oração: quinze (dez Ave-Marias para cada mistério). Contudo, esse número foi alterado para duzentas Ave-Marias e vinte mistérios com a publicação da Carta Apostólica *Rosarium Virginis Mariae*, do papa são João Paulo II.¹⁴⁷

E a segunda diz respeito à maneira como o Rosário se consolidou na piedade do povo de Deus. De fato, o acesso às Sagradas Escrituras outrora não era algo tão simples e fácil como hoje. Cópias dos textos sacros eram raras e valiosas, e o seu custeio era alto, visto que eram feitas manualmente. Além disso, o analfabetismo assolava grande parte

¹⁴⁶ MONTFORT, Luís M. G. **O segredo admirável do Santíssimo Rosário**. Trad. Robson Carvalho. Campinas: Ecclesiae, 2016. p. 29, grifo do autor.

¹⁴⁷ JOÃO PAULO II. **Carta Apostólica *Rosarium Virginis Mariae***. São Paulo: Paulus; Loyola, 2002. p. 22; RVM 19.

da população, e esse era também um importante fator restritivo na relação povo-Bíblia.¹⁴⁸

Por fim, para encerrar a presente introdução, quanto ao *valor* do Rosário, são Luís Maria conclui seu pensamento com as seguintes palavras,¹⁴⁹ sendo essas a continuação do que foi visto acima (de fato, o trecho anterior encerra com a afirmação de que os frutos espirituais da oração mariana são iguais ou mais numerosos que os poemas bíblicos):

[...] primeiro porque o saltério angélico tem um fruto mais nobre, a saber: o Verbo encarnado, de quem o saltério de Davi faz apenas uma predição; segundo, assim como a verdade ultrapassa a representação e o corpo, a sombra, da mesma forma o saltério de Nossa Senhora ultrapassa o saltério de Davi, que não foi senão sua sombra e representação [...].¹⁵⁰

Aqui, Grignon de Montfort faz um interessante paralelismo para explicitar a plenitude que o Novo Testamento representa em relação ao Velho. Não há menosprezo da parte do presbítero francês para com os frutos espirituais que brotam da oração sálmica, muito pelo contrário, mas ele quer explicitar a primazia sobrenatural que a contemplação do evento salvífico de Jesus Cristo realizado tem sobre o profetizado. Isso mostra, sem menosprezar o saltério bíblico, a excelência dessa oração, tão simples e tão frutuosa.

2.1 A HISTÓRIA DO ROSÁRIO

A origem do Rosário Mariano pode ser vista de duas óticas distintas, porém não excludentes. Nessa seção, para uma compreensão global do referido assunto, é conveniente trazer à tona as duas *fontes* pelas quais conhecemos a história do Rosário: a primeira diz respeito aos dados que a Tradição espiritual da Igreja nos apresenta, que é a revelação e a entrega dessa oração à são Domingos de Gusmão por

¹⁴⁸ GIULIETTI, Emanuele. **História do Rosário**. Trad. José Bortolini. São Paulo: Paulus, 2014. p. 21.

¹⁴⁹ A frase que vem a seguir a esta nota, apesar de ser um objeto de discussão válido nos tempos de hoje, foi posta na pesquisa como opinião do autor pesquisado, não refletindo, necessariamente, a opção do pesquisador.

¹⁵⁰ MONTFORT, 2016, pp. 29-30.

Nossa Senhora, e serão utilizadas, em larga escala, as palavras de são Luís Maria em seu opúsculo sobre o Rosário; e a segunda, partindo do texto de Emanuele Giulietti, *Storia del Rosario*, além de outros, iremos versar sobre o processo histórico pelo qual essa milenar prática mariana foi se moldando, com seus antecedentes e contribuições ao longo dos séculos, caracterizando assim uma visão mais científica sobre o tema.

2.1.1 A revelação de Nossa Senhora a são Domingos de Gusmão

O padre Luís Maria Grignon de Montfort, em sua famosa obra *Le Secret admirable du très saint Rosaire pour se convertir et se sauver*, testemunha a gênese de caráter espiritual dessa prática meditativa. Com efeito, diz o sacerdote francês, que entrega uma visão panorâmica, sinopse de todo esse objeto de estudo:

[...] o Santo Rosário, em sua forma e da forma como o recitamos atualmente, foi inspirado à sua Igreja, dado pela Santíssima Virgem a São Domingos para converter os hereges albigenses e os pecadores somente no ano de 1214 [...].¹⁵¹

Aqui se vê que a oração do Rosário, em seu primeiro momento, surgiu por iniciativa celeste da própria Virgem Maria, sem intervenções humanas, e foi inspirada à Igreja com uma missão muito específica, a de combater, por meios espirituais, em prol da conversão e salvação tanto dos hereges quanto de todo o povo, as heresias que estavam dilacerando a estrutura cristã da sociedade europeia no século XIII, sobretudo a heresia *cátara* (ou *albigense*).¹⁵²

O santo francês continua sua exposição sobre o nascimento do Rosário narrando os acontecimentos que precederam e sucederam a revelação de Nossa Senhora a são Domingos em si. Antes disso, é importante frisar que esse material elucidado por Montfort em seu opúsculo foi retirado da conhecida obra do beato Alano de la Roche, intitulada *De Dignitate Psalterii*. Com efeito, são Domingos, tomado de compaixão e tristeza pela impenitência de muitas pessoas no contexto em que vivia e exercia seu ofício sacerdotal, e, por conta dessa situação dos homens não se converterem a Deus, a heresia imperante – o

¹⁵¹ MONTFORT, 2016, p. 20.

¹⁵² DANIEL-ROPS. *A Igreja das catedrais e das cruzadas*. São Paulo: Quadrante, 1993. pp. 590-592.

catarismo – não arrefecia na sociedade, retirou-se para uma floresta nas proximidades de Toulouse, na França, e lá fez duríssimas penitências, ininterruptamente, para suplicar a misericórdia divina e a mudança de vida daquele povo. Após subjugar-se às dores intensamente por três dias e três noites, desfaleceu. E é nesse contexto que ele teve sua experiência com a Virgem Maria.¹⁵³

Durante a visão, o presbítero espanhol, diante da Mãe de Deus, ouviu as seguintes palavras, que constituem a eficácia da oração mariana na batalha espiritual do cristão:

[...] *‘Meu querido Domingos, você sabe com qual arma a Santíssima Trindade tem se servido para reformar o mundo? – Ó Senhora, responde ele, a senhora o sabe melhor do que eu, pois depois do vosso Filho Jesus Cristo, a senhora foi o principal instrumento da nossa salvação’*. Ela acrescentou: – *‘Saiba que a principal peça de combate tem sido o Saltério angélico, que é o fundamento do Novo Testamento; é por isso que, se você quiser ganhar para Deus esses corações endurecidos, pregue meu saltério’*.¹⁵⁴

De fato, a relação de São Domingos e da própria Ordem dos Pregadores com Nossa Senhora era muito próxima. A Tradição espiritual da Igreja testemunha essa predileção da Santíssima Virgem pelos *Dominicanos*, não desmerecendo, evidentemente, as demais ordens, congregações e institutos da Igreja, que também são amparados e assistidos pela Virgem Maria com diligência maternal. Contudo, Emanuele Giuliotti reporta, em sua obra sobre a história do Rosário, que, por meio de visões místicas e experiências sobrenaturais, São Domingos via a Ordem Dominicana como propriedade de Nossa Senhora, a quem Cristo confiou o bom êxito de sua empreitada evangelizadora. E da parte dos próprios frades, a devoção à Mãe de Deus era componente essencial do *modus vivendi* dominicano.¹⁵⁵

E a união da oração do Rosário Mariano com o santo espanhol foi tão profunda durante sua vida, que mesmo no momento de sua morte se encontrava ele com as contas nas mãos e as Ave-Marias nos lábios:

¹⁵³ MONTFORT, 2016, p. 20.

¹⁵⁴ MONTFORT, 2016, pp. 20-21, grifo do autor.

¹⁵⁵ GIULIOTTI, 2014, p. 35-36.

Com a arma do rosário, São Domingos se movia incansavelmente, pregando como um serafim, fundando novos conventos, atraindo muitas almas para as pegadas do Senhor [...]. Mas também para ele se aproximava a meta [...]. Era a tarde do dia 6 de agosto de 1221; São Domingos não cessava de rezar recitando sobretudo a ave-maria, e ‘adormeceu no Senhor, apertando entre as mãos um cordãozinho cheio de nós, com o qual costumava contar mil ave-marias cada dia’.¹⁵⁶

E é dessa forma que uma das orações mais populares entre os católicos no mundo, segundo a Tradição mística da Igreja, teve a sua gênese e difusão no orbe.

2.1.2 Um *mosaico* que perpassa os séculos

No que diz respeito aos registros históricos que deram origem à oração do Rosário através dos tempos e das mais diferentes práticas litúrgicas e espirituais, podemos dizer aqui que essa devoção mariana se assemelha a um *mosaico*. Isso porque vários elementos podem ser recolhidos e cada qual tem sua importância em um aspecto em especial na oração. E aqui não se deve criar um conflito com a versão que foi explicitada na última seção, muito pelo contrário, nota-se uma verdadeira harmonia que, com o passar dos séculos, essa grande oração foi como que sendo *lapidada*, seja ao retirar dela alguma coisa, ou mesmo acrescentar. E a união dos elementos históricos com a revelação a São Domingos de Gusmão em determinado momento necessário para tal nos dá uma matéria riquíssima, digna de tão sublime ação espiritual.

O site oficial da *Oficina de Comunicación de los Dominicos en España*, trazendo um panorama histórico breve e raso sobre o assunto, afirma que a origem do Rosário se deu no século X com a fundação da Ordem Cluniacense, que prezava pela oração coral comunitária. Todos os monges que estavam nas abadias tinham o ofício de rezar intensamente durante o dia, porém, os que estavam no coro, salmodiavam, e os que cuidavam dos trabalhos manuais, recitavam cento e cinquenta *Pai-nossos*. Com a difusão do culto à Nossa Senhora por São Bernardo de Claraval, a *Oração do Senhor* foi sendo substituída

¹⁵⁶ MANELLI, Stefano M. *I Santi e la Madonna*. 5. v. apud GIULIETTI, 2014, p. 36, grifo do autor.

pela *Saudação Angélica*, formando assim o *Saltério de Maria*. Com o tempo, essa prática foi se aperfeiçoando e ganhando novos elementos.¹⁵⁷

Contudo, a obra de Emanuele Giulietti nos fornece informações mais precisas e abundantes sobre o tema em questão. E, para isso, é conveniente que o dividamos em quatro grandes blocos históricos, de acordo com o historiador: em primeiro lugar, *a tradição do Rosário entre os séculos III e XIII*; depois, *o Rosário cartuxo nos séculos XIV e XV*; após isso, *o rosário dominicano no fim do século XV* e; por fim, *o desenvolvimento na época moderna*, que consiste na *simplificação dos mistérios* a serem contemplados.¹⁵⁸ Quanto aos tempos contemporâneos, eles não serão abordados aqui, porém, virão a ser de maneira mais detalhada na seção dos *papas e o Rosário Mariano*.

2.1.2.1 Entre os séculos III e XV

Em um período que compreendeu praticamente mil anos, a oração do Rosário teve a sua gênese dividida em quatro – se podemos assim as chamar – camadas, que, com um primeiro movimento que se associou a récita dos cento e cinquenta salmos de Davi, derivaram-se outros três, de semelhante intenção, apenas integrando o culto à Virgem Maria à já existente prática de devoção a Nosso Senhor Jesus Cristo. Com efeito, sobre isso, nos diz Giulietti:

Na Irlanda dos séculos III e IV, o livro dos 150 salmos era sumamente apreciado, a ponto de os monges lhe darem nome especial: chamaram-no ‘as três cinquenta’ [...]. Nos ambientes monásticos, onde a busca de Deus constitui a única ocupação, a forma de oração mais importante para alcançar esse objetivo sempre foi a recitação litúrgica dos 150 salmos bíblicos. Em torno dos ambientes monásticos, porém, sempre se encontravam grupos de leigos desejosos de oração contemplativa e contínua [...].¹⁵⁹

¹⁵⁷ COS, Julián de. **Historia del rosario**. Madrid: Oficina de Comunicación Dominicos España, [s.d.]. Disponível em: <<https://www.dominicos.org/espiritualidad/rosario/historia/>>. Acesso em 14 fev. 2023.

¹⁵⁸ GIULIETTI, 2014, p. 88, grifo do autor.

¹⁵⁹ GIULIETTI, 2014, p. 22, grifo do autor.

Apesar disso, como já fora dito, tanto os leigos que estavam próximos aos mosteiros, quanto os próprios religiosos não-clérigos que não tinham familiaridade com a língua latina, além de outros impedimentos e compromissos próprios da vida civil e familiar, não conseguiam recitar o Saltério completo, e, dessa forma, foi-lhes sugerido que rezassem a oração do *Pai-nosso* em lugar dos poemas sagrados. Mais tarde, são Beda, *o Venerável*, propôs, para melhor organização e combate à desatenção, o uso de grãos enfiados em um barbante, formando assim uma corrente.¹⁶⁰ De fato, a Ordem de Cister, no século XII, sintetizou essa prática na seguinte frase: *Qui non potest psallere, debet patere*.¹⁶¹

Quanto ao uso da *Ave-Maria* ao invés do *Pai-nosso*, esse se iniciou no século XII, n'algumas comunidades cistercienses, acrescentando aos cento e cinquenta salmos de Davi uma antífona mariana. E, dessa forma, em paralelo com a oração dos cento e cinquenta *Pai-nossos*, surgiu também com a *Saudação Angélica*. E não eram apenas leigos que recitavam o *Saltério de Maria*, mas *companhias e confrarias* inteiras, cotidianamente, o faziam.¹⁶²

O segundo grande bloco histórico do Rosário se passa no contexto dos monges cartuxos nos séculos XIV e XV, onde houve uma certa fusão dos métodos de oração (a união dos *Pai-nossos* com as *Ave-Marias*), a sistematização desse resultado em quinze dezenas de *Ave-Marias* precedidas pela *Oração do Senhor* e o uso de *cláusulas* para a meditação dos eventos da vida de Jesus Cristo. Dessa forma, dois são os grandes personagens nesse contexto: Henrique Eger de Kalkar e Domingos Helian da Prússia.

Foi o primeiro o responsável pela divisão do número de cento e cinquenta em quinze dezenas, em analogia aos dedos das mãos. Dom Henrique (m. 1408) era monge da cartuxa de Colônia, Alemanha, e seu método foi levado ao prior da cartuxa de Londres, e, a partir disso, difundiu-se por toda a Inglaterra, e depois, no restante da Europa.¹⁶³

Quanto ao outro, Domingos, ele idealizou em Trier um Rosário de cinquenta *Ave-Marias* sem os *Pai-nossos*, no qual, em cada *Ave-*

¹⁶⁰ GIULIETTI, 2014, pp. 22-23.

¹⁶¹ “*Quem não pode salmodiar, deve recitar os pai-nossos*” (GIULIETTI, 2014, p. 23, grifo nosso, tradução do autor).

¹⁶² GIULIETTI, 2014, pp. 23-24.

¹⁶³ GIULIETTI, 2014, p. 27.

Maria era acrescentada uma *cláusula*¹⁶⁴ que concluía a primeira parte da oração e era precedida da parte final. Aqui foi quebrada a tradição do Rosário de cento e cinquenta *Saudações Angélicas*, mas, de certa forma, foi precursora daquela oração, parte do Rosário, que chamamos de *Terço*. As cinquenta *cláusulas* da vida de Cristo eram divididas em catorze sobre a infância, seis sobre a vida pública, vinte e três sobre a Paixão e sete sobre a Sua glória. Esse Rosário *sui generis* se difundiu no idioma local no convento de São Galo, no ano de 1518.¹⁶⁵

2.1.2.2 O Rosário dominicano e a época moderna

O Rosário cartuxo, que no século XVI viu o *Rosário dominicano* de Alano de la Roche o substituir em quase todos os lugares (contudo, a tradição cartuxa das *cláusulas* subsiste ainda nos países de tradição germânica) deixa a cena e dá lugar ao costume da récita do *Saltério Angélico* vinda dos filhos de São Domingos de Gusmão. Contudo, entre os séculos XIV e XV, outras variações dessa oração foram compostas em lugares diversos, como o *Rosário brigidino*, atribuído à santa Brígida da Suécia e aprovado pelo papa Urbano V, que contava com sessenta e três *Ave-Marias* (três iniciais e depois as últimas sessenta); e um Rosário inspirado na idade do Salvador, formado por trinta e três *Pai-nossos*, onde cinco orações do Senhor eram recitadas em honra às chegadas de Cristo, acompanhadas de cinco *Ave-Marias*. Mais tarde, essas duas modalidades se fundiram em um só Rosário com noventa e seis orações formadas por *Pai-nossos* e *Ave-Marias* intercaladas.¹⁶⁶

Quanto ao Rosário dominicano propriamente dito, apesar da Tradição espiritual da Igreja, como vimos anteriormente, atribuir sua fundação a São Domingos por revelação de Nossa Senhora, analisando a sucessão histórica dos acontecimentos dessa oração, podemos afirmar com grande convicção que seu principal idealizador é o religioso bretão, Alano de la Roche. É o que nos diz Emanuele Giulietti:

¹⁶⁴ “[...] proposições subordinadas introduzidas com um pronome relativo associado ao nome de Jesus Cristo, com o qual, então, se concluía a saudação angélica; por exemplo: ‘Ave, Maria, cheia de graça, o Senhor está contigo. Tu és bendita entre as mulheres e bendito é o fruto do teu ventre, Jesus, ‘que concebeste do Espírito Santo’. Santa Maria...’ [...]” (GIULIETTI, 2004, p. 28, grifo do autor).

¹⁶⁵ GIULIETTI, 2004, p. 30.

¹⁶⁶ GIULIETTI, 2004, pp. 30-31.

O método de oração à Bem-aventurada Virgem, pregado por Alano, consistia na recitação de 150 ave-marias, divididas em grupos de dez, intercalados por um pai-nosso. Porém, a cada ave-maria ele acrescenta um pensamento sobre os principais mistérios da fé, que comenta com breve pregação.¹⁶⁷

Ainda segundo o historiador italiano, o Rosário fundado por Alano, que teve por base as modalidades já existentes (sobretudo o Rosário cartuxo, pois ele conhecia as formas de Henrique Eger de Kalkar e de Domingos da Prússia) era pleno de simbologias em todas as suas dimensões: além da clássica relação entre os cento e cinquenta salmos de Davi com as *Ave-Marias* de mesma quantidade, os três grupos de cinquenta *Ave-Marias* simbolizavam os três grandes momentos do Ofício Divino: oração da noite ou primeira manhã (*Matinas* e *Laudes*), do meio do dia (*Horas Médias*) e da tarde (*Vésperas* e o *Completório*); junto a isso, as dezenas de *Ave-Marias* são relacionadas com as *dez cordas* da harpa do salmista¹⁶⁸ e o número dos mistérios da Encarnação, Paixão e glória do Senhor – cinco –, significam as também cinco chagas de Seu sofrimento redentor.¹⁶⁹

A principal meta que Alano de la Roche propunha para a recitação do Rosário não estava na repetição meramente mecânica das orações ali contidas, mas sim um debruçar-se totalmente no objeto a ser meditado no momento em que se pronunciavam as palavras do *Pai-nosso* e da *Ave-Maria*, que é também para nós hoje a maneira usual de se rezar o *Saltério de Nossa Senhora*. Mas atenção: foi dito *objeto* acima ao invés de *mistério*, pois o dominicano bretão não delimitava a meditação de quem rezava apenas aos eventos da vida de Cristo (que eram escolhidos pela pessoa que iria rezar, e não nos moldes que conhecemos hoje, além da opção pelo método teuto-cartuxo das *cláusulas*), mas propunha, como alternativas a serem consideradas, a união dos mesmos eventos com alguma intenção, desejo interior de se santificar pelo exercício das virtudes, a presença da própria Virgem Maria e suas excelências e/ou os demais santos e anjos, além de um

¹⁶⁷ GIULIETTI, 2014, p. 38.

¹⁶⁸ SI 32(33),2.

¹⁶⁹ GIULIETTI, 2014, pp. 38-39.

olhar mais profundo sobre a Paixão do Messias, incluindo ali a contemplação de Suas chagas como prova de amor por cada pessoa.¹⁷⁰

Em poucas palavras, resumindo a intenção de Alano, ele queria, com essa oração, fazer com que o orante ocupasse suas faculdades mentais com as coisas divinas, desviando o olhar do que é finito e poderia obnubilar a penetração da mente e do espírito nos mistérios eternos de Salvação, e essa modalidade de oração por ele proposta era, de fato, meio eficaz de reforma na vida do cristão e nas comunidades reunidas em torno de Cristo.¹⁷¹

Por fim, quanto aos desenvolvimentos na época moderna (contudo, não irá ser relatado até meados da Revolução Francesa, mas períodos que a antecedem), vale discorrer aqui a respeito de três momentos em especial, todos elucidados por Giulietti: *a redução definitiva das cento e cinquenta cláusulas em quinze mistérios*; depois, *o papa são Pio V e a difusão dessa oração no século XVI* e; finalmente, *a conclusão do processo de formação e evolução do Rosário Mariano*.

Em primeiro lugar, houve, da parte de um dominicano alemão, a sistematização da oração do Rosário com a divisão em quinze *mistérios* propriamente ditos, resultado da redução das tradicionais cento e cinquenta *cláusulas*. Isso se deu com a publicação de um opúsculo de nome *Saltério de Nossa Senhora* no ano de 1455, na cidade de Basileia, Suíça. As sucessivas edições desse livrinho se tornaram muito populares, e incentivaram a devoção à *Coroa de Rosas* à Santíssima Virgem Maria.¹⁷²

Quanto aos *mistérios* utilizados para a meditação, Emanuele Giulietti nos reporta um fato interessante:

A primeira contém os atuais cinco mistérios gozosos; a segunda, os cinco dolorosos; por fim, na terceira, somente os primeiros quatro concordam com os mistérios gloriosos ainda hoje usados. O quinto mistério glorioso não fala da coroação de Maria, que, porém, era mencionada por ocasião da assunção, mas fala da glória de Deus e dos santos no juízo final.¹⁷³

¹⁷⁰ GIULIETTI, 2014, pp. 39-41.

¹⁷¹ GIULIETTI, 2014, pp. 40-41.

¹⁷² GIULIETTI, 2014, p. 49.

¹⁷³ GIULIETTI, 2014, p. 50.

Esse método facilitou muito a meditação e a tornou mais proveitosa, sendo acolhida tanto por confrarias inteiras quanto pelo povo mais simples. Os jesuítas, vendo a eficácia e poder dessa oração, uniram-se aos dominicanos para pregar o Rosário, e foi São Pedro Canísio quem sugeriu a *Coroação de Nossa Senhora* como o quinto mistério glorioso, no lugar daquele antes citado. E os dois meios que Alano de la Roche havia pensado para tornar fecunda a recitação do *Saltério de Maria* eram a criação de *confrarias do Rosário*, associações de fiéis dedicadas à récita diária, semanal e/ou mensal da oração, além dos estímulos sensíveis para maior completude das meditações sobre os mistérios apresentados.¹⁷⁴

Quanto ao papa São Pio V e a sua contribuição para a difusão do Rosário Mariano, ele foi, de fato, o primeiro *papa do Rosário*. A sua bula, de nome *Consueverunt Romani Pontifices*, a 17 de setembro de 1569, pode, segundo o comentador, ser chamada de *magna charta* do *Saltério de Maria*. Com efeito, nos diz o pontífice:

[...] o rosário ou saltério da bem-aventurada Virgem Maria é uma forma piíssima de oração a Deus [...], que consiste em louvar a mesma beatíssima Virgem, repetindo a saudação do anjo cento e cinquenta vezes [...], interpondo a cada dezena a oração do Senhor, com determinadas meditações que ilustram toda a vida do Senhor nosso Jesus Cristo.¹⁷⁵

É também nesse documento pontifício que se encontra, pela primeira vez, a exortação do papa do uso da oração do Rosário para combater as heresias e os demais desvios da fé católica, além das guerras. E é justamente no contexto de uma guerra, uma batalha naval, para ser mais exato, que a fama do Rosário atingiu o seu pináculo, pois no dia 7 de outubro de 1571, as tropas cristãs derrotaram a esquadra otomana de Solimão, o *Magnífico* em Lepanto com a ajuda espiritual de Nossa Senhora, graças à devoção e perseverança na oração mariana pelos cristãos da época, evitando uma invasão e conquista que poderia mudar os rumos da história para sempre. Isso resultou, dentre tantos outros atos do papa, na instauração da memória litúrgica de Nossa

¹⁷⁴ GIULIETTI, 2014, pp. 50-52.

¹⁷⁵ PIO V. Bula *Consueverunt Romani Pontifices*; CRP 1 apud GIULIETTI, 2014, p. 54.

Senhora *do Rosário*, na mesma data da vitória sobre os turcos, chamada inicialmente de *Nossa Senhora da Vitória*, pela Bula *Salvatoris Domini* em 1572. Mais tarde, em 1573, com a Bula *Monet Apostolus*, o papa Gregório XIII a declara festa solene, mudando seu nome para como conhecemos hoje.¹⁷⁶

No fim desta contextualização histórica, é mister saber que, nas décadas que antecederam a Revolução Francesa, o desenvolvimento do Rosário já havia conhecido seus detalhes finais (evidentemente, em grande escala, no que diz respeito às suas estruturas principais, como as orações que o compõem, os objetos de meditação e a sua estrutura interna. Contudo, novos detalhes podem, e foram, sempre sendo acrescentados ou retidos durante tempos posteriores). Uma estabilidade equilibrada foi alcançada no final do século XVI, onde estava presente a *Oração do Senhor*, a *Saudação Angélica* e o conjunto de *mistérios* a serem meditados no decorrer do ato orante, que, respectivamente, simbolizam a bondade do Pai, a companhia de Maria e a contemplação da vida do Senhor e Sua Mãe em um só evento salvífico.¹⁷⁷

Quanto a outros momentos importantes nesse período, temos a inserção das *Ladainhas Lauretanas* ao final do Rosário pelo papa Sisto V em 1587; a extensão da festa de Nossa Senhora do Rosário ao mundo inteiro pelo papa Clemente XI em 1716 e a associação definitiva da oração à meditação dos mistérios da vida de Cristo por ocasião de uma indulgência especial concedida pelo pontífice associada a essa prática; a introdução da récita do Rosário publicamente em cada paróquia da diocese de Milão para a reforma dessa por São Carlos Borromeu, seu pastor, levando assim muitas pessoas à conversão e; a primeira menção ao *Gloria Patri* na estrutura do Rosário em uma obra do espanhol Fernández em 1613.¹⁷⁸

São Vicente de Paulo, escrevendo às suas *Filhas da Caridade*, é um ilustre indicador da fama que a oração mariana alcançou em seus tempos e posteriormente, onde afirma que o Rosário deve ser o *Breviário* de seus associados, ou seja, uma oração constante e diuturna, que não abandona os lábios, a mente e o coração do cristão. E, de fato, é esse o *status* que o *Saltério de Maria* adquiriu entre doutos e ignorantes, pobres e ricos, clérigos, consagrados e leigos.¹⁷⁹

¹⁷⁶ GIULIETTI, 2014, pp. 54-56.

¹⁷⁷ GIULIETTI, 2014, p. 57.

¹⁷⁸ GIULIETTI, 2014, pp. 57-58.

¹⁷⁹ GIULIETTI, 2014, p. 58.

2.2 A FORMA E O SENTIDO DO ROSÁRIO

Sobre o sentido e a forma de rezar a oração do Rosário Mariano (aqui *forma* deve ser entendida como o conjunto de orações, a sua disposição e a maneira de rezá-las na oração mariana. Isso, porém, já foi visto na seção anterior, *História do Rosário*. Contudo, é importante ressaltarmos a maneira vigente da récita do *Saltério Angélico*), o padre Luís Maria Grignon de Montfort estrutura-o na seguinte configuração:

O Rosário inclui duas coisas, a saber: a oração mental e a oração vocal. A oração mental do Santo Rosário nada mais é do que a meditação dos principais mistérios da vida, morte e glória de Jesus Cristo e de sua Santíssima Mãe. A oração vocal do Rosário consiste em recitar quinze dezenas de Ave-Marias precedidas por um Pai Nosso [...].¹⁸⁰

De maneira mais detalhada, vejamos abaixo, a partir da sentença do santo presbítero, uma compreensão a respeito do que podemos chamar d'o *corpo* (a forma) e *alma* (o sentido) desta tão estimada oração do povo de Deus.

2.2.1 A forma do Rosário Mariano

Começando pelo final da sentença apresentada, Grignon de Montfort apresenta a oração mariana já em sua disposição final, já que o prelado francês nasceu em 1673 e morreu em 1716, redigindo a obra citada já nos anos derradeiros de sua vida. Mais adiante, continuando o trecho acima, o autor cita de maneira clara os três grupos de cinco mistérios – *gozosos*, *dolorosos* e *gloriosos* – da vida de Cristo e de Maria que formam a *Coroa de Rosas* propriamente dita.¹⁸¹ Juntamente com o que fora apresentado na seção precedente, é o suficiente sobre a estruturação oracional do Rosário.

Mas isso não é tudo. Além das suas partes, podemos inserir na *forma* da oração mariana, como componente igualmente essencial, as maneiras de como deve-se *recitá-la*, e que são Luís Maria nos indicou acima, no início de sua elocução: a oração *mental* e a oração *vocal*.

¹⁸⁰ MONTFORT, 2016, p. 19.

¹⁸¹ MONTFORT, 2016, p. 19.

Na dimensão mental da oração do Rosário, o orante concentra sua atenção – como desejava Alano de la Roche – nas coisas eternas, mais propriamente, nos eventos salvíficos concernentes à Encarnação, vida, Paixão e Ressurreição do Messias Salvador, Jesus Cristo, além da participação da Santíssima Virgem Maria nos referidos eventos, ora explicitamente, como nos mistérios *gozosos* e nos dois últimos mistérios *gloriosos*, ora implicitamente, ficando a cargo de quem recita o Rosário debruçar-se em meditação, imaginando e refletindo a presença de Nossa Senhora na Paixão de Cristo e nos demais mistérios *gloriosos*.¹⁸²

E no que diz respeito à dimensão vocal do *Saltério de Maria* – o *Pai-nosso* e a *Ave-Maria* – o papa são João Paulo II, em sua Carta Apostólica, *Rosarium Virginis Mariae*, as dá sentido pleno com as seguintes palavras. Em primeiro lugar, vejamos o que diz ele sobre a *Oração do Senhor*:

Após a escuta da Palavra e a concentração no mistério, é natural que o *espírito se eleve para o Pai*. Em cada um de seus mistérios, Jesus leva-nos sempre até o Pai, para quem ele se volta continuamente porque repousa em seu ‘seio’ (cf. Jo 1,18). Quer introduzir-nos na intimidade do Pai para dizermos com ele: ‘Abbá, Pai’ (Rm 8,5; Gl 4,6).¹⁸³

O pontífice faz aqui uma leitura espiritual sobre a oração do *Pai-nosso* que introduz à meditação e à récita da dezena a se contemplar no momento: o Pai eterno é o *alvo* a se almejar aqui, no sentido de direcionar os afetos e pensamentos do orante a Ele, pois é na intimidade e no seio do Pai que o cristão se faz irmão de Cristo, e proclama junto com o Salvador: *Abbá*, chamando o de *paizinho*. É um exercício de repouso, e não de agitação, pois na presença de Deus o homem deve perceber a paz que o envolve, assim como o profeta Elias o fez no monte Horeb.¹⁸⁴

¹⁸² Sobre os mistérios *luminosos*, eles serão incluídos em uma seção à parte, explanando sua idealização, composição e inserção no Rosário pelo papa são João Paulo II.

¹⁸³ JOÃO PAULO II, 2002, p. 33; RVM 32, grifo do autor.

¹⁸⁴ 1Rs 19,8-13.

O papa polonês continua sua reflexão no documento pontifício no número seguinte, agora direcionando-se à excelência da oração da *Saudação Angélica*. Com efeito, nos diz são João Paulo II:

[...] à luz da própria *ave-maria*, bem entendida, nota-se claramente que o caráter mariano não só não se opõe ao cristológico como até o sublinha e exalta. De fato, a primeira parte da *ave-maria*, tirada das palavras dirigidas a Maria pelo anjo Gabriel e por Santa Isabel, é contemplação adoradora do mistério que se realiza na Virgem de Nazaré. Expressam, [...] a admiração do céu e da terra, e deixam de certo modo transparecer o encanto do próprio Deus ao contemplar sua obra-prima — a encarnação do Filho no ventre virginal de Maria [...].¹⁸⁵

A oração da *Ave-Maria* aqui exaltada pelo pontífice romano contém várias faces, que estão todas direcionadas ao mistério da Encarnação do Verbo. Ela não contém em si um valor teleológico por si mesma, mas o seu caráter mariológico é servo e ajuda a compreender com mais perfeição o núcleo cristológico que dá sentido à vocação maternal divina de Nossa Senhora. As palavras da *Saudação Angélica* — a primeira parte de origem bíblica e a segunda parte que, brotando da Escritura, é concebida pela Tradição da Igreja — exprimem de modo tão admirável a beleza e grandeza do evento salvífico da Anunciação e Encarnação do Senhor, encantando até mesmo o próprio Deus, que são objeto de deleite e júbilo para aqueles que a recitam ao meditar a história sagrada e a vida do Redentor.

2.2.2 O sentido do Rosário Mariano

Quanto à sua essência, no orar vocal e mentalmente, são Luís Maria Grignon de Montfort indica o objetivo que tem aquele que reza os mistérios meditados, e estes devem, segundo ele, levá-lo a “[...] honrar e imitar os mistérios e as virtudes da vida, morte, paixão e glória de Jesus Cristo e de Maria”.¹⁸⁶

¹⁸⁵ JOÃO PAULO II, 2002, p. 33; RVM 33, grifo do autor.

¹⁸⁶ MONTFORT, 2016, p. 19.

Ou seja, conforme o que está escrito acima, a oração do Rosário é, ao mesmo tempo, uma escola e um meio eficaz de conformar e configurar a pessoa do cristão devoto às Pessoas de Cristo e de Nossa Senhora, sempre almejando a santidade de vida e a perfeição, a exemplo do próprio Deus que se encarnou e da mais excelsa e plena criatura do Senhor que existirá. É na meditação dos mistérios de Cristo e de Maria que o orante visitará os principais eventos narrados nos Evangelhos (ainda mais agora, com a criação dos mistérios *luminosos*, que preencheram o espaço de três anos da vida pública de nosso Senhor) e os contemplará mentalmente, envolvendo os demais sentidos de seu ser com as orações vocais, e ali abrir-se-á à graça de Deus que deseje santificá-lo sempre mais e fazê-lo assumir com mais profundidade à sua condição de imagem e semelhança do próprio Senhor.¹⁸⁷

A excelência da meditação dos mistérios do Rosário está contida na própria definição de *mistério* dada por Grignon de Montfort. Sobre isso, nos diz ele:

Um mistério é algo sagrado e difícil de entender. Todas as obras de Jesus Cristo são sagradas e divinas, porque ele é Deus e homem ao mesmo tempo. As de Nossa Senhora são santíssimas, porque ela é a mais perfeita de todas as puras criaturas. Chamam-se justamente as obras de Jesus Cristo e de sua Santa Mãe de mistérios, porque elas são cheias de maravilhas, perfeições e instruções profundas e sublimes [...].¹⁸⁸

É na perfeição e sublimidade do evento meditado, que a pessoa que reza, com a ajuda da graça de Deus, se une mais profundamente Àquele que é o objeto de sua reflexão. E é em cada um dos mistérios contemplados que o orante pode retirar uma orientação para a sua vida, a partir da atitude que observa nas Pessoas de Jesus e Maria diante do evento citado, por exemplo, em um mesmo mistério, no caso, o da *subida de Cristo pelo monte Calvário* – o quarto mistério *doloroso* – observa-se com clareza a humildade e caridade infinitas de Cristo Jesus em sofrer atrozes penas por aqueles que o humilhavam e o silêncio obedientíssimo de Nossa Senhora ao não impedir as dores de Seu Filho para o cumprimento do desígnio do Pai, à semelhança do patriarca

¹⁸⁷ Gn 1,26a.27.

¹⁸⁸ MONTFORT, 2016, p. 67.

Abraão, que iria imolar o seu filho Isaac no monte Moriá atendendo à ordem divina,¹⁸⁹ segundo as palavras de santo Afonso Maria de Ligório.¹⁹⁰ Não são coisas que devem ser compreendidas a partir de deduções lógico-silogísticas, submetidas puramente à razão, mas necessitam ser admiradas, amadas e tomadas como regra de vida e ação por parte do orante.¹⁹¹

Contemporaneamente, o papa são João Paulo II, em seu documento sobre a oração mariana, traz ao seu leitor a dimensão *configurativa* do Rosário para quem o recita. Utilizando das palavras de são Paulo em sua *Epístola aos Filipenses*, o sentir e pensar do cristão deve estar em consonância com os de Cristo, fazendo assim nascer o homem novo.¹⁹² O caminho de perfeição proposto pelo *Saltério Angélico* explicado pelo pontífice é este:

No itinerário espiritual do Rosário, fundado na incessante contemplação — em companhia de Maria — do rosto de Cristo, este ideal exigente de configuração com ele alcança-se através do trato, podemos dizer, *amistoso*. Este nos introduz de modo natural na vida de Cristo e como que nos faz *respirar* seus sentimentos [...]. Nesse processo de configuração a Cristo no Rosário, confiamos, de modo particular, à ação maternal da Virgem Santa.¹⁹³

Há, nesse trecho em destaque, duas observações a se fazer, que se mostram importantes para a compreensão do processo de santificação no qual a oração mariana é auxílio e guia: a primeira diz respeito ao *trato amistoso* que há entre Deus e o seu interlocutor. O Senhor não age de modo violento ou invasivo na vida da pessoa humana, obrigando-a a ser santa, mas lhe oferece esse caminho salutar, como aquele que é a via que trará verdadeira plenitude e felicidade à sua vida. Assim como Deus, conhecendo a fraqueza humana e assumindo para si a aliança com

¹⁸⁹ Gn 22,1-18.

¹⁹⁰ LIGÓRIO, Afonso M. de. **Glórias de Maria**: Com indicação de leituras e orações para dois Meses Marianos. Aparecida: Santuário, 1987, p. 56.

¹⁹¹ MONTFORT, 2016, pp. 67-68.

¹⁹² Fl 2,5.

¹⁹³ JOÃO PAULO II, 2002, p. 17; RVM 15, grifo do autor.

Abrão,¹⁹⁴ pois nunca abandona sua criação, é Ele quem garantirá o bom êxito de um projeto de santidade ao que se lhe confiar a alma. E a segunda nos leva novamente às reflexões do padre Luís Maria, exaltando o caráter orgânico e harmônico que o espírito da pessoa que ora se insere ao contemplar o amor de Deus no mistério salvífico, unindo-se cada vez mais ao Amado, tendo, por fim, os mesmos sentimentos d'Ele, como nos disse o hagiógrafo.

2.3 OS PAPAS E O ROSÁRIO

A oração do Rosário, apesar de sua simplicidade e, mesmo sendo objeto de récita de todas as classes de pessoas, principalmente as mais pobres, goza de grande estima por parte da Igreja, sobretudo dos pontífices romanos. Com efeito, desde Leão XIII, quase todos os papas até o dia de hoje publicaram algum documento exaltando os frutos e incentivando a prática da devoção ao *Saltério de Maria*.

São João Paulo II, em sua carta apostólica *Rosarium Virginis Mariae*, destaca seus predecessores são Paulo VI e são João XXIII, que, no espírito conciliar, também tributaram louvores à oração mariana. Eis as palavras do pontífice polonês:

Entre os papas mais recentes, já na época conciliar, que se distinguiram na promoção do Rosário, desejo recordar o beato João XXIII e sobretudo Paulo VI que, na exortação apostólica *Marialis cultus*, destacou, em harmonia com a inspiração do Concílio Vaticano II, o caráter evangélico do Rosário e sua orientação cristológica.¹⁹⁵

De fato, essa oração secular, que conquistou os corações dos católicos ao redor do mundo, não podia ser esquecida ou deixada de lado por aqueles que estão responsáveis em pastorear todas as ovelhas ao redor do orbe, principalmente no que diz respeito às suas orientações e incentivos para que ela seja rezada com fervor, a fim de gerar os frutos que promete nos membros da Igreja e no mundo. Portanto, para melhor compreensão da dimensão *católica* do Rosário, seguem abaixo os

¹⁹⁴ Gn 15,1-21.

¹⁹⁵ JOÃO PAULO II, 2002, p. 8; RVM 2, grifo do autor.

pontífices que mais se destacaram ao lhe prestar tributo e seus escritos destinados ao povo santo de Deus.

2.3.1 São Pio V, beato Pio IX e Leão XIII

Sobre o papa são Pio V, o seu legado e atividade pontifícias quanto ao Rosário estão explanados na segunda metade da seção 2.1.2.2 do presente trabalho, intitulada *o Rosário dominicano e a época moderna*. Contudo, não se poderia deixar de citá-lo nesta parte, dada a grande contribuição que deu para a difusão do *Saltério Angélico* e para a devoção de *Nossa Senhora do Rosário* na Igreja, merecendo estar, evidentemente, ao lado de seus sucessores e irmãos no exercício do ministério petrino.

O beato Pio IX (n. 1792; m. 1878) era um grande amante da oração mariana. Segundo Emanuele Giulietti, o papa italiano era um grande promotor da récita do Rosário, incentivando a todos que fizessem o mesmo com muito amor. Seus escritos sobre ele foram a Carta *Egregiis Suis*, de 1869, onde convida a Igreja para que reze a Coroa de Nossa Senhora para o bom êxito do Concílio Vaticano I e o documento breve *Quod Jure Haereditario*, de 1877, que considera a Ordem Dominicana como a herdeira de tudo o que se refere ao Rosário (lembrando também que é dele a Carta Apostólica *Ineffabilis Deus*, que proclama do dogma da *Imaculada Conceição* de Maria).¹⁹⁶

Quanto ao papa Leão XIII (n. 1810; m. 1903),

[...] depois de São Pio V, foi o segundo papa a ser apelidado o ‘papa do rosário’, por causa de pelo menos nove encíclicas sobre o rosário e numerosos outros documentos (aproximadamente vinte e dois) que dedicou a essa oração.¹⁹⁷

Suas súplicas para levar o povo a recitar a oração mariana visava combater, espiritualmente, os males que assolavam a sociedade na época. Entre os seus vários escritos, está a Encíclica *Supremi Apostolatus Officio*, de 1883, sobre a devoção do Rosário Mariano; a Carta Apostólica *Salutaris Ille*, também de 1883; as Encíclicas *Octobri Mense*, de 1891 e *Laetitiae Sanctae*, de 1893, além de tantos outros.¹⁹⁸

¹⁹⁶ GIULIETTI, 2014, pp. 67-68.

¹⁹⁷ GIULIETTI, 2014, pp. 68-69, grifo do autor.

¹⁹⁸ GIULIETTI, 2014, pp. 69-70.

2.3.2 São Pio X, Bento XV e Pio XI

O papa são Pio X (n. 1835; m. 1914), em seu pontificado de onze anos, escreveu apenas um documento, uma Carta Apostólica de nome *Summa Deus*, de 1907, por ocasião do aniversário de cinquenta anos das aparições da Virgem Maria em Lourdes. Contudo, ressalta Giulietti, que o bispo de Roma tinha especial amor à Nossa Senhora e era grande devoto da oração do Rosário.¹⁹⁹

Bento XV (n. 1854; m. 1922), por sua vez, governava a Igreja em meio à Primeira Guerra Mundial, e decidiu incluir, portanto, na *Ladainha Lauretana*, a 5 de maio de 1917, para suplicar à Mãe de Deus o fim do conflito bélico, o título de *Regina Pacis*. Passados oito dias, em resposta aos rogos do papa, apareceu Maria Santíssima em Fátima, com uma mensagem de paz. Quanto aos seus documentos em relação à oração do Rosário, por ocasião do VII centenário da morte de são Domingos de Gusmão, ele, que era terciário da Ordem Dominicana, apresentou o *Saltério Mariano* como remédio e conforto nos momentos difíceis da provação humana.²⁰⁰

E Pio XI (n. 1857; m. 1939),

[...] na Carta encíclica *Ingravescentibus Malis* (1937), escreve que o rosário é verdadeiro ‘breviário do Evangelho e da vida cristã’, é uma ‘mística grinalda’, uma ‘mística coroa’ amada por todos os católicos, seja qual for a condição a que pertençam.²⁰¹

Dessa forma, o pontífice mostra que, assim como o *Breviário* acompanha e se faz amigo do que o reza, pois é uma oração constante, o Rosário deve seguir os mesmos passos para o fiel cristão, pois o coloca sempre diante dos mistérios mais profundos da fé da Igreja.

2.3.3 Pio XII, são João XXIII e são Paulo VI

Assim como Bento XV conduzia a Igreja em meio às turbulências da primeira grande guerra, Pio XII (n. 1876; m. 1958) foi incumbido de pastorear o povo de Deus durante a Segunda Guerra

¹⁹⁹ GIULIETTI, 2014, pp. 70-71.

²⁰⁰ GIULIETTI, 2014, pp. 71-72.

²⁰¹ GIULIETTI, 2014, p. 73, grifo do autor.

Mundial. Ele, assim como seus antecessores, era fervoroso devoto da Virgem Maria e tinha grande estima pelo Rosário de Nossa Senhora. Entre seus vários documentos, cabe fazer referência aqui à *Ingruentium Malorum*, de 1951, onde incentiva a récita do *Saltério Angélico* pelas famílias, a fim de combater e vencer os males que as assolam. É ele também o responsável pela máxima que se tornou presente no pontificado de seus sucessores, afirmando que o Rosário é *a síntese e compêndio do Evangelho*.²⁰² De fato, em seu governo, a presença da Virgem Maria era intensa: foi ele quem consagrou o mundo ao seu Imaculado Coração em 1942 e proclamou o dogma da *Assunção de Nossa Senhora* em 1950.²⁰³

O papa são João XXIII (n. 1881; m. 1963) quis entregar, mediante as súplicas que fazia à Virgem Maria e recomendações ao povo de Deus que fizessem o mesmo, sobretudo pela oração do Rosário, o II Concílio do Vaticano, do qual foi o idealizador e iniciador. Dessa forma, o Concílio, no oitavo capítulo da Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, prestou a devida reverência à Mãe de Deus e da Igreja. Quanto a são João XXIII, dois documentos de seu pontificado – *Grata Recordatio*, de 1959 e *Il Religioso Convegno*, de 1961 – foram escritos com o tema da oração mariana. O papa afirma que o Rosário é *oração social, pública e universal* para intercessão pela Igreja e pelo mundo.²⁰⁴

E são Paulo VI (n. 1897; m. 1978) continuou o legado de seus predecessores no que diz respeito ao *Saltério de Maria*. Além da Exortação Apostólica *Marialis Cultus*, de 1974, na qual dá direcionamentos para a saudável prática da récita do Rosário, escreveu também as Encíclicas *Mense Maio*, de 1965, *Christi Matri*, de 1966 e a Exortação Apostólica *Recurrens Mensis October*, de 1969, onde afirma que a meditação dos mistérios da vida de Cristo faz do cristão um ser dotado de paz, pois está sempre em contato amoroso com seu Senhor.²⁰⁵

2.3.4 São João Paulo II, Bento XVI e Francisco

O papa são João Paulo II (n. 1920; m. 2005) nutria profundo amor por Nossa Senhora, e quis encarnar sua devoção a ela em seu

²⁰² JOÃO PAULO II, 2002, passim; RVM 1;18-19.

²⁰³ GIULIETTI, 2014, pp. 73-75.

²⁰⁴ GIULIETTI, 2014, pp. 75-76.

²⁰⁵ GIULIETTI, 2014, pp. 76-77.

próprio lema papal: *Totus Tuus*.²⁰⁶ Com efeito, nos diz Giulietti sobre o amor de Karol Wojtyła à Virgem Maria: “Os documentos inspirados nela são inúmeros. Ele amava de modo desmedido o santo rosário, que foi a companhia constante de todo o seu ministério apostólico [...]”.²⁰⁷ De todos os documentos escritos pelo pontífice sobre o tema, o mais memorável foi a Carta Apostólica *Rosarium Virginis Mariæ*, de 2002, por ocasião do início de seu vigésimo-quinto ano de pontificado, onde propõe ele a inserção de uma quarta coroa de mistérios a serem meditados, chamados *luminosos*, a qual será discorrida mais adiante. Além disso, o papa polonês proclamou 2003 como o *Ano do Rosário*, para fomentar aos fiéis a contemplação do rosto de Cristo e da escola de Nossa Senhora.²⁰⁸

Bento XVI (n. 1927; m. 2022), por sua vez, não escreveu nenhum documento oficial sobre o Rosário Mariano, mas proferiu inúmeros discursos, homilias, catequeses e pronunciamentos sobre o tema ao final da récita pública da oração em suas Viagens Apostólicas ou visitas a lugares dedicados à Virgem Maria, como em sua presença no local das aparições de Nossa Senhora em Lourdes por ocasião de seus cento e cinquenta anos.²⁰⁹ Apenas a Exortação Apostólica *Verbum Domini*, de 2010, no número 88, faz menção à oração mariana.²¹⁰ Contudo, mesmo sem publicar um documento oficial de caráter magisterial sobre o assunto, suas referências ao *Saltério de Maria* foram numerosas durante o seu pontificado.²¹¹

Por fim, no que diz respeito ao atual pontífice da Igreja, o papa Francisco (n. 1936), assim como seu predecessor, até o atual momento,

²⁰⁶ *Todo teu*.

²⁰⁷ GIULIETTI, 2014, p. 77.

²⁰⁸ GIULIETTI, 2014, p. 77-79.

²⁰⁹ BENTO XVI. **Homilia na Procissão Eucarística das Velas no Largo do Rosário em Lourdes**. Lourdes, 13 set. 2008. Não paginado. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/homilies/2008/documents/hf_b-en-xvi_hom_20080913_lourdes-procissione.html>. Acesso em: 07 mar. 2023.

²¹⁰ BENTO XVI. **Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Verbum Domini***. Vaticano: 2010. Não paginado; VD 88. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/apost_exhortations/documents/hf_ben-xvi_exh_2010_0930_verbum-domini.html>. Acesso em: 08 mar. 2023.

²¹¹ Esse dado foi adquirido a partir de uma busca no mecanismo do *site* oficial do Vaticano no que diz respeito a Bento XVI e o Rosário Mariano. De fato, não há uma página dedicada a somente esse tema no *site*, contudo, os resultados da pesquisa sobre o referido tema são abundantes.

ele não escreveu um documento oficial que tenha o Rosário como tema central, no entanto, a memória dessa oração se fez e faz presente durante todo o seu pastoreio, como se pode ver em suas homilias, catequeses, discursos, mensagens etc.²¹² Porém, nas Exortações Apostólicas *Evangelii Gaudium*,²¹³ de 2013, e *Gaudete et Exsultate*,²¹⁴ de 2018, o papa faz menção à oração do terço como porto seguro do povo simples e humilde, que se agarra às contas do Rosário para suplicar forças nas provações, tanto nas do dia a dia, quanto naquelas que se apresentam como grandes desafios para serem humanamente suportados.

2.3.4.1 Os mistérios *luminosos* do Rosário

A inserção dos mistérios *luminosos* no Rosário Mariano foi uma iniciativa do papa são João Paulo II. Ele o fez por meio de seu documento *Rosarium Virginis Mariæ*. Essa sugestão representa um acréscimo dos mistérios a serem meditados quanto à vida de Jesus, para, como já fora dito, unir-se a Ele observando e imitando suas virtudes. De fato, havia uma lacuna temporal entre o último mistério *gozoso* – a *perda e o reencontro do Menino Jesus no Templo por Maria e José*²¹⁵ – e o primeiro mistério *doloroso* – a *agonia mortal de Jesus no Getsêmani*²¹⁶ – que açambarcava toda a vida oculta de Cristo em Nazaré e o período de seu *ministério público* anunciando o Reino de Deus às ovelhas da casa de Israel. Com efeito, sobre isso, nos diz o papa:

Considero, no entanto, que, para intensificar a densidade cristológica do Rosário, seja oportuna uma inserção que [...], lhes permita abraçar

²¹² Assim como na nota de rodapé de número 211 do presente trabalho, o mesmo artifício foi utilizado para encontrar as referências do papa Francisco ao Rosário Mariano em seu pontificado até o presente momento.

²¹³ FRANCISCO. **Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium***. Vaticano: 2013. Não paginado; EG 125. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html>. Acesso em: 08 mar. 2023.

²¹⁴ FRANCISCO. **Exortação Apostólica *Gaudete et Exsultate***. Vaticano: 2018. Não paginado; GE 16. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20180319_gaudete-et-exsultate.html>. Acesso em: 08 mar. 2023.

²¹⁵ Lc 2,41-50.

²¹⁶ Lc 22,39-46.

também *os mistérios da vida pública de Cristo entre o batismo e a paixão*. Com efeito, é no âmbito destes mistérios que contemplamos aspectos importantes da pessoa de Cristo como revelador definitivo de Deus [...]. Para que o Rosário possa ser mais plenamente considerado 'compêndio do Evangelho', é conveniente que [...], a meditação se concentre também em alguns momentos particularmente significativos da vida pública (*mistérios da luz*).²¹⁷

Portanto, nota-se aqui que esse acréscimo sugerido por são João Paulo II não pretende, de maneira alguma, desvirtuar a estrutura original do Rosário Mariano (como ele mesmo continua falando nas palavras seguintes da citação acima), mas quer, para melhor proveito e santificação do povo de Deus, enriquecer no fiel orante a meditação da vida de Cristo e de Maria, fazendo-o se debruçar sobre outros eventos ocorridos em sua missão que muitas vezes podem passar despercebidos do imaginário popular, sendo que são autênticas e valiosas escolas de perfeição cristã.

Quanto ao elenco propriamente dito de mistérios contidos nesta quarta coroa, deixemos para contemplá-la no terceiro capítulo desse trabalho, que é o seu objetivo principal.

2.4 O ROSÁRIO COMO ORAÇÃO DO NOVO POVO DE DEUS²¹⁸

Como foi dito acima, praticamente todos os fiéis da Igreja são alcançados pelo Rosário, já que ele foi, e é, um tema recorrente no magistério papal dos últimos séculos – de fato, sua devoção e propagação estão tão intimamente ligados à própria devoção à Nossa Senhora, que é difícil encontrar alguém que é devoto de Maria Santíssima e não recita a sua *Coroa de Rosas*, mesmo sob a forma do *terço* – e as palavras dos sumos pontífices chegam, ao menos, ordinariamente, a todas as comunidades católicas pelo mundo. Ao perguntar a um católico fiel se conhece essa oração, certamente irá

²¹⁷ JOÃO PAULO II, 2002, p. 22; RVM 19, grifo do autor.

²¹⁸ Aqui a expressão *povo de Deus* não quer ser exclusiva em relação aos demais cristãos batizados no mundo (principalmente os ortodoxos e os protestantes), contudo, por conta do viés do trabalho, que ressalta uma oração de prática católica, aqui essa alcunha será aplicada aos católicos romanos.

responder de maneira positiva, já que faz parte do itinerário espiritual de muitas pessoas,²¹⁹ sendo, muitas vezes, sua única oração durante um dia corrido de deveres e compromissos.

O povo de Deus se mostrou, através dos tempos, e nas mais variadas circunstâncias, fervoroso devoto do Rosário, confiando suas preces e angústias à intercessão da Virgem Maria diante tanto de tragédias que os assolaram, como a investida dos albigenses no tempo de são Domingos de Gusmão²²⁰ e a ameaça da invasão turca à Europa no século XVI,²²¹ quanto nos afazeres cotidianos, que também reservam as suas ocasiões de provação e oportunidade para demonstrar esperança. Sobre isso, o papa Francisco nos diz na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*:

Penso na fé firme das mães ao pé da cama do filho doente, que se agarram a um *terço* ainda que não saibam elencar os artigos do Credo; ou na carga imensa de esperança contida numa vela que se acende, numa casa humilde, para pedir ajuda a Maria, ou nos olhares de profundo amor a Cristo crucificado.²²²

Aqui, o atual pontífice faz uma leitura cirúrgica em poucas linhas do que é um caminho de santidade (como ele mesmo o diz na *Gaudete et Exsultate*)²²³ que é confeccionado no decorrer do dia a dia de um cristão que não se destaca por um dom em especial, ou mesmo, pode não exercer uma função pinacular, seja na Igreja, seja na vida civil, mas cresce no amor a Deus nas pequenas coisas corriqueiras. Um elemento é fulcral na sua compreensão: *ainda que não saibam elencar os artigos do Credo*: isso significa que não é nas puras alturas das montanhas da reflexão teológica ou filosófica que alguém irá percorrer com êxito o caminho de santificação, mas é no dom simples, humilde e amoroso do querer estar diante de Deus que os corações se unem. Não é só na

²¹⁹ LEÃO XIII. **Carta Encíclica *Supremi Apostolatus Officio***. Vaticano: 1883. Não paginado; SAO 17. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/leo-xiii/pt/encyclicals/documents/hf_l-xiii_enc_01091883_supremi-apostolatus-officio.html>. Acesso em: 14 fev. 2023.

²²⁰ LEÃO XIII, 1883, não paginado; SAO 6.

²²¹ LEÃO XIII, 1883, não paginado; SAO 7.

²²² FRANCISCO, 2013, não paginado; EG 125, grifo nosso.

²²³ FRANCISCO, 2018, não paginado; GE 16.

ignorância da compreensão dos artigos do Credo, mas também entre o povo simples há a ausência de conhecimento dos próprios mistérios do Rosário, restando-lhes apenas a récita do *Pai-nosso* e da *Ave-Maria* e isso, unido a um ato de amor a Deus e à Virgem, é o suficiente para uma oração frutífera e proveitosa.

Como foi dito acima, o papa Francisco, em seus escritos oficiais, não elaborou, até o momento, um documento oficial sobre o Rosário em si, mas, de maneira discreta, porém, profunda, introduziu a prática mariana em suas reflexões, sempre fazendo referência ao *ordinário* da vida cristã. Vejamos o que diz o pontífice na Exortação Apostólica *Gaudete et Exsultate*:

Esta santidade, a que o Senhor te chama, irá crescendo com pequenos gestos. Por exemplo, uma senhora vai ao mercado fazer as compras, encontra uma vizinha, começam a falar e... surgem as críticas. Mas esta mulher diz para consigo: ‘Não! Não falarei mal de ninguém’. Isto é um passo rumo à santidade [...]. Ou então atravessa um momento de angústia, mas lembra-se do amor da Virgem Maria, pega no *terço* e reza com fé. Este é outro caminho de santidade.²²⁴

O Rosário Mariano não é oração de uma pessoa somente, mas é prática piedosa do *povo de Deus*, onde o seu caráter *público* se manifesta com intensidade em diversas ocasiões, reunindo leigos, religiosos e clérigos, açambarcando todas as classes de membros da Igreja, onde aqueles que rezam suplicam a intercessão de Nossa Senhora pelo bom êxito de seus empreendimentos, sejam eles temporais ou espirituais. Na *V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe*, ocorrida em Aparecida no ano de 2007, no dia 12 de maio, o papa Bento XVI reuniu-se²²⁵ com os clérigos, diáconos, consagrados, seminaristas e todo o povo presente para a récita da oração mariana,

²²⁴ FRANCISCO, 2018, não paginado; GE 16, grifo do autor, grifo nosso.

²²⁵ Sobre o referido evento, não foi selecionado pelo pesquisador uma notícia ou matéria sobre a récita pública do Rosário, mas a indicação no apêndice do *Documento de Aparecida* do discurso feito por Bento XVI ao final da mesma oração, como está indicado na nota de rodapé de número 226.

rogando seu auxílio maternal na caminhada da Igreja na América Latina e nas ilhas do Caribe.²²⁶

A propósito, no que diz respeito às reflexões e resoluções do *Documento de Aparecida*, no capítulo VI do documento final, *O caminho de formação dos Discípulos Missionários*, onde aqueles que são chamados a serem sinal do Reino onde estiverem, sobretudo no ambiente cultural no qual estão inseridos e constroem a sua vida e sua identidade social, a oração do Rosário é reconhecida como autêntica expressão de espiritualidade da piedade popular.²²⁷

Outro aspecto histórico que elucida a íntima união do Rosário com a simplicidade do povo foi a fundação das chamadas *Confrarias do Rosário*. Na verdade, o que conhecemos hoje por Confraria do Rosário, fundada, de certa forma, por Alano de la Roche em 1470 na cidade de Douai, na França, foi uma *reforma* e um *relançamento* do que eram as *Pias Fraternidades de Maria e São Domingos*, erigidas por São Pedro de Verona em 1233. Essas fraternidades operavam de forma semelhante às Confrarias, tendo por base a reunião de leigos e clérigos para rezar à Virgem Maria e ouvirem sermões dos sacerdotes a fim de não se desviarem da fé com os ataques das heresias da época.²²⁸

Inicialmente, nos estatutos elaborados pelo próprio Alano, estava a obrigação dos confrades de recitarem um Rosário de quinze dezenas todos os dias, além dos demais atos de piedade. Contudo, o papa Clemente VII, em 1534, na Bula *Etsi Temporalium*, percebendo os movimentos de alguns priores europeus em reduzir essa carga para um Rosário por semana, por conta da dificuldade dos leigos em conciliarem seus ofícios familiares e laborais com a prática, tomou a mesma decisão e a estendeu por toda a Igreja universal.²²⁹

Além disso, outro sinal claro que se pode notar do amor que o povo de Deus nutre pela oração mariana são as frequentes recitações da mesma oração nos grandes santuários, sobretudo marianos, ao redor do globo, principalmente nos locais das aparições de Nossa Senhora reconhecidas pela Igreja, como Fátima e Lourdes na Europa, e

²²⁶ CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE, V, 2007, Aparecida. **Documento de Aparecida**: texto conclusivo. 7. ed. Brasília: CNBB, 2008. p. 257.

²²⁷ CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE, V, 2007, p. 120; DAp. 259.

²²⁸ GIULIETTI, 2014, p. 43.

²²⁹ GIULIETTI, 2014, pp. 43-45.

Guadalupe na América do Norte, e em lugares onde foram erigidas igrejas em honra à Mãe de Deus pela piedade do povo que presencia sua ação maternal sobrenatural em prol do benefício temporal e salvação espiritual nesta ou naquela região, como na cidade de Aparecida, no Vale do Paraíba, em São Paulo.²³⁰

Aqui, se pode fazer uma interessante relação entre a oração do *Saltério de Maria* proferida pelo povo nesses lugares sagrados com a providência divina, que sempre está demonstrando seu apreço pelos pequeninos e humildes:²³¹ o itinerário devocional das pessoas que peregrinam nos locais dedicados à Nossa Senhora, seja em particular, seja publicamente, sempre passa pela récita do Rosário, pois essa oração – sem cair em um detrimento em relação a outros atos de piedade, porém, o foco aqui é a oração mariana – como já fora visto, se destaca por sua simples estrutura e testemunho multissecular de amor e configuração à Pessoa de Jesus Cristo e à sua Mãe, Maria Santíssima.

Como se pôde perceber no decorrer de todo o presente capítulo, a oração do Rosário Mariano adentrou no coração e no imaginário de todo o orbe católico de maneira perpétua. Desde os santos, os papas, bispos, clérigos, religiosos e leigos, dos mais instruídos aos mais ignorantes, ricos e pobres, todos, à sua maneira, expressam um amor filial para com Nossa Senhora e a sua *Coroa de Rosas*, onde aprendem cada vez mais, pelo mérito da meditação e contemplação, a amar Jesus Cristo e seguir os seus passos virtuosos, de acordo com o seu estado de vida.

Eis o Rosário de Maria: uma oração simples, que pode ser contada nos dedos das mãos e recitada no silêncio do coração, mas que é vista por muitos sumos pontífices como um *remédio salutar* contra os males dos diversos tempos: heresias, invasões, atentados aos valores cristãos... Enfim, um instrumento utilizado para interceder contra as *guerras*: sejam elas temporais, sejam elas espirituais.

²³⁰ JOÃO PAULO II. *Redemptoris Mater*; RM 28 apud CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A PASTORAL DOS MIGRANTES E ITINERANTES. **O santuário**: memória, presença e profecia do Deus vivo. Vaticano: 1999. Não paginado; SA 18. Disponível em: <https://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/migrants/documents/rc_pc_migrants_doc_19990525_shrine_po.html>. Acesso em: 16 mai. 2023.

²³¹ Mt 11,25.

3 OS SALMOS COMO AUXÍLIO MEDITATIVO DOS MISTÉRIOS DO ROSÁRIO

Após compreender, em particular, cada um dos elementos constitutivos da presente pesquisa, isto é, a oração dos salmos e o Rosário Mariano nos dois primeiros capítulos da monografia, respectivamente, cabe a nós agora harmonizá-los e os integrar em um só ato orante, onde os frutos espirituais de um e de outro possam haurir para aquele que reza, aproveitando os benefícios advindos das palavras dos poemas sagrados veterotestamentários no exercício da meditação dos eventos da vida de Cristo e de Sua Mãe.

Com efeito, segundo as palavras do mais notável biblista da história da Igreja, são Jerônimo de Estridão (m. 420), em seu prólogo ao *Comentário sobre o profeta Isaías*, onde encontramos a notável máxima sobre as Escrituras Sagradas, que *ignora-las é ignorar Cristo*, o Doutor da Igreja chama o profeta acima referido de *evangelista e apóstolo*.²³² Ele o faz, pois nas palavras que sucedem a esse elogio, enumera os eventos da vinda do Messias, os revelando com exatidão profética.²³³ De fato, em diversas ocasiões, ao longo dos sessenta e seis capítulos do profeta Isaías, encontramos Cristo Jesus em Sua missão redentora, ainda velado pela limitação do tempo e da aliança, mas, para nós, novo povo de Deus, já manifestado, e, por isso, esses textos sagrados nos são valiosa fonte de meditação e conhecimento da vida do Senhor.

Contudo, qual o sentido dessa menção a Isaías no contexto da atual pesquisa? A resposta é que, da mesma forma que os escritos do profeta podem, e devem, ser instrumentos que nos auxiliam a conhecer sempre mais a Pessoa de Nosso Senhor, na mesma medida, ou, ainda mais, as palavras dos salmos nos fazem esse mesmo favor, afinal, como nos disse santo Tomás de Aquino, segundo Dom João Martins Terra, ainda no início desse trabalho, esse livro canônico é o *predileto da Igreja*, onde todas as Sagradas Escrituras, sinteticamente, estão contidas em seus poéticos versos.²³⁴

Porém, ainda um elemento necessita ser esclarecido para uma mais completa compreensão do tema global dessa pesquisa: de que maneira *utilizar* os escritos sálmicos na meditação dos mistérios do *Saltério de Maria*? E é aqui que reside a importância maior de todo esse

²³² LITURGIA DAS HORAS. 4. v. Petrópolis: Vozes, 1999b. p. 1329.

²³³ LITURGIA DAS HORAS, 1999b, p. 1329.

²³⁴ TERRA, 1974, p. 101.

movimento, afinal, é necessário que toda essa reflexão teológica possa ser *encarnada* de fato na vida do cristão, para que não seja impedida de ultrapassar as paredes das salas de aula do universo acadêmico.

3.1 COMO MEDITAR OS MISTÉRIOS DO ROSÁRIO A PARTIR DOS SALMOS?

Como já fora visto, cada conjunto de mistérios do Rosário Mariano, a saber, os *gozosos*, os *luminosos*, os *dolorosos* e os *gloriosos* tem, em seu escopo, cinco episódios salvíficos da Encarnação do Verbo a serem meditados no decorrer da récita das *Ave-Marias*. E, como toda a Sagrada Escritura orienta-se para Jesus Cristo, os salmos podem ser utilizados para auxiliar, de alguma forma, essa mesma meditação, para um melhor proveito dos frutos do Rosário.

Sobre isso, são João Paulo II, em seu mais célebre documento sobre a oração mariana, nos ilustra a importância ímpar da presença das palavras da Sagrada Escritura durante a récita do Rosário, conduzindo aquele que reza a uma experiência mais completa do exercício meditativo dos acontecimentos salvíficos. Com efeito, nos diz o papa:

A fim de dar fundamentação bíblica e maior profundidade à meditação, é útil que a enunciação do mistério seja acompanhada pela *proclamação de uma passagem bíblica alusiva*, que, segundo as circunstâncias, pode ser mais ou menos longa. De fato, as outras palavras não atingem nunca a eficácia própria da palavra inspirada. Esta deve ser escutada com a certeza de que é Palavra de Deus, pronunciada para o dia de hoje e 'para mim'. Assim acolhida, ela entra na metodologia de repetição do Rosário, sem provocar o enfado que derivaria de uma simples evocação de informação já bem conhecida.²³⁵

Esse trecho do documento pontifício acima citado nos garante um conhecimento basilar para compreender e considerar a presença das palavras sálmicas no decorrer dos mistérios do Rosário. Alguns pontos apresentados são importantes para isso: a *utilidade* da passagem bíblica como ferramenta auxiliadora para apreender com mais plenitude o

²³⁵ JOÃO PAULO II, 2002, p. 32; RVM 30, grifo do autor.

objeto meditado no momento, amparada pelo fato dessa mesma passagem ser a fonte de maior profundidade sobre o que se está contemplando, pois, afinal, não é um texto redigido por um comentador ou um cristão de épocas posteriores, mas é fruto de próprio punho do hagiógrafo, que, inspirado pelo Espírito Santo, escreve ali o que nós cremos e chamamos de *Palavra de Deus*, de eficácia incomparável, como nos diz o próprio papa polonês.

Depois, um termo em especial nesse pequeno fragmento também tem sua importância: se trata da palavra *alusiva*. É evidente que os eventos narrados nos Evangelhos a respeito dos mistérios meditados esclarecem de maneira muito mais completa o que se está sendo considerado no momento em que as *Saudações Angélicas* são recitadas, pois é de lá que, em sua grande maioria, a inspiração para tal é retirada. Contudo, como todas as Escrituras se orientam para Cristo, e, em especial, os salmos também o profetizam em sua Encarnação e missão salvadora,²³⁶ também eles, *aludindo*, profeticamente a era messiânica, são, a partir de trechos bíblicos que muitas vezes não se encontram no imaginário popular, como os relatos evangélicos, instrumentos que amparam o orante em seu exercício meditativo, evitando assim, como nos diz o pontífice, o seu enfado derivado de informações já sabidas.

Por fim, considerando os elementos acima elucidados, podemos afirmar com veemência que a utilização dos salmos na recitação do Rosário – lendo-os (evidentemente, aqueles que mais se associam ao objeto a ser meditado) em parte ou completamente após o anúncio do mistério e antes de se iniciar a *Oração dominical* – é um meio eficaz de se alcançar mais plenamente as graças que emanam do *Saltério Angélico*, pois, em seus versos, há de se encontrar o Cristo que se encarnou, padeceu e sofreu por cada um de nós.

Dito isso, após compreender *como* fazê-lo, passemos a cada um dos vinte mistérios do Rosário Mariano, conceituando-os e lhes indicando o salmo – ou *os salmos* – que lhe serão associados para o enriquecimento de sua meditação durante a oração mariana.

3.2 OS MISTÉRIOS GOZOSOS

O primeiro ciclo de mistérios do Rosário é o dos *gozosos*, ou da alegria. Eles estão ali inseridos por que dizem respeito aos primeiros acontecimentos da vinda do Salvador ao mundo, até mesmo antes de

²³⁶ Lc 24,44.

Sua natividade. Segundo são João Paulo II, esses mistérios caracterizam-se

[...] de fato pela *alegria que irradia do acontecimento da encarnação*. [...] De fato, se o desígnio do Pai é recapitular em Cristo todas as coisas (Ef 1,10), então todo o universo de algum modo é alcançado pelo favor divino, com o qual o Pai se inclina sobre Maria para torná-la Mãe de seu Filho.²³⁷

Como foi dito, o núcleo na qual orbitam os mistérios e a atitude que o cristão que ora deve tomar diante dessa etapa da história da Salvação é a *alegria*. Com efeito, é neste tempo, que são Paulo chama de *pleno*,²³⁸ que as promessas do Velho Testamento começam a se concretizar, e a libertação das criaturas humanas do pecado e da morte está próxima. Isso, sem dúvidas é motivo de louvor incessante por parte daqueles que irão receber essa graça singular. E não apenas nós, dotados de alma e corpo é que devemos louvar a Deus por Suas maravilhas, mas até mesmo a própria criação a seu modo, pois geme e padece as dores do pecado.²³⁹ Além disso, esses eventos primários que contemplamos nos mistérios *gozosos* são tão sublimes que nem mesmo os anjos deixam de prestar sua adoração, exaltando a misericórdia divina.²⁴⁰

Vamos, agora, a cada um dos mistérios *gozosos* e seus respectivos salmos.

3.2.1 A *anunciação do anjo à Nossa Senhora*

O primeiro mistério *gozoso* diz respeito ao anúncio que o arcanjo são Gabriel faz à Virgem Maria e a sua resposta positiva ao plano divino, participando ativamente do desígnio do Pai para a Salvação da humanidade, como nos diz a Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, do Concílio Vaticano II:

Deste modo, Maria, filha de Adão, dando o seu consentimento à palavra divina, tornou-se Mãe de

²³⁷ JOÃO PAULO II, 2002, pp. 22-23; RVM 20, grifo do autor.

²³⁸ Gl 4,4.

²³⁹ Rm 8,22.

²⁴⁰ Lc 2,6-14.

Jesus e, não retida por qualquer pecado, abraçou de todo o coração o desígnio salvador de Deus [...]. Por isso, consideram com razão os santos Padres que Maria não foi utilizada por Deus como instrumento meramente passivo, mas que cooperou livremente, pela sua fé e obediência, na salvação dos homens.²⁴¹

Isso tudo, no relato hagiográfico,²⁴² se deu no sexto mês da gravidez de sua parenta, santa Isabel, na cidade de Nazaré, na Galileia.²⁴³ Quanto a esse mistério, o *Cardeal* Giovanni Battista Re tece uma profunda reflexão, mostrando que os planos de Deus, ainda que no escondimento e no silêncio humildes, se realizam, mesmo em meio à atividade ininterrupta do mundo. Tanto em Nazaré, quanto em Roma ou Atenas, este foi um dia como qualquer outro, em que todas as pessoas viviam sua vida normalmente, sem grandes ou inesperados acontecimentos. Contudo, é naquele pequeno espaço, em um diálogo sobrenatural entre uma jovem Virgem e um anjo enviado por Deus que os tempos alcançam a plenitude e o cumprimento da promessa a Abraão.²⁴⁴ O *fiat* da Santíssima Virgem, segundo o *Cardeal* Re, foi uma atitude consensual de Maria, e não uma imposição violenta de Deus, que respeita a vontade livre do ser humano, mesmo em tão grande empreitada como essa, que ultrapassa infinitamente os feitos heroicos do Velho Testamento. E nós, que dependíamos desse *sim*, recebemos o sublime presente da Encarnação do Verbo.²⁴⁵

Aqui, a própria liturgia da Santa Missa (como em vários outros mistérios que veremos adiante) nos apresenta o *salmo responsorial* que vai ao encontro do objeto a ser meditado, pois no dia 25 de março a

²⁴¹ CONCÍLIO VATICANO II, 1964, não paginado; LG 56.

²⁴² Devido a alta quantidade de conteúdos que serão estudados nesse terceiro capítulo, sobretudo pela análise de cada um dos vinte mistérios do Rosário Mariano, além da inserção de um ou mais salmos ou fragmentos de salmos para cada mistério, o pesquisador decidiu omitir os trechos bíblicos neotestamentários que dizem respeito aos eventos abordados em cada uma das seguintes seções, além desta, que estamos vendo agora.

²⁴³ Lc 1,26-28.

²⁴⁴ RE, Giovanni B. *Annunciazione*. In: RE, Giovanni B. et al. **Rosario: Preghiera prediletta**. Roma: Nova Itinera, 2003. pp. 47-49.

²⁴⁵ RE, Giovanni B. *Annunciazione*. In: RE et al, 2003, p. 49.

Igreja celebra a solenidade homônima do primeiro mistério *gozoso*.²⁴⁶ Com efeito, o salmo 39(40) é recitado todos os anos, ressaltando aqui o caráter *cristológico* da *anunciação* à Maria, pois compreende o mistério a partir do Cristo que vêm Se encarnar no seio puríssimo da Virgem, fazendo assim, a vontade do Pai eterno.²⁴⁷

Contudo, é possível apresentar uma outra opção sálmica para a meditação desse evento, enriquecendo ainda mais o conteúdo para o melhor proveito do Rosário, também direcionando os olhos do coração para a perspectiva da própria Virgem Maria, que reconheceu sua condição humilde e louvou a Deus com o canto do *Magnificat*, exaltando Suas obras sublimes.²⁴⁸ Aqui, o salmo 112(113) surge como matéria meditativa, já que açambarca temas diretamente relacionados com a *anunciação*: o louvor ao *Nome* de Deus, a Sua onipotência misericordiosa e a Sua condescendência pronta para socorrer a pobre humanidade, coberta de lixo e poeira.²⁴⁹

3.2.2 A *visitação* de Nossa Senhora à santa Isabel

O relato bíblico, após a *anunciação* do anjo, evidencia a diligência caridosa de Nossa Senhora que, vendo as condições que santa Isabel, sua parenta, enfrentava – uma gestação na velhice –, põe-se imediatamente a caminho de uma cidade de Judá, para servi-la nos meses que lhe restavam para dar à luz.²⁵⁰ O ambiente do encontro entre Maria e Isabel, segundo são Lucas, é de alegria e exultação, pois não apenas Isabel se rejubila com a presença *da mãe do seu Senhor* em sua casa, mas também seu filho, ainda sendo gerado em seu ventre, como nos diz são João Paulo II na *Rosarium Virginis Mariae*: “Sob o signo da exultação, aparece depois a cena do encontro com Isabel, onde a voz de Maria e a presença de Cristo em seu ventre fazem João ‘saltar de alegria’ (cf. Lc 1,44)”.²⁵¹ Assim como os demais mistérios *gozosos*, esse também nos convida a nos juntarmos à Virgem e sua parenta nos louvores a Deus por sua misericórdia eterna.

²⁴⁶ SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO. **Palavra do Senhor III**: lecionário para as missas dos santos, dos comuns, para diversas necessidades e votivas. São Paulo: Paulus, 2021a. p. 75.

²⁴⁷ Sl 39(40),7-8.

²⁴⁸ Lc 1,48-49.

²⁴⁹ Sl 112(113).

²⁵⁰ Lc 1,39-43.56-57.

²⁵¹ JOÃO PAULO II, 2002, p. 23; RVM 20, grifo do autor.

Antes de adentrarmos ao salmo que pode ser utilizado para a meditação desse mistério, dois pontos devem ser levados em consideração para uma melhor compreensão do que se está sendo contemplado: se trata aqui do presente objeto visto em uma chave mais *teológica* e também em uma chave de caráter *moral-espiritual*. Evidentemente, esses dois pontos de vista não são excludentes, muito pelo contrário, mas sua análise em separado contribui para um aprofundamento mais efetivo.

Em primeiro lugar, não se pode deixar de ressaltar a sublimidade de tal encontro, onde a Igreja, em sua festa anual, em 31 de maio, decidiu perpetuar tal evento em sua liturgia pública. Dentre os vários sentidos que se pode apreender desta perícope, põe-se em destaque aqui a união harmoniosa entre o Velho e o Novo Testamentos, e o júbilo expressado pela antiga aliança ao estar diante daquela que a plenificaria e a sucederia para sempre. Sobre isso, o padre Bruno Carneiro Lira, monge beneditino, nos afirma:

Aqui, as duas mães, também na montanha, representam o Antigo e o Novo Testamento. Isabel nos oferece o precursor do Senhor, o último profeta da antiga lei e o primeiro da nova. Ele é a voz que sempre precede a fala, a palavra. Sem voz não podemos pronunciar nada, por isso João Batista é o precursor do Senhor, a voz que clama no deserto [...]. Assim, a Igreja celebra festivamente este dia que abre para nós o tempo da graça e da verdade [...].²⁵²

Outro ponto a destacar, agora de ordem *moral-espiritual*, é o que nos traz são Luís Maria, em seu *método para recitar o Rosário*, onde nos expõe a necessidade de suplicarmos a Deus por intercessão de Maria, *o dom da caridade perfeita para com o próximo*.²⁵³ Com isso, o santo francês nos convida a pedir e imitar essa sublime virtude da Mãe de Deus, sempre com o socorro que vem do alto.

Por fim, no que diz respeito ao salmo que pode ser utilizado nesse mistério, além do olhar *cristológico* e *mariano* que esse evento nos proporciona, uma nova perspectiva de tudo isso pode ser lançada: a

²⁵² LIRA, Bruno C. **A Virgem Maria no ano litúrgico**. São Paulo: Paulinas, 2018. p. 61.

²⁵³ MONTFORT, 2016, p. 142.

de santa Isabel, que representa, como visto anteriormente, o Velho Testamento, ou seja, todos os que esperavam pelo Salvador prometido. Aqui, o salmo gradual 120(121) coloca o orante na figura de Isabel, que, olhando os montes, espera o seu socorro, que virá sem tardar.

3.2.3 O nascimento do menino Jesus em Belém

No terceiro mistério *gozoso*, o objeto a ser contemplado é o nascimento de Jesus em Belém. De fato, não poderia haver posição melhor do que esta, pois os demais mistérios pertencentes a esse ciclo primário orbitam e tem sua razão de ser nesse evento salvífico.

Aqui podemos dizer que a alegria, sentimento que conserva todos os cinco primeiros mistérios do Rosário, chega ao seu ápice e plenitude, “[...] porque um menino nos nasceu, um filho nos foi dado”.²⁵⁴ Contudo, em conformidade com as palavras do *Cardeal* Re no mistério da *anunciação*, o *Cardeal* Michael Michai Kitbunchu, arcebispo tailandês, novamente nos lembra que o gáudio celeste difere das alegrias passageiras da terra: esse colossal evento se dá na normalidade e na simplicidade da cidade de Belém, dentro de mais um dia como qualquer outro para os grandes centros, mas é nesse mesmo dia, e nessa mesma manjedoura na cidade de Davi, que o próprio Deus vem ao mundo como um pequeno e indefeso infante, amparado pelos braços de Sua Mãe e pela proteção de São José.²⁵⁵ Nos céus, porém, as miríades angélicas rejubilam pelo amor eterno de Deus para com a humanidade.²⁵⁶

Além disso, São Luís Maria Grignon de Montfort nos convida a uma outra atitude, comprometida com a conversão e mudança de vida constante de quem recita o *Saltério Angélico*, diante do nascimento de Cristo. Com efeito nos diz o presbítero, na introdução da dezena, em oração a Jesus e Maria: “[...] e vos pedimos por este mistério e por intercessão de Vossa Mãe Santíssima, o desapego dos bens terrenos e das riquezas e o amor à santa pobreza”.²⁵⁷ Essas duas dimensões – a do júbilo da criação e da humildade infinita do Redentor – são, para o cristão que reza o Rosário, objetos de profunda meditação. E os salmos podem os auxiliar nesse exercício.

²⁵⁴ Is 9,5a.

²⁵⁵ KITBUNCHU, Michael M. *Nascita di Gesù*. In: RE et al, 2003, p. 61.

²⁵⁶ Lc 2,13-14.

²⁵⁷ MONTFORT, 2016, p. 143.

Em primeiro lugar, o louvor que todo o universo tributa a Deus pela Salvação operada por Seu Filho ali iniciada já está profetizado no salmo 97(98), como se pode ver pela tradução litúrgica do Brasil:²⁵⁸

- Os confins do universo contemplaram *
a salvação do nosso Deus.
- ⁴ Aclamai o Senhor Deus, ó terra inteira, *
alegrai-vos e exultai!²⁵⁹

Esse salmo é muito propício para a meditação, pois é utilizado na liturgia pública da Natividade do Senhor na Igreja, anualmente.²⁶⁰ Sobre ele, o padre Luís Alonso Schökel chama-o *salmo de advento*, pois abarca qualquer vinda de Cristo, desde o Seu nascimento, passando por Sua presença sacramental na Igreja, até, por fim, a *Parusia*.²⁶¹

E quanto à dimensão da pobreza que nos indica Grignon de Montfort, podemos contemplar o Cristo, Rei-Messias, que nos deixou o exemplo da pobreza e desapego extremos.²⁶² Aqui, o salmo 71(72) nos indica, profeticamente, o Rei que irá governar o povo de Deus para sempre, em especial os pobres, que gozarão de seu amparo misericordioso.²⁶³ Comentando esse salmo, santo Agostinho afirma que as palavras do hagiógrafo são um convite e um exemplo para o povo, que é chamado a ser pobre e humilde, a exemplo de Cristo.²⁶⁴

3.2.4 A apresentação de Jesus no Templo

Antigamente intitulada como *Purificação de Nossa Senhora*,²⁶⁵ esse mistério *gozoso* é mais um dos que fazem parte do rol das festas litúrgicas anuais da Igreja, celebrada a 2 de fevereiro, quarenta dias após

²⁵⁸ Cf. nota de rodapé, n. 15.

²⁵⁹ LITURGIA DAS HORAS, 1999a, p. 852; SI 97(98),3b-4.

²⁶⁰ SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO. **Palavra do Senhor I:** lecionário dominical A-B-C. São Paulo: Paulus, 2021b. p. 80.

²⁶¹ CARNITI, Cecilia; SCHÖKEL, Luis A. **Salmos II:** Salmos 73-150. Trad. João Rezende Costa. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2021b. p. 1227.

²⁶² Fl 2,5-11.

²⁶³ SI 71(72),2.4.12-13.

²⁶⁴ AGOSTINHO DE HIPONA. **Comentário aos Salmos:** Salmos 51-100. São Paulo: Paulus, 1997. p. 537; Enarr. in Ps. 71,3.

²⁶⁵ MISSALE Romanum. 5. ed. Estados Unidos da América: Benzinger Brothers, 1945. p. 472.

o Natal, conservando assim, a cronologia bíblica dos acontecimentos da vida de Cristo.²⁶⁶

Esse mistério está carregado de simbologia espiritual (que veremos adiante, com os salmos que lhe são afins), apesar de dizer respeito a um ritual objetivo judaico onde todos os primogênitos do sexo masculino de uma família deveriam ser apresentados e consagrados ao Senhor, como resgate ofertado diante da última praga que assolou o Egito, no contexto da *Pessach* do Povo de Israel relatado no livro do Êxodo, nos capítulos 11 e 13.²⁶⁷

Uma importante observação sobre esse evento a ser meditado na oração mariana, juntamente com o próximo, nos faz o papa são João Paulo II em sua Carta Apostólica sobre o Rosário. Com efeito, nos diz ele:

Os dois últimos mistérios, porém, mesmo conservando o sabor da alegria, já *antecipam os sinais do drama*. A apresentação no templo, de fato, enquanto exprime a alegria da consagração e extasia o velho Simeão, registra também a profecia do ‘sinal de contradição’ que o menino será para Israel e da espada que trespassará a alma da mãe [...].²⁶⁸

Aqui, o pontífice faz uma importante ligação dos mistérios da alegria com os mistérios da dor, indicando assim uma unidade salvífica da missão de Jesus, sabendo que todos os passos de sua vida estavam direcionados para a Sua Paixão redentora, que culminará novamente no júbilo da vida ressurreta. Contudo, a liturgia nos apresenta o caráter laudatório dessa festa, exaltando a presença sublime do Messias que adentra ao Templo de Jerusalém, purificando as ofertas dos filhos de Israel, tornando-as novamente agradáveis ao Senhor, como nos diz a profecia de Malaquias.²⁶⁹

Para a meditação desse mistério, três salmos se fazem agradáveis ao orante, pois partem de dois pontos de vista diferentes, proporcionando uma riqueza maior de conteúdo: em primeiro lugar, os salmos 23(24),7-10 e 67(68),2-5.20-21.25-30.36 relatam o Senhor que

²⁶⁶ LIRA, 2018, p. 70.

²⁶⁷ LIRA, 2018, p. 70.

²⁶⁸ JOÃO PAULO II, 2002, p. 23; RVM 20, grifo do autor.

²⁶⁹ MI 3,1-4.

adentra ao santuário e a festa daqueles que o recebem, pois veem o seu Salvador e Libertador pronto para os amparar; e em segundo lugar, o salmo 83(84) relata a alegria daquele que se encontra no interior dos átrios do Templo, que pode ser relido à luz da presença de Cristo que lá está, indicando o louvor prestado a Deus pela apresentação de Jesus e as delícias de se colocar diante da sublime presença do Senhor e gozar de suas bênçãos e graças inesgotáveis.

3.2.5 A perda e o reencontro de Jesus no Templo, aos doze anos

O último mistério deste primeiro ciclo de eventos da vida de Nosso Senhor no Rosário Mariano apresenta àquele que o recitará a meditação da perda e do reencontro de Jesus, aos doze anos, entre os doutores, no Templo de Jerusalém, por Maria e José.²⁷⁰

Como afirmou acima são João Paulo II, esse mistério também entra naqueles que, além de anunciar a alegria do reencontro, antecipa a dor da perda. A monja beneditina Joan Chittister, em sua obra *In pursuit of peace: praying the rosary through the psalms*, nos diz que a vida de Nossa Senhora, de são José e de Jesus, após o retorno para casa, provavelmente conheceu a normalidade da vida cotidiana de uma família normal em um ambiente normal na cidade de Nazaré. Contudo, após subir para a cidade santa em uma festa, a vida destes pais foi duramente abalada com a perda de seu Filho. E, com certeza, a busca por Ele foi permeada de preocupações. Além disso, para completar a dimensão dolorosa desse mistério da alegria, a autora continua dizendo que o reencontro reservou uma sensação terrível, fundamentada no temor do que viria. Mas, muito mais forte do que isso era a confiança e o abandono à divina providência.²⁷¹

O pontífice polonês nos expõe também esse mistério na ótica do Filho de Deus. Nos diz ele que

Vemo-lo aqui em sua divina sabedoria, enquanto escuta e interroga, e substancialmente no papel daquele que ‘ensina’. A revelação do seu mistério de Filho totalmente dedicado às coisas do Pai é anúncio da radicalidade evangélica que põe inclusive em crise os laços mais caros às pessoas

²⁷⁰ Lc 2,41-52.

²⁷¹ CHITTISTER, Joan. **Em busca da paz: como rezar o rosário por meio dos salmos**. Trad. Barbara T. Lambert. São Paulo: Paulinas, 2014. pp. 23-24.

diante das exigências absolutas do Reino. Até José e Maria, aflitos e angustiados, ‘não entenderam’ suas palavras (Lc 2,50).²⁷²

E é nesse aspecto sapiencial do mistério que o papa nos mostra, são Luís Maria, em sua obra sobre o Rosário, ao introduzir a oração da dezena correspondente, exorta o leitor a pedir, por intercessão da Mãe de Deus, a *verdadeira sabedoria*,²⁷³ para assim configurar-se cada vez mais ao seu Senhor. Para isso, o salmo 110(111), que exalta as obras admiráveis de Deus, e termina afirmando que

=¹⁰ Temer a Deus é o princípio do saber, †
e é sábio todo aquele que o pratica. *
Permaneça eternamente o seu louvor.²⁷⁴

se mostra concorde com o espírito do presente mistério e propício, portanto, para a sua meditação.

Quanto à ótica da *dor* presente nessa dezena, a própria Joan Chittister nos recomenda o salmo 27(28), dizendo que ele “[...] é um lembrete pungente da fragilidade humana”,²⁷⁵ e explora as palavras do hagiógrafo, que clama, grita e levanta as mãos ao Templo, esperando no Senhor.²⁷⁶ Mas qual é o *remédio* para a dor e o sofrimento que a vida nos traz? A monja o responde após alguns momentos: a confiança em Deus, da qual a *Virgem do Encontro* é modelo sublime.²⁷⁷

3.3 OS MISTÉRIOS *LUMINOSOS*

Passando agora aos mistérios *luminosos*, como já fora mencionado no segundo capítulo deste trabalho, eles foram instituídos pelo papa são João Paulo II no ano de 2002, em sua Carta Apostólica *Rosarium Virginis Mariae*, para que o povo de Deus também tenha a oportunidade de meditar alguns dos principais eventos da vida de Cristo desde Seu *Batismo* (e, conseqüentemente, o início de Seu *ministério*

²⁷² JOÃO PAULO II, 2002, p. 23; RVM 20, grifo do autor.

²⁷³ MONTFORT, 2016, p. 143.

²⁷⁴ LITURGIA DAS HORAS, 1999a, p. 815; Sl 110(111),10.

²⁷⁵ CHITTISTER, 2014, p. 23.

²⁷⁶ Sl 27(28),2.

²⁷⁷ CHITTISTER, 2014, p. 24.

público) até a Sua Paixão e morte, mais especificamente, Sua *agonia no Getsêmani*, exclusive.²⁷⁸

Esses cinco mistérios, que serão explicitados a seguir, ressaltam a *densidade cristológica* do Rosário, enriquecem seu depósito contedúístico, não prejudicam a estrutura fundamental milenar do Rosário e visam renovar o interesse popular na espiritualidade cristã, nos diz o santo padre em seu documento oficial.²⁷⁹

Vejamos, portanto, cada um dos cinco eventos *luminosos* presentes na *Coroa de Rosas* da Virgem Maria.

3.3.1 O Batismo de Jesus no rio Jordão

Este primeiro mistério da *luz* é evidenciado nos capítulos iniciais dos Evangelhos Sinóticos, e, de maneira mais basilar, no Evangelho de são Marcos, já que ele não reporta os eventos anteriores e próprios da Natividade e infância de Cristo, como o fazem são Mateus e são Lucas. O princípio da *Boa-nova* do Messias já é descrito em Seu Batismo por João e o início de Sua vida pública pela provação no deserto e chamado dos primeiros discípulos.²⁸⁰

Alguns elementos são importantes para a compreensão desse mistério, que auxiliarão o cristão em sua meditação na oração mariana. Com efeito, sobre os elementos do Batismo do Senhor, nos diz o *Catecismo da Igreja Católica*:

[...] uma voz do céu proclama: ‘Este é o meu Filho muito amado’ (*Mt* 3,13-17). Tal foi a manifestação (‘epifania’) de Jesus como Messias de Israel e Filho de Deus. [...] o seu batismo é a aceitação e a inauguração da sua missão de Servo sofredor. Deixa-se contar entre o número dos pecadores [...]. Quer dizer que Se submete inteiramente à vontade do Pai e aceita por amor o batismo da morte para a remissão dos nossos pecados [...]. No batismo de Cristo, ‘abriram-se os céus’ (*Mt* 3,16) que o pecado de Adão tinha

²⁷⁸ JOÃO PAULO II, 2002, p. 22; RVM 19.

²⁷⁹ JOÃO PAULO II, 2002, p. 22; RVM 19.

²⁸⁰ Mc 1,1.9-20.

fechado, e as águas são santificadas pela descida de Jesus e do Espírito, prelúdio da nova criação.²⁸¹

Nota-se que nesse evento, riquíssimo em conteúdo, pelas palavras do *Catecismo*, aspectos que estão presentes nas palavras sálmicas são enfim concretizados e realizados. A *epifania* de Cristo como o Filho de Deus está contida no salmo 2,7; a Sua missão sofredora, em outros salmos que serão vistos nos mistérios *dolorosos*; sua inteira submissão à vontade de Seu Pai, o salmo 39(40),8-9 assinala com precisão e; a relação da *Voz* de Deus com as águas, agora santificadas pelo contato de Cristo, o próprio salmo litúrgico da Festa do *Batismo do Senhor*, o salmo 28(29), fornece preciosas palavras que podem inspirar o orante a meditar a soberania de Deus sobre as águas tempestuosas, agora acalmadas pela presença do Doce Mestre.²⁸²

3.3.2 A *autorrevelação* de Jesus nas bodas de Caná

Este mistério é o único que assinala a presença de Nossa Senhora, ao menos explicitamente (já que os textos hagiográficos nada relatam sobre a sua companhia no cenáculo durante a *instituição da Eucaristia*).²⁸³ Contudo, a sua atitude maternal junto a Cristo, seu Filho, neste episódio, é fulcral, como nos diz são João Paulo II:

Mistério de luz é o início dos sinais em Caná (cf. Jo 2,1-12), quando Cristo, transformando a água em vinho, abre à fé o coração dos discípulos graças à intervenção de Maria, a primeira entre os que crêem.²⁸⁴

É atribuída aqui à Virgem Santíssima pelo pontífice uma sublime graça, de ser a *protocrente*, fazendo eco às palavras de santa Isabel ao receber sua parenta, a *Mãe de seu Senhor*.²⁸⁵ Além disso, é evidente o apreço que Jesus tem por Sua Mãe, ao atender seu pedido, antecipando aquela que seria a *Sua hora*, ou seja, a hora da manifestação de Sua

²⁸¹ CATECISMO..., 1992, não paginado; CEC 535-536, grifo do autor.

²⁸² Mc 4,35-41.

²⁸³ JOÃO PAULO II, 2002, p. 24; RVM 21.

²⁸⁴ JOÃO PAULO II, 2002, p. 24; RVM 21, grifo do autor.

²⁸⁵ Lc 1,45.

glória,²⁸⁶ que virá mais tarde, com a consumação de Seu mistério pascal.²⁸⁷

O santo padre continua sua digressão sobre a participação de Maria nesse evento da vida do Senhor ressaltando mais um importante aspecto que a Igreja deve renovar sua adesão e direcionar seu olhar todos os dias:

A revelação, que no batismo do Jordão é oferecida diretamente pelo Pai e confirmada pelo Batista, está em sua boca em Caná, e torna-se a grande advertência materna que ela dirige à Igreja de todos os tempos: ‘Fazei o que ele vos disser’ (Jo 2,5).²⁸⁸.

Dessa forma, se pode ver o espírito que permeia esse mistério: em primeiro lugar, evidentemente, o da *revelação* que Cristo faz de sua glória e divindade ao transubstanciar a água em vinho;²⁸⁹ e, além disso, a misericórdia urgente de Maria, que toma as dores daqueles que necessitam e se faz *guia* que conduz ao Cristo.²⁹⁰ O *sim* de seu Filho, antecipando o momento de Sua glória, recorda a prontidão diligente do Senhor no salmo 33(34):

–¹⁸ Clamam os justos, e o Senhor bondoso escuta *
e de todas as angústias os liberta.

–¹⁹ Do coração atribulado ele está perto *
e conforta os de espírito abatido.²⁹¹

A monja Joan Chittister, caminhando nessa direção, porém, na ótica daquele que suplica, faz memória do salmo 5,2-4a, também exaltando a figura de Nossa Senhora, que “[...] reage, ao ver a necessidade da família em Caná, e faz isso indo além até mesmo dos próprios recursos”.²⁹²

²⁸⁶ MARADIAGA, Oscar A. R. *Autorivelazione alle Nozze di Cana*. In: RE et al, 2003, p. 109.

²⁸⁷ Jo 17,1.5.

²⁸⁸ JOÃO PAULO II, 2002, pp. 24-25; RVM 21, grifo do autor.

²⁸⁹ Jo 2,7-9.

²⁹⁰ Jo 2,3.5.

²⁹¹ LITURGIA DAS HORAS, 1999a, p. 702; SI 33(34),18-19.

²⁹² CHITTISTER, 2014, p. 53.

3.3.3 O anúncio do Reino de Deus e o convite à conversão

O terceiro mistério *luminoso* proclama a missão pública de Jesus, seu anúncio do Reino do Pai e o chamado dos pecadores de volta para casa. De fato, seu eixo central é a *misericórdia*, pois se trata daquele que não se esquece do ser humano, mas o convida a uma nova vida, como nos diz são João Paulo II:

Mistério de luz é a pregação com a qual Jesus anuncia o advento do Reino de Deus e convida à conversão (cf. Mc 1,15), perdoadando os pecados de quem se dirige a ele com humilde confiança (cf. Mc 2,3-13; Lc 7,47-48), início do ministério de misericórdia que ele prosseguirá exercendo até o fim do mundo, especialmente através do sacramento da reconciliação confiado à sua Igreja (cf. Jo 20,22-23).²⁹³

Não se trata aqui apenas de um ato de *anúncio*, no sentido de algo a ser proclamado pela voz, muitas vezes já decorado e pronto para ser lançado aos seus interlocutores, deixando a eles todo o movimento posterior de uma adesão a um discurso puramente intelectual, mas o santo padre evidencia uma chave de leitura profunda e muito importante para uma compreensão global do que é a *proclamação do Reino*: mais do que apenas palavras, se trata de *atos*, mas não ações frias e basicamente ritualísticas, senão de um envolvimento total do Messias, que, num abraço de pai,²⁹⁴ envolve todo aquele que se achega a Ele, dando-lhe vida nova num olhar misericordioso, nunca antes lançado para si.²⁹⁵

E é aqui que se pode compreender uma dupla visão desse mistério, não excludente, mas, antes, complementar: na ótica do Cristo que *anuncia*, e no lugar daquele que *recebe* esse anúncio de amor.

Em primeiro lugar, n'algumas páginas antes do texto apresentado acima, o pontífice polonês destaca: “[...] é no âmbito destes mistérios que contemplamos aspectos importantes da pessoa de Cristo como revelador definitivo de Deus”.²⁹⁶ Essa revelação feita na vida pública de

²⁹³ JOÃO PAULO II, 2002, p. 24; RVM 21, grifo do autor.

²⁹⁴ Lc 15,20.

²⁹⁵ Mc 10,21.

²⁹⁶ JOÃO PAULO II, 2002, p. 22; RVM 19.

Jesus pode ser vista nas palavras do salmo 39(40), principalmente nos versículos 10 e 11:

=¹⁰ Boas-novas de vossa justiça †
 anunciei numa grande assembleia; *
 vós sabeis: não fechei os meus lábios!

=¹¹ Proclamei toda a vossa justiça, †
 sem retê-la no meu coração; *
 vosso auxílio e lealdade narrei.²⁹⁷

Luis Alonso Schökel, comentando esse salmo, evidencia o testemunho dos Padres da Igreja, que o colocam nos lábios de Cristo Jesus.²⁹⁸ Contudo, uma nova perspectiva pode ser considerada: quem contempla esse mistério se pode colocar na pele do receptor do anúncio, sendo ele mesmo um pobre pecador que necessita da misericórdia divina. E é nesse sentido que o salmo 114(116A) se mostra como uma profunda oração de louvor daquele que se rejubila e ama o seu Deus, pois Ele ouviu a sua voz e enxugou as lágrimas de seus olhos, libertando-o da morte,²⁹⁹ conduzindo sua distante alma peregrina novamente ao rebanho celeste.³⁰⁰

3.3.4 A *transfiguração* de Jesus no monte Tabor

São João Paulo II propõe, na *Rosarium Virginis Mariæ*, o evento da *transfiguração* do Senhor no alto do monte Tabor, como o quarto mistério *luminoso* a ser meditado na oração mariana. Com efeito, comenta o papa sobre a passagem em destaque, já evocando seu sentido espiritual, para alicerçar sua escolha em terra firme:

Mistério de luz por excelência é a transfiguração que, segundo a tradição, se deu no Monte Tabor. A glória da divindade reluz no rosto de Cristo, enquanto o Pai o credencia aos apóstolos extasiados para que o ‘escutem’ (cf. Lc 9,35 par.) e se disponham a viver com ele o momento

²⁹⁷ LITURGIA DAS HORAS, 1999a, p. 731; SI 39(40),10-11a.

²⁹⁸ CARNITI; SCHÖKEL, 2021a, p. 580.

²⁹⁹ SI 114(116A),1.8.

³⁰⁰ AGOSTINHO DE HIPONA. **Comentário aos Salmos**: Salmos 101-150. São Paulo: Paulus, 1998. p. 342; Enarr. in Ps. 114,1.

doloroso da paixão, a fim de chegarem com Ele à glória da ressurreição e a uma vida transfigurada pelo Espírito Santo.³⁰¹

O pontífice distingue esse mistério dos outros, adjetivando-o com um caráter *excelente*. A *luz*, elemento-chave dessa ordem de mistérios do Rosário, não é aqui apenas subentendida nos atos gloriosos de Cristo em sua missão pública, mas se faz fisicamente presente, a fim de manifestar a divindade daquele que, mais tarde, teria sua glória divina ocultada pelas chagas e humilhações da Paixão.³⁰² Além disso, a presença do Pai que, assim como no primeiro mistério *luminoso*, anuncia aos presentes – Pedro, Tiago e João, que contemplam a visão beatífica do Messias prometido com *a Lei e os Profetas*³⁰³ – a autoridade do Filho, que vem anunciar a plenitude da Revelação,³⁰⁴ sublinha o caráter *epifânico* desse sublime episódio.

Assim como o santo padre ressaltou nos dois últimos mistérios *gozosos* a sua dimensão *dolorosa*, pode-se afirmar dos mistérios da *transfiguração* (segundo as suas palavras descritas acima) e da *instituição da Eucaristia* (que será visto a seguir) que também introduzem, de certa forma, o fiel orante nos acontecimentos da Paixão de Cristo, o ciclo de eventos do Rosário Mariano que sucedem esses que, no momento, são objetos de estudo do presente trabalho.

Em unísono, as vozes das liturgias do Ofício Divino e da Santa Missa testemunham a estreita ligação do salmo 96(97) com esse mistério. De fato, o caráter glorioso e tremendo da manifestação da luz de Jesus Cristo no alto da montanha ressoa com perfeição nas palavras do poema sagrado do Velho Testamento. Ei-las:

- ¹ Deus é Rei! Exulte a terra de alegria, *
e as ilhas numerosas rejubilem!
- ⁴ Seus relâmpagos clareiam toda a terra; *
toda a terra ao contemplá-los estremece.
- ⁶ e assim proclama o céu sua justiça, *
todos os povos podem ver a sua glória.³⁰⁵

³⁰¹ JOÃO PAULO II, 2002, p. 24; RVM 21, grifo do autor.

³⁰² Is 52,14.

³⁰³ Moisés e Elias (Mc 9,4).

³⁰⁴ Mc 9,7.

³⁰⁵ LITURGIA DAS HORAS, 1999a, p. 756; Sl 96(97),1.4.6.

De fato, essas palavras podem ser utilizadas para enriquecer o conteúdo da meditação do presente mistério do decorrer da récita das *Ave-Marias* no *Saltério Angélico*, agregando ainda mais para o exercício mental do evento salvífico da *transfiguração* do Senhor.

3.3.5 A instituição da santíssima Eucaristia

O último mistério *luminoso* apresentado por são João Paulo II é o da *instituição da Eucaristia*. Esse evento salvífico tem ligação direta com o início das dores da Paixão de Nosso Senhor, já que o destino de Cristo ao sair de Sua última ceia foi o monte das Oliveiras, onde agonizou mortalmente.³⁰⁶

O Concílio de Trento define, em sua décima-terceira sessão, o motivo da instituição da Santíssima Eucaristia com as seguintes palavras, retiradas do *Denzinger-Hünemann*:

Portanto, nosso Salvador, ao deixar este mundo para ir ao Pai, instituiu este sacramento, no qual como que derramou as riquezas de seu amor divino para com os homens, ‘deixando o memorial de suas maravilhas’ [...]. Ele quis que se recebesse este sacramento como alimento espiritual das almas [*Mt 26,26*], com o qual se alimentam e fortalecem [...], e <também> como antídoto pelo qual somos libertados das culpas cotidianas e preservados dos pecados mortais.³⁰⁷

Esse trecho retirado do *Decreto sobre o sacramento da Eucaristia* expressa o caráter de *dom* que o *Augustíssimo Sacramento* representa para a Igreja e para a humanidade: trata-se de Deus que se dá a si próprio como penhor e alimento espiritual para os homens, os auxiliando na caminhada durante toda a vida.³⁰⁸

Quando divulgou ao mundo, em sua Carta Apostólica, são João Paulo II o quinto mistério *luminoso*, o santo padre, em poucas palavras,

³⁰⁶ Mt 20,30.

³⁰⁷ CONCÍLIO DE TRENTO, 1545-1563, Trento. Decreto sobre o sacramento da Eucaristia apud DENZINGER, Heinrich; HÜNNERMANN, Peter (Org.). **Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral**. 40. ed. São Paulo: Loyola, 2006. pp. 419-426. pp. cit. 420-421; DH 1638, grifo do autor.

³⁰⁸ 1Rs 19,4-8.

sintetizou a sublimidade da instituição da Eucaristia e a sua relação com o ciclo de eventos propostos. Com efeito, diz ele:

Mistério de luz é, enfim, a instituição da Eucaristia, na qual Cristo se faz alimento com o seu corpo e o seu sangue sob os sinais do pão e do vinho, testemunhando ‘até o extremo’ seu amor pela humanidade (Jo 13,1), por cuja salvação se oferecerá em sacrifício.³⁰⁹

E como a Tradição da Igreja, expressada aqui pelo Concílio Tridentino e o documento pontifício, observa, dentre tantas facetas do *Sacramento do Amor*, a sua expressão como *alimento*, as palavras dos salmos também indicam, a seu modo, a diligência paterna de Deus, que não deixa seu povo morrer de fome. E é nesse sentido que aquele que recita a *Saudação Angélica* pode concentrar sua atenção: o Senhor não o abandonará à própria sorte, mas sempre o provisionará com Sua graça, sinalizada aqui pelo pão. Dessa forma, os salmos 77(78),23-25; 115(116B),12-14; e 147(147B),12-14 (os dois últimos, sendo justamente os salmos responsoriais contidos na liturgia das Missas *in Cæna Domini*³¹⁰ e de *Corpus Christi*³¹¹) se mostram mui apropriados para tal exercício contemplativo.

3.4 OS MISTÉRIOS *DOLOROSOS*

São Luís Maria Grignon de Montfort, em seu opúsculo sobre a oração do Rosário Mariano, de maneira sintética, exprime o sentido da meditação dos mistérios *dolorosos*, terceiro ciclo dos eventos da vida de Cristo contidos na *Coroa de Rosas* de Nossa Senhora. São suas as palavras:

A segunda parte do Rosário também é composta por cinco mistérios, que chamamos de Mistérios dolorosos, porque eles representam para nós Jesus

³⁰⁹ JOÃO PAULO II, 2002, p. 24; RVM 21, grifo do autor.

³¹⁰ SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO, 2021b, p. 469.

³¹¹ SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO, 2021b, pp. 236-237.

Cristo acabrunhado de tristeza, coberto de feridas, carregado de opróbrios, dores e tormentos.³¹²

Em seguida, o presbítero francês enumera cada um dos mistérios, que serão vistos adiante.

Com essa declaração de Montfort, nota-se que, agora, o olhar e a atenção do orante dão como que um *giro* existencial na vida do Messias: depois de contemplar os episódios sublimes da Encarnação do Verbo e a *alegria* que brota da criação porque o Seu Senhor veio habitar nela,³¹³ junto aos atos feitos por Cristo que manifestam, implícita ou explicitamente, sua glória divina nos mistérios *luminosos*, a mente e o coração do que reza se debruçam sobre as dores e a humilhação redentora do Filho de Deus.

3.4.1 A *agonia* mortal de Jesus no *Getsêmani*

O primeiro mistério *doloroso* diz respeito à suprema angústia sofrida por Cristo Jesus no *Horto das Oliveiras*. Esse evento marca o início das dores do Senhor, que resultarão na sua imolação no alto do monte Calvário. Sobre ele, são João Paulo II faz uma profunda análise da atmosfera vivida pelo Senhor no momento em destaque. Diz o papa:

O itinerário meditativo abre-se com o Getsêmani, onde Cristo vive um momento de particular angústia perante a vontade do Pai, contra a qual a debilidade da carne seria tentada a revoltar-se. Ali Cristo põe-se no lugar de todas as tentações da humanidade, e diante de todos os seus pecados, para dizer ao Pai: ‘Não se faça a minha vontade, mas a tua’ (Lc 22,42 par.).³¹⁴

Há aqui, nas palavras do pontífice, um sentido cardeal na *agonia* de Jesus que O une totalmente a cada ser humano, pois também Ele, mesmo sendo Deus, se deixa ser alvo das fraquezas e tentações que condição *pós-lapsária* do homem enfrenta cotidianamente. Contudo, o ponto de inflexão que o Messias apresenta a cada pessoa e convida, com o Seu exemplo, para que faça o mesmo, está na subjugação total à

³¹² MONTFORT, 2016, p. 69.

³¹³ Jo 1,14.

³¹⁴ JOÃO PAULO II, 2002, p. 25; RVM 22, grifo do autor.

vontade de Seu Pai. Essa nova chave de entendimento do ser humano diante da prova alicerçada no modelo de Cristo pode agora, ser vivenciada plenamente por todos, afinal, Deus, fidelíssimo a Seu Filho, é também fiel a cada homem,³¹⁵ e não deixará que sua cruz seja mais pesada que as forças que possui.³¹⁶

Além disso, o santo padre evoca uma relação direta do abandono de Nosso Senhor a Si próprio com a atitude de nossos primeiros pais, dizendo: “Este seu ‘sim’ muda o ‘não’ dos pais no Éden”.³¹⁷ De fato, ao entregar-se à dor psicológica da agonia, princípio das grandes chagas da Paixão, Cristo, também em um jardim, aceitou integralmente a vontade de Deus, e não se deixou seduzir pelo inimigo, que via esse como um *tempo oportuno*.³¹⁸ Aqui, há mais um dos muitos sinais de que o Senhor nunca abandonou a Sua criação,³¹⁹ mesmo após a desobediência humana, que teve por paga os *dons preternaturais* do princípio do mundo.³²⁰

Para a meditação desse mistério, o salmo 68(69) expressa, em suas palavras, a angústia profunda do hagiógrafo, que se encontra em uma terrível situação, que macera sua alma, esperando apenas no Senhor, pois se consome pelo zelo e custódia diligente com a casa de Deus. Eis algumas de suas palavras:

- ² Salvai-me, ó meu Deus, porque as águas * até o meu pescoço já chegaram!
- ⁴ À força de gritar, estou cansado; * minha garganta já ficou enrouquecida.
- Os meus olhos já perderam sua luz, de tanto esperar pelo meu Deus!³²¹

Assim como outros salmos que serão expostos nessa seção dos mistérios *dolorosos*, esse salmo expressa com grande exatidão profética os sofrimentos atroztes que atormentaram o Redentor.

³¹⁵ 2Tm 2,13.

³¹⁶ 1Cor 10,13.

³¹⁷ JOÃO PAULO II, 2002, p. 25; RVM 22, grifo do autor.

³¹⁸ Lc 4,13.

³¹⁹ Gn 3,21.

³²⁰ CATECISMO..., 1992, não paginado; CEC 404-405.

³²¹ LITURGIA DAS HORAS, 1999a, p. 874; Sl 68(69),2.4.

3.4.2 A flagelação de Jesus atado à coluna

Em seguida, o Rosário Mariano apresenta ao orante o seu segundo mistério da *dor*: trata-se do *açóitamento* sofrido por Cristo após a sentença de Pilatos.³²² A monja beneditina Joan Chittister observa na pessoa de Jesus, em sua obra a respeito da meditação do Rosário, um elemento essencial diante do sofrimento imensurável que padecia, em especial, face às disciplinas e flagelos que atormentavam Seu puríssimo Corpo, e que serve de exemplo e modelo para cada cristão e homem de boa-vontade:

A flagelação não representa o abuso cego [...]. A flagelação representa não desistir, ainda que não haja razão aparente para prosseguir. A sinagoga que Jesus veio para aperfeiçoar volta-se contra ele [...]. O povo ao qual Jesus serviu abandona-o e os discípulos que Jesus amou o negam. Nada restou do sonho e da determinação. Mas Jesus continua. Não muda de ideia. Não cede. Não vai embora. De modo simples, silencioso e imperturbável, persiste [...], apesar do abandono [...].³²³

A autora, imagetivamente, se coloca no lugar do Senhor, e vê de perto a dimensão infinita de Seu amor, que não conhece limites ou freios, mas que caminha, determinadamente,³²⁴ com o *rosto endurecido*,³²⁵ rumo à Sua Paixão que custará a Si inúmeras dores, mas que trará a Salvação eterna à toda humanidade. Mesmo diante da traição daqueles que são o objeto de Sua misericórdia, Jesus permanece *impassível como pedra*,³²⁶ pois sabe o que quer, e nada mudará a certeza de Sua decisão.

Partindo de um outro ponto de vista, agora, da criatura humana redimida, são Luís Maria explicita e sugere uma chave de ação que aquele que medita esse mistério pode tomar. Com efeito, nos diz ele, em

³²² Jo 19,1.

³²³ CHITTISTER, 2014, pp. 29-30.

³²⁴ Lc 9,51.

³²⁵ Expressão forte que consta nos escritos neotestamentários gregos de Lc 9,51 sobre a *firme decisão* de Cristo subir a Jerusalém (gr. “αὐτὸς τὸ πρόσωπον ἐστήριψεν”).

³²⁶ Is 50,7.

oração a Cristo: “[...] Vos pedimos, por este mistério e pela intercessão de Vossa Mãe Santíssima, a *perfeita mortificação dos sentidos*”.³²⁷ Essa mortificação dos sentidos que o santo francês comenta em sua obra é logo depois clarificada por ele mesmo, onde afirma: “Graças do mistério da flagelação de Jesus, descei à minha alma e *fazei-a verdadeiramente mortificada*. Assim seja”.³²⁸ Com isso, ele ressalta a importância da meditação do açoitamento do Senhor como inspiração para o cultivo de uma alma virtuosa, dócil e obediente à vontade divina.

O salmo gradual 128(129) se mostra como propício para a recitação e meditação desse mistério pela natureza de suas próprias palavras. Aqui, o hagiógrafo, colocando-se no lugar de Israel, descreve as dores do povo eleito em sua jornada ao longo da história sagrada, inclusive citando o sofrimento das feridas abertas – os *sulcos*, na linguagem sálmica – por ação de outrem,³²⁹ fazendo com que o orante se recorde das chagas resultantes dos açoites e flagelos disparados na carne de Cristo Jesus atado à coluna.

3.4.3 A coroação de espinhos em Jesus

Em seguida, o episódio da Paixão do Salvador a ser meditado no itinerário do Rosário Mariano é o da *coroação de espinhos*. Trata-se do que está descrito em três dos quatro Evangelhos, à exceção do relato lucano dos sofrimentos de Cristo. Aqui, Jesus, em meio às demais dores contempladas, recebe em sua cabeça um instrumento tecido pelos soldados romanos, onde padece com as dolorosas chagas em Sua fronte ocasionadas pela penetração dos pontiagudos espinhos em Sua carne. Além disso, o Messias experimenta também a ferida da *humilhação*, já que é revestido com tecidos cor de púrpura e aclamado como *rei*, evidentemente, não o Rei que de fato é, mas uma triste caricatura produzida pela impiedade humana.³³⁰

Sobre essa dura realidade pela qual Jesus passou com paciência e caridade pelo bem daqueles que ia salvar, o comentário presente na nota de rodapé referente a Jo 19,1-3 na Bíblia Sagrada *anotada pela faculdade de Teologia da Universidade de Navarra* afirma que

³²⁷ MONTFORT, 2016, p. 144, grifo nosso.

³²⁸ MONTFORT, 2016, p. 144, grifo nosso.

³²⁹ Sl 128(129),3-4.

³³⁰ Jo 19,1-3.

A coroação de espinhos não fazia parte da pena legal prevista, mas os próprios soldados, levados pela sua crueldade e afã de zombaria, acrescentaram-no por sua conta [...]. São João situa esse episódio no centro da narração acerca do acontecido no pretório. Com isso põe em relevo que na coroação de espinhos resplandece a realeza de Cristo: ainda que aqueles soldados só de modo sarcástico O aclamem como Rei dos Judeus (cfr as notas a Mc 15,15.16-19), o Evangelista dá-nos a entender que Jesus Cristo é verdadeiramente Rei.³³¹

Mesmo no meio da desgraça, o Senhor faz com que Sua vitória seja plena.³³² Isso pode ser observado nas palavras acima, retiradas do comentário ao texto hagiográfico: o evangelista São João mostra, em seu escrito, que, nascida de um movimento de índole sádica e cruel, que nem estava prescrito no cânon das penas a serem imputadas aos malfeitores pelo *Direito Romano* – diferentemente do *açotamento atado à coluna*, o mistério anterior³³³ – a glória da realeza messiânica e divina de Jesus Cristo se manifesta, e será vista de forma muito mais clara no último escrito do Novo Testamento.³³⁴

Não há, de maneira explícita, uma menção profética nos salmos sobre a *coroação de espinhos* em Jesus. Contudo, outras leituras simbólicas que conduzem a atenção do orante para o evento em destaque, inclusive visto por outro prisma, podem ser feitas. Em primeiro lugar, o salmo 30(31), poema por excelência da Paixão do Senhor,³³⁵ é fonte de reflexão e meditação das dores de Cristo em Seu caminho doloroso de Salvação; mas também o salmo 44(45),2.7-10 (principalmente, embora todo o texto sálmico esteja sustentado nesse contexto régio), direciona o olhar do cristão para que, contemplando, reconheça Aquele chagado e humilhado como seu Rei e Senhor.

³³¹ BÍBLIA SAGRADA: Santos Evangelhos. 1. v. Braga: Edições Theologica, 1985. pp. 1398-1399; Nota de rodapé a Jo 19,1-3, grifo do autor.

³³² SI 137(138),7.

³³³ BÍBLIA..., 1985, p. 1398; Nota de rodapé a Jo 19,1-3.

³³⁴ Ap 19,16.

³³⁵ SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO, 2021b, pp. 159-160.

3.4.4 A *subida dolorosa* de Cristo pelo monte Calvário

O *Saltério Angélico* continua seu itinerário meditativo da Paixão do Senhor voltando seus olhos agora para o mistério da *subida dolorosa* de Jesus pelo monte Calvário, portando, em seus ombros, a Cruz que irá acolhê-Lo para a consumação de Seu sacrifício salvífico pela redenção eterna da humanidade a Ele confiada.

Essa passagem, segundo a nota de rodapé da Bíblia *com anotações da Universidade de Navarra*, tem uma alta carga tipológica, representada, sobretudo, nos justos dos primeiros tempos, presentes no livro do *Gênesis*. Além disso, explicita a condição física de Cristo no momento em destaque. Com efeito, diz o comentário:

Pelo Evangelho de São João (19, 17) sabemos que Jesus tomou a Cruz sobre os Seus ombros. Em Cristo carregado com a Cruz vê São Jerônimo, entre outros significados, o cumprimento da figura de Abel levado como vítima inocente, e sobretudo a de Isaac (cfr Gen 22, 6) que carrega com a lenha do próprio sacrifício (cfr *Comm. in Marcum, ad loc.*). Depois, extenuado o Senhor pelos açoites, era incapaz de continuar sozinho até o Calvário: por isso obrigam este homem de Cirene a levar a Cruz.³³⁶

Jesus, contemplado a partir da santidade de Abel e de Isaac, leva, em Sua Paixão, à plenitude a *inocência* já prefigurada nesses dois personagens veterotestamentários, seja em sua morte injusta causada pela inveja dos que o perseguiam ao oferecer um *sacrifício agradável a Deus*,³³⁷ seja ao transportar o próprio altar de Seu sacrifício, silencioso, obediente e confiante em Seu Pai, como o filho de Abraão e Sara o fizera ao subir a montanha na terra de Moriá.³³⁸

A autora Joan Chittister, tratando sobre esse mesmo mistério, traz à tona outro importante elemento a ser considerado: a atitude do cristão diante dessa realidade. Quanto a isso, diz a beneditina, comentando a respeito das provações presentes na vida humana, e qual deve ser a resposta existencial dos seguidores de Cristo:

³³⁶ BÍBLIA..., 1985, p. 651; Nota de rodapé a Mc 15,21, grifo do autor.

³³⁷ Gn 4,4-8.

³³⁸ Gn 22,1-19.

É então que precisamos começar com Jesus a longa, lenta e solitária subida rumo ao Calvário, onde são poucos os ajudantes, os defensores são fracos e as contrariedades são muitas. Aqui precisamos aprender com Jesus, literalmente, a prosseguir.³³⁹

Na *tradução litúrgica* das Sagradas Escrituras, o salmo 88(89),39-53, principalmente em seus versículos 51 e 52 (o último, inclusive, está relatado na seção 1.1.2.2 do presente trabalho), relatam, com profundas palavras, a dor e a humilhação do *Ungido do Senhor*, e, antes das jubilosas palavras da doxologia do *livro* a que pertence no conjunto sálmico, a figura daquele que *carrega no peito* as injúrias dos povos e que é insultado e desonrado a cada passo que caminha,³⁴⁰ pode ser um auxílio eficaz para o orante na contemplação desse mistério.

3.4.5 A crucificação e a morte de Jesus no alto do Calvário

A coroa de mistérios *dolorosos* se encerra com a *crucifixão* de Jesus e a Sua *morte* no topo do monte Calvário, ao mesmo tempo que antecede o último ciclo de eventos da missão salvífica do Filho de Deus, chamado esse mesmo ciclo de mistérios *gloriosos*.

Nesse mistério se encerra, de modo sublime e pleno, a concretude do ponto a que chegou a misericórdia divina pela humanidade decaída e infiel. Aqui se pode ver claramente a *aniquilação*³⁴¹ a que se sujeitou o próprio Deus encarnado para *consumar*³⁴² o sacrifício salvífico que resgatou da morte eterna³⁴³ todos aqueles que foram a Ele confiados.³⁴⁴ O comentário da *Bíblia Sagrada com anotações da Universidade de Navarra* discorre sobre isso, dizendo que

Conhecer alguns pormenores sobre esta forma de morte empregada na antiguidade ajudar-nos-á a compreender melhor o muito que Se humilhou e quis sofrer Jesus Cristo por nosso amor. A

³³⁹ CHITTISTER, 2014, pp. 33-34.

³⁴⁰ 2Sm 15,30; 16,5-13.

³⁴¹ Fl 2,6-11.

³⁴² Jo 19,30.

³⁴³ CATECISMO..., 1992, não paginado; CEC 613-614; 617.

³⁴⁴ Jo 18,9.

crucifixação era uma pena reservada aos escravos e pelos delitos mais graves; era a forma de morte mais dolorosa e horrenda que se podia dar; tinha, além disso, um valor exemplar de castigo público, e por isso costumava fazer-se num sítio bem visível e deixar ali durante dias o corpo do justificado.³⁴⁵

Em comunhão com a passagem descrita no livro do *Deuterônômio*, em seu capítulo 21, versículo 23, que afirma a *maldição que recai sobre o pendurado no madeiro*,³⁴⁶ a pena de morte na cruz também era objeto de abominação no mundo secular romano da época.³⁴⁷ Isso mostra que, tanto na história sagrada quanto nos eventos profanos, esse infortúnio era visto como uma – senão a maior – das piores sortes que alguém poderia receber, indicando assim o amor ardente de Cristo por cada homem, que não se importou em nada Consigo mesmo: Ele só tinha olhos para aqueles que estava prestes a remir eternamente.

Por fim, quanto ao salmo utilizado para meditar esse mistério, o poema sagrado por excelência da Paixão de Cristo é o de número 21(22), onde profetiza, com grande profundidade, a completa aniquilação do Messias, nos dizeres:

- ⁷ Quanto a mim, eu sou um verme e não um homem; *
sou o opróbrio e o desprezo das nações.
–⁸ Riem de mim todos aqueles que me vêem, *
torcem os lábios e sacodem a cabeça:
–⁹ ‘Ao Senhor se confiou, ele o liberte *
e agora o salve, se é verdade que ele o ama!’³⁴⁸

O biblista Luis Alonso Schökel, comentando sobre a exegese atual do escrito hagiográfico em destaque, teoriza que os narradores da *Paixão* evangélica usaram desse salmo para as suas composições.³⁴⁹

³⁴⁵ BÍBLIA..., 1985, p. 1405; Nota de rodapé a Jo 19,18.

³⁴⁶ Gl 3,13.

³⁴⁷ MARCO TÚLIO CÍCERO. *Contra Verres* apud BÍBLIA..., 1985, p. 1405; Nota de rodapé a Jo 19,18; In Verr. II,5,66.

³⁴⁸ LITURGIA DAS HORAS, 1999a, p. 882; Sl 21(22),7-9.

³⁴⁹ CARNITI; SCHÖKEL, 2021a, p. 373.

3.5 OS MISTÉRIOS *GLORIOSOS*

A oração do Rosário Mariano encontra o seu ciclo final da contemplação dos eventos salvíficos da vida de Cristo e dos episódios gloriosos da santidade de Sua Mãe, a Virgem Maria, nos chamados mistérios *gloriosos*. Essa última *coroa de rosas*, segundo as palavras de são João Paulo II em sua Carta Apostólica sobre o *Saltério de Maria*, faz um convite àquele que a recita:

‘A contemplação do rosto de Cristo não pode deter-se na imagem do crucificado. Ele é o ressuscitado!’³⁵⁰ O Rosário sempre expressou esta certeza da fé, convidando aquele que crê a ultrapassar as trevas da paixão, para fixar o olhar na glória de Cristo com a ressurreição e a ascensão. Contemplando o Ressuscitado, o cristão *redescobre as razões da própria fé* (cf. 1Cor 15,14) [...].³⁵¹

Dessa forma, os mistérios *gloriosos* da oração mariana conduzem, em cada um dos cinco grandes momentos propostos para a meditação – que serão vistos adiante – o orante à certeza jubilosa e à esperança da vitória de Jesus Cristo sobre o pecado e a morte, sendo essa, consequentemente, a vitória da Igreja, *Esposa do Senhor*,³⁵² e também, o triunfo de todo aquele que foi remido pela Páscoa salvadora do Filho de Deus feito Homem.

3.5.1 A *ressurreição* de Jesus no terceiro dia

Este evento, no esquema da presente oração, sucede diretamente à *morte* de Jesus na Cruz (de fato, o período de silêncio de Seu sepulcro no horário vespertino de Sexta-feira até o momento em destaque não é contemplado no rol de objetos do Rosário) e abre, portanto, os mistérios da *glória* do Senhor. Sobre ele, são João Paulo II denota a característica da *alegria* como o elemento basilar daqueles que participaram –

³⁵⁰ JOÃO PAULO II. *Novo Millennio Ineunte* apud JOÃO PAULO II, 2002, p. 25; NMI 28.

³⁵¹ JOÃO PAULO II, 2002, pp. 25-26; RVM 23, grifo do autor.

³⁵² Ap 19,6-7.

presencialmente – e também tomam parte hoje ao contemplá-lo de modo espiritual. Com efeito, diz o pontífice:

[...] revive não só a alegria daqueles a quem Cristo se manifestou — os apóstolos, Madalena, os discípulos de Emaús —, mas também a *alegria de Maria*, que deverá ter tido uma experiência não menos intensa da nova existência do Filho glorificado.³⁵³

Após a experiência do doloroso silêncio sem seu amado Mestre, que fora depositado num sepulcro *escavado em uma rocha*,³⁵⁴ os discípulos e seguidores de Cristo Jesus tiveram a oportunidade de experimentar da sublime graça de proclamar, com Sua vitória, como o justo Jó, que ainda aguardava Aquele que o viria remir, mas que já cria – e *sabia* – indubitavelmente, *que o seu Redentor está vivo*.³⁵⁵

Além disso, para uma melhor compreensão da ressurreição do Senhor, além do foi descrito acima, santo Tomás de Aquino, na *Summa Theologica*, dentre as cinco razões que enumera do porquê Cristo deveria ressuscitar, conclui que, da mesma forma que dos males que sofreu e da morte que sofreu, Ele nos livrou dos males a nós imputados como consequência do pecado, a glória da Sua ressurreição é, para nós, fonte do bem que nos é ofertado por graça divina.³⁵⁶

E no que diz respeito ao salmo que melhor exprime a alegria do triunfo do Messias, nenhum outro poderia anteceder ao de número 117(118), que Alonso Schökel – em consonância com a *tradição litúrgica* da Igreja³⁵⁷ – chama de “[...] salmo pascal por excelência”.³⁵⁸ E não poderia ser diferente, pois, afinal:

–¹⁷ Não morrerei, mas, ao contrário, viverei *
para cantar as grandes obras do Senhor!

–¹⁸ O Senhor severamente me provou, *

³⁵³ JOÃO PAULO II, 2002, p. 26; RVM 23, grifo do autor.

³⁵⁴ Lc 23,53.

³⁵⁵ Jó 19,25-27.

³⁵⁶ TOMÁS DE AQUINO. **Suma Teológica**. Caxias do Sul: Sulina, 1980. pp. 3988-3989; Sum. Theol. III,q.53,a.1,c.

³⁵⁷ SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO, 2021b, pp. 186; 188-189.

³⁵⁸ CARNITI; SCHÖKEL, 2021b, p. 1418.

mas não me abandonou às mãos da morte.³⁵⁹

Em outros lugares do saltério também há a ocorrência de salmos de caráter jubiloso que ressaltam, sobretudo, a dimensão do amparo do Senhor diante do *sono* (como no caso do salmo 3,6) e da *morte* (como visto no salmo 15(16),10). Contudo, o salmo 117(118) se mostra como excelente opção para a meditação do primeiro mistério *glorioso*, sem excluir, evidentemente, os demais salmos dessa possibilidade.

3.5.2 A *ascensão* de Jesus ao Céu

O livro dos *Atos dos Apóstolos* explicita que a presença de Cristo entre os Seus após Sua Páscoa redentora durou quarenta dias, e, após isso, Ele foi elevado ao Céu,³⁶⁰ onde Se assentou à *direita* do Pai eterno.³⁶¹ Esse evento marcou o fim da missão terrena do Salvador e o início da ação missionária da Igreja,³⁶² a fim de levar a Salvação a todas as nações debaixo do Céu.³⁶³

O *Catecismo da Igreja Católica*, sobre esse mistério, comenta que, mesmo após a ressurreição de Cristo, a Sua glória visível ainda não estava acessível para os que conviviam com Ele, mesmo Seu corpo já estando glorificado por ocasião da consumação do mistério pascal. Mas no exercício da instrução sobre o Reino que Ele dispensou aos Apóstolos e nas refeições fraternas, o que se via ainda era uma aparência humana normal, que velava o Seu fulgor. E é justamente em Sua *ascensão*, onde penetra os Céus e senta-se à direita de Deus, que o revelar glorioso de sua condição divina se dá com plenitude.³⁶⁴

Além disso, a partir de um prisma complementar, a Irmã Joan Chittister faz uma pertinente reflexão sobre o sentido que a *ascensão* do Senhor deve ocupar na vida apostólica do cristão. Com efeito, diz ela:

A ascensão nos chama para ver o quadro mais amplo, para assumir a responsabilidade pela vinda de Cristo em um mundo que está embriagado de poder ou atolado em opressão, em meio a uma

³⁵⁹ LITURGIA DAS HORAS, 1999a, p. 626; Sl 117(118),17-18.

³⁶⁰ At 1,2-11.

³⁶¹ Mc 16,19.

³⁶² At 2,1-24.

³⁶³ Mt 28,19.

³⁶⁴ CATECISMO..., 1992, não paginado; CEC 659.

sociedade anestesiada, em uma cultura que acredita ser a conquista de riqueza material um sinal de aprovação divina. O Jesus da Ascensão nos chama a nos tornarmos adultos espirituais em um mundo que forma crianças espirituais [...] deixa-nos a responsabilidade de comprová-lo.³⁶⁵

Com a subida de Jesus aos Céus, se inicia a missão dos que O seguem no meio em que vivem, para que sejam autêntico *sal da terra e luz do mundo*,³⁶⁶ e transformem, com o seu exemplo e palavras, os que estão ao seu redor. Isso, visto a partir do ponto de vista da autora citada, confere ao cristão uma *maioridade*, uma responsabilidade que o faz condutor e guia daqueles que ainda não alcançaram tal estágio na vida moral e espiritual.

Dito isso, para auxiliar o orante na oração do Rosário Mariano, contemplando o mistério em questão, dois salmos se fazem oportunos, pois eles, a seu modo, conseguem trazer à tona esse tema, e, com suas palavras, carregadas de um caráter poético, introduzem espiritualmente os que o recitam, para que alcancem um melhor proveito no exercício meditativo do evento da *ascensão* do Senhor. As fontes da relação desses dois poemas sagrados com o atual mistério são a própria liturgia da Igreja, na solenidade da *Ascensão do Senhor*, celebrada ao final do Tempo Pascal, que utiliza do salmo 46(47),³⁶⁷ e Chittister, que, em sua obra onde aborda o tema do presente trabalho, destaca os versículos 11 e 12 do salmo 56(57), certeiros e profundos para tal contemplação.³⁶⁸

3.5.3 A vinda do Espírito Santo sobre Nossa Senhora e os Apóstolos

Ainda no segundo livro da autoria de são Lucas no cânon sagrado, logo após o relato da *ascensão* do Senhor e da escolha de são Matias para integrar-se aos *Onze*,³⁶⁹ o segundo capítulo da obra em relevo é principiado pelo terceiro mistério *glorioso*, isto é, o evento de *Pentecostes*, a *descida do Espírito Santo* sobre Maria Santíssima e os Apóstolos no cenáculo, em Jerusalém.³⁷⁰

³⁶⁵ CHITTISTER, 2014, pp. 41-42.

³⁶⁶ Mt 5,13-14.

³⁶⁷ SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO, 2021b, p. 215.

³⁶⁸ CHITTISTER, 2014, p. 42.

³⁶⁹ At 1,12-26.

³⁷⁰ At 2,1-13.

No Velho Testamento, assim como a Páscoa, o dia de Pentecostes também tem suas raízes nas festividades do povo de Israel. A primeira referência nas Sagradas Escrituras desse dia santo se dá em Êxodo 23,16, no contexto das festas de Israel. Contudo, o nome pelo qual é referida originalmente é *Šāḥu'ōt*,³⁷¹ termo hebraico que indica, dentre outros títulos, a *Festa das Semanas*.³⁷² A palavra grega *Pentecostes*, usada no Novo Testamento, só é mencionada nos livros da Antiga Aliança duas vezes: em *Tobias*³⁷³ e no *Segundo livro dos Macabeus*.³⁷⁴

Porém, esse mesmo dia, na Nova Aliança, como está escrito nos *Atos dos Apóstolos*, ganhou novo sentido. É o que nos diz são João Paulo II na *Rosarium Virginis Mariæ*:

No centro deste itinerário de glória do Filho e da Mãe, o Rosário põe [...], o Pentecostes, que mostra o rosto da Igreja como família reunida com Maria, fortalecida pela poderosa efusão do Espírito, pronta para a missão evangelizadora. No âmbito da realidade da Igreja, a contemplação deste [...], deve levar os crentes a tomar uma consciência cada vez mais viva de sua nova existência em Cristo, uma existência de que o Pentecostes constitui o grande 'ícone'.³⁷⁵

O mistério de Pentecostes marca um início: o impulso missionário da Igreja, que arde em levar a *Boa-nova* a todas as nações, e fazer Jesus Cristo conhecido por todos os homens sobre a terra. Deus não desampara sua Igreja: dá a ela a Mãe do Senhor como sua Mãe,³⁷⁶ e o Espírito Santo como o propulsor que a move *ad extra*, em vista à sua missão salvífico-evangelizadora. Este é, de fato, um momento-chave, um *ponto de inflexão* em toda a história do cristianismo.

Na solenidade de *Pentecostes*, que marca o término do Tempo Pascal, o salmo responsorial utilizado na liturgia é o de número 103(104), onde, em seu versículo 30 principalmente, o *Espírito de Deus*

³⁷¹ BIBLIA HEBRAICA STUTTGARTENSIA. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1997; Dt 16,16.

³⁷² Nm 28,26.

³⁷³ Tb 2,1.

³⁷⁴ 2Mc 12,32.

³⁷⁵ JOÃO PAULO II, 2002, p. 26; RVM 23, grifo do autor.

³⁷⁶ Jo 19,26-27.

é mencionado como aquele que dá vida à criação divina. Além disso, o salmo 138(139), que afirma a onisciência de Deus, menciona o *Espírito* do Senhor como a presença da qual nada pode fugir,³⁷⁷ evidenciando assim o caráter de *companheiro* que o Espírito Santo assume na vida do cristão, afinal, Ele perscruta tudo, até o *mais profundo* de Deus.³⁷⁸

3.5.4 A *assunção* de Nossa Senhora ao Céu em corpo e alma

No trecho extraído da Carta Apostólica *Rosarium Virginis Mariæ* presente na seção anterior (3.5.3), o santo padre atribui a *glória* desta última *coroa* de mistérios do Rosário não somente ao Filho, nosso Senhor Jesus Cristo, mas também à Sua Mãe, a Virgem Maria. E isso será visto, explicitamente, nesse *mistério*, da *assunção* de Nossa Senhora ao Céu, e no próximo de igual maneira.

Contudo, por não estar retratado de maneira desvelada nas Escrituras Sagradas, esse sublime evento, e, ainda mais, a adesão plena e irrenunciável da fé católica no dogma proclamado, pode causar estranhamento da parte dos que não estão inseridos na grei da Igreja. Não obstante, as palavras do papa Pio XII, na Constituição Apostólica *Munificentissimus Deus*, amparadas pelo testemunho dos *santos Padres*, traz uma luz esclarecedora sobre o assunto em questão, onde diz ele que

[...] convém sobretudo ter em vista que, já a partir do século II, os santos Padres apresentam a virgem Maria como nova Eva, sujeita sim, mas intimamente unida ao novo Adão na luta contra o inimigo infernal [...]. Assim como a ressurreição gloriosa de Cristo constituiu parte essencial e último troféu desta vitória, assim também a vitória de Maria santíssima, comum com a do seu Filho, devia terminar pela glorificação do seu corpo virginal.³⁷⁹

³⁷⁷ Sl 138(139),7.

³⁷⁸ 1Cor 2,10.

³⁷⁹ PIO XII. **Constituição Apostólica *Munificentissimus Deus***. Vaticano: 1950. Não paginado; MD 39. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/pius-xii/pt/apost_constitutions/documents/hf_p-xii_apc_19501101_munificentissimus-deus.html>. Acesso em: 28 abr. 2023.

A união de santidade de Nossa Senhora com seu Filho Cristo Jesus, visto que ela é a *cheia de graça*,³⁸⁰ é, de tal modo, tão profunda, que, tanto nesta vida terrena, quanto na morte e na vida eterna, as duas se configuram em uma adesão incomparável. De fato, não há como não pensar em Maria Santíssima como a primeira dentre *os que são de Cristo* na ordem da ressurreição e da glória,³⁸¹ visto que, diferentemente de todos os outros santos, ela já recebeu essa graça escatológica da parte de Deus ao fim de sua vida.³⁸²

São Luís Maria Grignon de Montfort, em sua obra sobre o Rosário Mariano, no que diz respeito a esse mistério, recomenda ao orante que suplique ao Senhor o dom da *verdadeira devoção* à Mãe de Deus,³⁸³ devoção essa que não poderia ter outro núcleo central, que é aquele atestado por são João em seu Evangelho a partir das palavras da própria Virgem Maria nas *Bodas* em Caná da Galileia: “*Fazei tudo o que ele vos disser*”.³⁸⁴

Na solenidade da *Assunção de Nossa Senhora*, a Igreja propõe, na liturgia da Santa Missa, na primeira leitura, tanto da Missa da *Vigília*, quanto na Missa do *dia*, uma interpretação *midráxica* de dois textos³⁸⁵ da Escritura que falam da *Arca da Aliança*. Ora, nessa mesma arca se encontravam os símbolos da aliança de Deus com Seu povo.³⁸⁶ Portanto, segundo a liturgia, dessa forma, a Santíssima Virgem também deve ser entendida como a *Arca da Nova Aliança*, pois abriga, em seu seio, o *símbolo* máximo e absoluto do Novo Testamento: o Verbo Encarnado. E como afirmam as palavras do livro de *Jó*, que *ninguém faz o puro sair do impuro*,³⁸⁷ aquela que gera, em seu ventre, o Filho de Deus, só pode ser puríssima. E é nesse espírito que os salmos 45(46) e 86(87) podem ser eficazes instrumentos na meditação desse mistério, pois são lidos à luz de Maria, como a *Cidade de Deus*, como explicita o *Ofício das Leituras do Comum de Nossa Senhora*, na *Liturgia das Horas*.³⁸⁸

³⁸⁰ Lc 1,28.

³⁸¹ 1Cor 15,23.

³⁸² CATECISMO..., 1992, não paginado; CEC 966.

³⁸³ MONTFORT, 2016, p. 146.

³⁸⁴ Jo 2,5, grifo nosso.

³⁸⁵ 1Cr 15,3-4.15-16; 16,1-2; Ap 11,19a; 12,1.3-6a.10ab.

³⁸⁶ Hb 9,4.

³⁸⁷ Jó 14,4.

³⁸⁸ LITURGIA DAS HORAS, 1999b, pp. 1521-1523; Sl 45(46); 86(87).

3.5.5 A *coroação* de Nossa Senhora como Rainha do Céu e da terra

O último mistério *glorioso* e, conseqüentemente, de todo o Rosário Mariano, é o da *coroação* de Nossa Senhora no Céu. Assim como o mistério anterior, da *assunção* de Maria, esse evento também não está presente nas Sagradas Escrituras de modo explícito, sendo algo fielmente crido pela Igreja tendo por fonte a sua Tradição e as mesmas Escrituras, porém, implicitamente, sendo necessária uma leitura que transcenda a pura dimensão *literal* e aparente no texto, um *midrash*.³⁸⁹

Mesmo sendo uma devoção presente na Igreja desde os seus primeiros séculos,³⁹⁰ a festa litúrgica da *realeza da Virgem Maria* foi instituída de modo oficial apenas no ano de 1954 pelo papa Pio XII, em sua Carta Encíclica *Ad Caeli Reginam*. Com efeito, sobre essa devoção e o seu reconhecimento universal, nos diz o pontífice:

Dos testemunhos da antiguidade cristã, das orações da liturgia, da inata devoção do povo cristão, das obras artísticas, de toda a parte recolhemos expressões que nos mostram que a virgem Mãe de Deus se distingue pela sua dignidade real; mostramos também que as razões, deduzidas pela sagrada teologia do tesouro da fé divina, confirmam plenamente essa verdade [...], a qual domina todas as coisas criadas e foi elevada aos reinos celestes, acima dos coros dos anjos.³⁹¹

Com essa declaração, Pio XII atesta o amplo depósito da fé da Igreja que confirma e venera essa devoção em particular da Virgem Maria – dentre tantas que existem, como, por exemplo, aquelas que estão em sua *ladainha lauretana*³⁹² – e que, por sua grande importância, não poderia ficar de fora do calendário litúrgico católico, para que fosse

³⁸⁹ MCKENZIE, John L. **Dicionário Bíblico**. 5. ed. São Paulo: Paulus, 1983. pp. 609-610.

³⁹⁰ PIO XII. **Carta Encíclica *Ad Caeli Reginam***. Vaticano: 1954. Não paginado; ACR 1. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/pius-xii/pt/encyclicals/documents/hf_p-xii_enc_11101954_ad-caeli-reginam.html>. Acesso em: 29 abr. 2023.

³⁹¹ PIO XII, 1954, não paginado; ACR 44.

³⁹² A SANTA SÉ. **Ladainha de Nossa Senhora**. Vaticano: [s.d.]. Não paginado. Disponível em: <https://www.vatican.va/special/rosary/documents/lit-anie-lauretane_po.html>. Acesso em: 29 abr. 2023.

cada vez mais objeto de amor e piedade do povo de Deus, já que está presente também, há vários séculos, nos lábios e no coração daqueles que procuram meditar os mistérios da fé nas contas do Rosário Mariano.

Por fim, para enriquecer ainda mais a contemplação desse evento no itinerário do *Saltério Angélico* por parte do orante que o vai colocar diante dos olhos e da mente, o salmo *régio* 44(45) indica, sobretudo a partir do seu versículo 10, a figura da *rainha* que ingressa no palácio do rei com glória e esplendor. Esse salmo, segundo a liturgia da Igreja, pode ser utilizado para se referir à Virgem Santíssima, já que está elencado nas leituras propostas para a Missa do *dia* na solenidade da *Assunção de Nossa Senhora*.³⁹³

Como se pôde notar nas seções apresentadas nesse terceiro capítulo, as palavras dos salmos são precisas no que tange aos acontecimentos da vida de Jesus Cristo em seus mais diversos períodos, como, justamente, abrangem cada um dos vinte mistérios contemplados na oração do Rosário. De fato, isso pode ser notado nas várias festas e solenidades de Jesus e de Maria que perpassam o ano litúrgico, onde, nas celebrações, o salmo responsorial é recitado no espírito do evento sagrado que se faz memória, sempre em consonância com as demais leituras hagiográficas. Eis o objetivo proposto desse trabalho: o uso dos salmos como auxílio meditativo para a contemplação dos mistérios do Rosário Mariano.

³⁹³ SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO, 2021b, pp. 1037-1038.

CONCLUSÃO

O objetivo proposto para a confecção desta monografia foi estabelecer a conexão de sentido entre as palavras contidas nos salmos bíblicos e os eventos salvíficos da vida de nosso Senhor Jesus Cristo evidenciados nos vinte mistérios do Rosário Mariano. Ao longo da pesquisa em questão, se pôde notar como o caráter profético e existencial dos escritos sálmicos forneceram, como subsídio às palavras contidas nos Evangelhos e na Tradição Eclesiástica, um auxílio para uma compreensão mais profunda, partindo da ótica desse texto hagiográfico, tão caro para a Igreja, a fim de enriquecer ainda mais a experiência meditativa daquele que se debruça em oração sobre o *Saltério Angélico*.

No primeiro capítulo, foi necessária uma compreensão basilar sobre os salmos e o seu livro homônimo, além do seu uso litúrgico no meio judaico e católico. Foi visto que esses poemas sagrados, organizados em cinco pequenos livros dentro da obra maior, expressam, primordialmente inspirados por Deus, a própria experiência de vida do hagiógrafo, seja singularmente, seja como *porta-voz* de todo o povo eleito na Velha Aliança. Ademais, seu conteúdo é exaustivamente explorado nos escritos neotestamentários, evidenciando, de maneira mais plena, o teor profético que os salmos apregoam, principalmente sobre Cristo Jesus, a Virgem Maria e a Igreja.

Em seguida, fez-se mister explorar o tema do Rosário Mariano, sua história, fundamentos, forma e importância para a Igreja, tanto no âmbito docente, expressado pelos documentos e palavras dos Pontífices Romanos, quanto na parte discente, na simplicidade da piedade popular que recorre às contas do *terço* procurando, suplicando, agradecendo e amando a santa Mãe de Deus, na récita da *Oração dominical* e da *Saudação Angélica*, trazendo à mente e ao coração os principais episódios da Encarnação, missão, Paixão e glória do Filho de Deus. Foi nesse capítulo que, mormente na seção histórica, a sua união com o saltério bíblico não está restrita à dimensão espiritual, mas foi demonstrada também na própria forma e simbologia da oração em si, sobretudo na numeração global de *cento e cinquenta*, quantidade tanto dos salmos canônicos, quanto das *Ave-Marias* contidas nos quinze mistérios consagrados ao longo dos séculos, antes da oportuna edição de São João Paulo II em 2002, em sua Carta Apostólica *Rosarium Virginis Mariae*.

E, por fim, no último capítulo, foi proposta a união orante entre os dois objetos de estudo aprofundados anteriormente, incluindo

também a forma como isso se dá na prática meditativa feita por aquele que reza. Essa fusão entre os salmos bíblicos e o Rosário Mariano se deu pela relação de um ou mais poemas sagrados com temas afins ao mistério evidenciado, onde, de modo mais ou menos explícito, o evento salvífico anunciado e refletido no decorrer das *Ave-Marias* pudesse ser enxergado e compreendido nas palavras contidas nos escritos da Antiga Aliança, provando assim, essa união intertestamentária que converge para a Pessoa do *Messias* prometido. E tudo isso não sem bases e pressupostos que assegurassem sua validade, seja por textos da Tradição da Igreja ou comentadores modernos, seja pelo uso desses mesmos salmos nos dias litúrgicos das memórias, festas ou solenidades homônimas dos episódios sagrados inclusos no *Saltério de Maria*.

Dessa forma, dentre tantos outros auxílios meditativos que o cristão pode se servir em sua vida espiritual, essa maneira de conjugar os salmos bíblicos e a oração do Rosário vem ser, como propõe, uma forma a mais de compreender a vida de Cristo e o Seu desígnio salvífico a partir das palavras inspiradas por Deus que apontam para Ele séculos antes de Sua Encarnação e Redenção na Cruz. Assim sendo, tanto o coração do hagiógrafo que compunha o poema sacro centúrias anteriores esperando *Aquele que receberá o cetro e o bastão de Judá e a Quem os povos obedecerão* (Gn 49,10), quanto a alma do cristão que, recitando, dois milênios depois, a *Saudação Angélica*, *sabe que o seu Redentor está vivo, e que se levantou sobre o pó* (Jó 19,25), concorrem para um mesmo fim, um mesmo amor: Cristo Jesus Salvador.

REFERÊNCIAS

- A SANTA SÉ. **Ladainha de Nossa Senhora**. Vaticano: [s.d.]. Não paginado. Disponível em: <https://www.vatican.va/special/rosary/documents/litanie-lauretane_po.html>.
- AGOSTINHO DE HIPONA. **Comentário aos Salmos**: Salmos 101-150. São Paulo: Paulus, 1998.
- _____. **Comentário aos Salmos**: Salmos 51-100. São Paulo: Paulus, 1997.
- BENTO XVI. **Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Verbum Domini***. Vaticano: 2010. Não paginado. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/apost_exhortations/documents/hf_ben-xvi_exh_20100930_verbum-domini.html>.
- _____. **Homilia na Procissão Eucarística das Velas no Largo do Rosário em Lourdes**. Lourdes, 13 set. 2008. Não paginado. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/homilies/2008/documents/hfb-en-xvi_hom_20080913_lourdes-processione.html>.
- BÍBLIA: Tradução Ecumênica. São Paulo: Loyola, 1994.
- BÍBLIA de Jerusalém. 5. ed. São Paulo: Paulus, 2008.
- BIBLIA HEBRAICA STUTTGARTENSIA. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1997.
- BÍBLIA SAGRADA: Santos Evangelhos. 1. v. Braga: Edições Theologica, 1985.
- CARNITI, Cecilia; SCHÖKEL, Luis A. **Salmos I**: Salmos 1-72. Trad. João Rezende Costa. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2021.
- _____. **Salmos II**: Salmos 73-150. Trad. João Rezende Costa. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2021.
- CATECISMO da Igreja Católica. Vaticano: 1992. Não paginado. Disponível em: <https://www.vatican.va/archive/catechism_po/index_ne w/p1s2cap2_422-682_po.html>.

CHITTISTER, Joan. **Em busca da paz: como rezar o rosário por meio dos salmos**. Trad. Barbara T. Lambert. São Paulo: Paulinas, 2014.

CONCÍLIO VATICANO II, 1962-1965, Vaticano. **Constituição Conciliar *Lumen Gentium***. Vaticano: 1964. Não paginado. Disponível em: <https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19641121_lumen-gentium_po.html>.

_____. **Constituição Conciliar *Sacrosanctum Concilium***. Vaticano: 1963. Não paginado. Disponível em: <https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19631204_sacrosanctum-concilium_po.html>.

_____. **Constituição Dogmática *Dei Verbum***. Vaticano: 1965. Não paginado. Disponível em: <https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651118_dei-verbum_po.html>.

CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE, V, 2007, Aparecida. **Documento de Aparecida**: texto conclusivo. 7. ed. Brasília: CNBB, 2008.

CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A PASTORAL DOS MIGRANTES E ITINERANTES. **O santuário**: memória, presença e profecia do Deus vivo. Vaticano: 1999. Não paginado. Disponível em: <https://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/migrants/documents/rc_pc_migrants_doc_19990525_shrine_po.html>.

COS, Julián de. **Historia del rosario**. Madrid: Oficina de Comunicación Dominicos España, [s.d.]. Disponível em: <<https://www.dominicos.org/espiritualidad/rosario/historia/>>.

DANIEL-ROPS. **A Igreja das catedrais e das cruzadas**. São Paulo: Quadrante, 1993.

DENZINGER, Heinrich; HÜNERMANN, Peter (Org.). **Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral**. 40. ed. São Paulo: Loyola, 2006.

DI SANTE, Carmine. **Liturgia Judaica**: fontes, estrutura, orações e festas. Trad. João Aníbal G. S. Ferreira. São Paulo: Paulus, 2004.

FRANCISCO. **Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium***. Vaticano: 2013. Não paginado. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html>.

_____. **Exortação Apostólica *Gaudete et Exsultate***. Vaticano: 2018. Não paginado. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20180319_gaudete-et-exsultate.html>.

GIULIETTI, Emanuele. **História do Rosário**. Trad. José Bortolini. São Paulo: Paulus, 2014.

INSTRUÇÃO Geral do Missal Romano e Introdução ao Lecionário: texto oficial da terceira edição típica do Missal Romano. 8. ed. Brasília: CNBB, 2023.

JOÃO PAULO II. **Carta Apostólica *Rosarium Virginis Mariae***. São Paulo: Paulus; Loyola, 2002.

LEÃO XIII. **Carta Encíclica *Supremi Apostolatus Officio***. Vaticano: 1883. Não paginado. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/leo-xiii/pt/encyclicals/documents/hf_l-xiii_enc_01091883_supremi-apostolatus-officio.html>.

LIGÓRIO, Afonso M. de. **Glórias de Maria**: Com indicação de leituras e orações para dois Meses Marianos. Aparecida: Santuário, 1987.

LIRA, Bruno C. **A Virgem Maria no ano litúrgico**. São Paulo: Paulinas, 2018.

LITURGIA DAS HORAS. 1. v. Petrópolis: Vozes, 1999.

_____. 3. v. Petrópolis: Vozes, 2000.

_____. 4. v. Petrópolis: Vozes, 1999.

MCKENZIE, John L. **Dicionário Bíblico**. 5. ed. São Paulo: Paulus, 1983.

MISSALE Romanum. 5. ed. Estados Unidos da América: Benzinger Brothers, 1945.

MONTFORT, Luís M. G. **O segredo admirável do Santíssimo Rosário**. Trad. Robson Carvalho. Campinas: Ecclesiae, 2016.

ORÍGENES. **Tratado sobre os princípios**. São Paulo: Paulus, 2012.

PIO XII. **Carta Encíclica *Ad Caeli Reginam***. Vaticano: 1954. Não paginado. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/pius-xii/pt/encyclicals/documents/hf_p-xii_enc_11101954_ad-caeli-reginam.html>.

_____. **Constituição Apostólica *Munificentissimus Deus***. Vaticano: 1950. Não paginado. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/pius-xii/pt/apost_constitutions/documents/hf_p-xii_apc_19501101_munificentissimus-deus.html>.

RE, Giovanni B. et al. **Rosario: Preghiera prediletta**. Roma: Nova Itinera, 2003.

SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO. **Palavra do Senhor I**: lecionário dominical A-B-C. São Paulo: Paulus, 2021.

_____. **Palavra do Senhor III**: lecionário para as missas dos santos, dos comuns, para diversas necessidades e votivas. São Paulo: Paulus, 2021.

STADELMANN, Luís I. J. **Os salmos**: comentário e oração. Petrópolis: Vozes, 1999.

TERRA, João E. M. **A oração no Antigo Testamento**. São Paulo: Loyola, 1974.

TOMÁS DE AQUINO. **Suma Teológica**. Caxias do Sul: Sulina, 1980.

